



Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Mestrado em Turismo

Gestão Estratégica de Destinos Turísticos

Caminhar Para Além do Óbvio

Itinerários Culturais em Bairros Periféricos de Lisboa

Daniela Filipa Lourenço Pereira

Dezembro de 2022

Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Daniela Filipa Lourenço Pereira

Caminhar Para Além do Óbvio

Itinerários Culturais em Bairros Periféricos de Lisboa

Dissertação apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril
para a obtenção do grau de Mestre em Gestão Estratégica de Destinos
Turísticos

Orientador: Professor Doutor Luís Miguel Brito

Coorientador: Professor Doutor Vítor Ambrósio

Dezembro, 2022

Agradecimentos

A elaboração desta dissertação contou com o apoio e colaboração de diversas pessoas e entidades, a quem expresso os meus sinceros agradecimentos, nomeadamente:

Aos meus pais e irmão pelo apoio e incentivo dado ao longo de toda a investigação.

Aos Professores Miguel Brito e Vítor Ambrósio por todas as sugestões e ajudas fornecidas, pela constante disponibilidade e pelo apoio e motivação que me permitiram terminar a dissertação.

Às Juntas de Freguesia do Beato, Lumiar, São Domingos de Benfica e Carnide e aos guias Pedro Vaz, Inês Ribeiro, Cátia Garcia, Nuno Oliveira e José Antunes pela disponibilidade a responder a todos os meus pedidos.

Agradeço também aos meus amigos e familiares, em particular à “Amadora”, que demonstraram disponibilidade para me acompanharem no trabalho de campo.

Índice

Agradecimentos	iii
Índice de Figuras	vi
Resumo.....	vii
Abstract	viii
Lista de Siglas e Acrónimos	ix
Introdução.....	1
1.1. Procedimentos e Técnicas de Investigação.....	1
1.2. Estrutura de Desenvolvimento do Trabalho	2
1.3. Justificação do Tema	3
Capítulo I: Revisão da Literatura	4
1. Turismo Cultural.....	4
1.1. Conceito de Turismo Cultural.....	4
1.2. Tipologias de Turismo Cultural.....	8
1.3. Papel do Turismo Cultural.....	10
1.4. Perfil do Turista Cultural	12
1.5. Oferta do Turismo Cultural	14
2. Turismo em Lisboa	16
2.1. Principais Pontos de Interesse na Cidade de Lisboa	17
Capítulo II: Itinerários Culturais	22
1. Conceito de Itinerário Cultural.....	22
1.1. Tipos de Itinerários.....	23
1.2. Elaboração de um Itinerário.....	26
Capítulo III: Estudo de Caso.....	28
1. Modelo de Análise e Observação.....	28
2. Análise das Entrevistas.....	29
2.1. Planeamento e Implementação	29
2.2. Análise de Entrevistas	32
Capítulo IV: Elaboração de Itinerários Temáticos	47
1. Carnide	47
1.1. Introdução a Carnide.....	47
1.2. Levantamento de Recursos.....	47
1.3. Itinerário Temático em Carnide: <i>Uma Aldeia na Cidade</i>	49
2. São Domingos de Benfica.....	56
2.1. Introdução a São Domingos de Benfica	56
2.2. Levantamento de Recursos.....	57

2.3. Itinerário Temático em São Domingos de Benfica: <i>Uma freguesia de Quintas e Palácios</i>	58
3. Lumiar.....	66
3.1. Introdução ao Lumiar	66
3.2. Levantamento de Recursos.....	67
3.3. Itinerário Temático na Freguesia do Lumiar: <i>Nasc' Arte no Lumiar</i>	68
4. Beato	79
4.1. Introdução ao Beato.....	79
4.2. Levantamento de Recursos.....	80
4.3. Itinerário Temático na Freguesia do Beato: <i>Do Rural ao Industrial - Beato sem Curvas</i>	81
Conclusão e Considerações Finais.....	93
Referências Bibliográficas	98
Anexos.....	109

Índice de Figuras

Figura 1: Campo de Definições do Turismo Cultural	7
Figura 2: Tipologia do Turismo Cultural I	9
Figura 3: Tipologia do Turismo Cultural II	9
Figura 4: Classificação dos Recursos Culturais.....	14
Figura 5: Tipologia de Atrações	15
Figura 6: Objetivos, Hipóteses e Questões das Entrevistas aos Guias.....	30
Figura 7: Objetivos, Hipóteses e Questões das Entrevistas às JF	31
Figura 8: Síntese das Entrevistas aos Guias	33
Figura 9: Síntese das Entrevistas às JF	36
Figura 10: Objetivo 1 (Guias): Hipóteses	38
Figura 11: Objetivo 2 (Guias): Hipóteses	39
Figura 12: Objetivo 3 (Guias): Hipóteses	40
Figura 13: Objetivo 4 (Guias): Hipóteses	41
Figura 14: Objetivo 1 (JF): Hipóteses	42
Figura 15: Objetivo 2 (JF): Hipóteses	44
Figura 16: Objetivo 3 (JF): Hipóteses	46
Figura 17: Recursos de Carnide	48
Figura 18: Itinerário em Carnide.....	55
Figura 19: Recursos de São Domingos de Benfica	57
Figura 20: Itinerário em São Domingos de Benfica	65
Figura 21: Recursos do Lumiar	67
Figura 22: Itinerário no Lumiar	78
Figura 23: Recursos do Beato.....	80
Figura 24: Itinerário no Beato.....	91

Resumo

O Turismo Cultural tem demonstrado um crescimento exponencial tanto no turismo internacional como no nacional.

Apesar dos diversos conceitos atribuídos a este tipo de turismo, pode considerar-se o turismo cultural como o conjunto de deslocações de turistas cuja motivação principal é aprender, descobrir, experienciar e consumir produtos e atrações de foro cultural, sejam elas tangíveis ou intangíveis.

Lisboa, devido às condições climáticas, preços acessíveis e oferta turística, tem ganho um forte dinamismo turístico, principalmente cultural. Contudo, apesar dos milhões de visitantes que recebe todos os anos, tanto a oferta como a procura não são homogéneas na cidade, concentrando-se a procura nas freguesias do Centro Histórico e em Belém.

É inegável que Lisboa tem mais para oferecer, possuindo um vasto e diferenciado património ao longo de todas as freguesias. Apesar de ser reconhecida como um destino de qualidade, a polarização da oferta e da procura turística deve ser combatida, permitindo o crescimento sustentável do Centro Histórico e de outras freguesias da capital.

Palavras-chave: turismo cultural, itinerários temáticos pedestres, Lisboa, freguesias, Beato, Lumiar, São Domingos de Benfica, Carnide

Abstract

Cultural Tourism has shown exponential growth in both international and national tourism.

Despite the various concepts given to this type of tourism, it can be considered as the set of tours whose main motivation is cultural: to learn, discover, experience and consume products and cultural attractions, whether they are tangible or intangible.

Due to the climatic conditions, low prices and tourist offer, Lisbon benefits of a strong tourism dynamism, mainly cultural. Despite the millions of visitors every year, both supply and demand are not homogeneous in the city, concentrating demand in the Historical Center and in Belém.

It is undeniable that Lisbon has more to offer, with a vast and differentiated heritage throughout all parts of the city. Despite being recognized as a destination of quality, the polarization of supply and demand must be fought, allowing the sustainable growth of the Historic Center and other areas of Lisbon.

Keywords: cultural tourism, thematic itineraries, walking tours, Lisbon, parishes, Beato, Lumiar, São Domingos de Benfica, Carnide

Lista de Siglas e Acrónimos

CML – Câmara Municipal de Lisboa

DGPC - Direção Geral do Património Cultural

FIL - Feira Internacional de Lisboa

ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios

JF – Junta de Freguesia

SDB – São Domingos de Benfica

s.d. – Sem data

Introdução

1.1. Procedimentos e Técnicas de Investigação

A realização do presente estudo desenvolve-se ao longo de diversas etapas que fazem parte da investigação tais como a estrutura do trabalho, as questões formuladas inicialmente, tendo em conta a problemática estudada, justificação do tema, definição de pergunta ou perguntas de partida, objetivos, revisão da literatura referente ao tema, análise e apresentação da problemática, escolha e construção do método de análise e técnica de recolha de dados e a análise dos dados.

Desta forma, o trabalho desenvolve-se em sete etapas de investigação, como sugere Campenhoudt, et al. (2017):

1. Definição da pergunta de partida ou objetivo da investigação- contribuir para o conhecimento sobre turismo cultural e itinerários turísticos e para o desenvolvimento de novos itinerários temáticos no concelho de Lisboa;
2. Exploração e revisão da literatura- conceito de Turismo Cultural, Turismo Cultural em Lisboa e Itinerários Culturais;
3. Problemática- Polarização da oferta e procura cultural em Lisboa;
4. Construção do modelo de análise: Formulação de hipóteses apresentadas no capítulo referente às entrevistas e construção dos itinerários;
5. Observações- Testagem das hipóteses através de entrevistas a cinco guias e quatro juntas de freguesia;
6. Análise- Transcrição e análise individual de cada entrevista e comparação entre as mesmas e testagem dos itinerários propostos;
7. Conclusões.

Numa primeira etapa foi necessário construir e definir uma pergunta de partida ou objetivo geral (contribuir para o conhecimento sobre turismo cultural e itinerários turísticos e para o desenvolvimento de novos itinerários temáticos no concelho de Lisboa) que servisse como fio condutor da investigação. A partir desse objetivo geral foram construídos objetivos específicos que serviram para limitar os conteúdos de investigação e o foco do estudo: aprofundar o conceito de turismo cultural; apresentar o perfil tipo do turista cultural; analisar o turismo cultural existente no concelho de Lisboa; investigar sobre o desenho dos itinerários turísticos e a sua operacionalização; identificar os itinerários de *walking tours* existentes em Lisboa; criar novos itinerários temáticos criativos em freguesias menos turísticas do concelho.

Segundo Marcelino (2016) qualquer trabalho de investigação social pressupõe a realização de uma pesquisa bibliográfica profunda, através do uso de fontes documentais, sobretudo revistas, artigos e livros do campo de investigação. Assim, foram aprofundados conhecimentos teóricos sobre o turismo cultural, em particular em Lisboa, e sobre os itinerários culturais e temáticos. A pesquisa bibliográfica foi realizada tendo em conta os objetivos definidos inicialmente, procurando apresentar e comparar diferentes abordagens referentes ao mesmo tema.

As técnicas de observação e análise adotadas para a investigação foram a aplicação de dois conjuntos distintos de entrevistas, um a guias de Lisboa, e o outro a presidentes, ou seus representantes, das Juntas de Freguesia do Lumiar, Beato, São Domingos de Benfica e Carnide, as freguesias escolhidas para realização dos itinerários. As entrevistas aos guias tiveram como objetivo obter informações sobre os itinerários turísticos de Lisboa e o processo de construção dos mesmos. Já as entrevistas aos elementos das Juntas de Freguesia permitiram recolher informações sobre o turismo existente e os recursos presentes nas freguesias.

Por fim, numa última etapa, realizou-se a apresentação das conclusões do caso de estudo. A conclusão compreende três grandes tópicos: a retrospectiva dos procedimentos seguidos; uma apresentação pormenorizada dos seus contributos para o conhecimento; e considerações práticas do estudo, ou seja, se este poderá ou não contribuir, a nível prático, para contrariar a problemática em estudo (Campenhoudt et al., 2017).

1.2. Estrutura de Desenvolvimento do Trabalho

A presente dissertação está estruturada segundo um conjunto de capítulos, um introdutório, dois teóricos e dois práticos. O capítulo introdutório corresponde à revisão da literatura e enquadramento do tema escolhido, sistematizando conceitos ligados ao turismo cultural e ao tipo de turista e oferta associada, particularmente na cidade de Lisboa. O segundo capítulo é dedicado ao estudo dos itinerários culturais e a sua conceção. O terceiro capítulo corresponde à apresentação e análise dos resultados obtidos da investigação, através das entrevistas realizadas aos guias e responsáveis das juntas de freguesia. Pretende-se entender, nas entrevistas aos guias, quais os *walking tours* mais procurados em Lisboa e o porquê, saber por que motivo os guias criam *walking tours*, conhecer o método de construção de um itinerário e perceber qual a melhor forma de atrair novos visitantes a freguesias menos procuradas. Por sua vez, as entrevistas aos autarcas das juntas de freguesia, têm como objetivo saber qual a importância turística da freguesia e o que tem para oferecer, perceber o que pensam do desenvolvimento turístico da freguesia e conhecer as estratégias utilizadas para atrair visitantes à mesma. O último capítulo é o produto da investigação feita anteriormente, resultando na elaboração de quatro *walking tours*, um em cada uma das freguesias, com temáticas e características diversificadas.

Estrutura de desenvolvimento do trabalho:

- Introdução
- Capítulo I: Revisão da Literatura
- Capítulo II: Itinerários Culturais
- Capítulo III: Entrevistas
- Capítulo IV: Elaboração de Itinerários Temáticos
- Conclusão e Considerações Finais

1.3. Justificação do Tema

A presente dissertação de Mestrado em Turismo, com especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos é o resultado de uma investigação centrada na polarização da procura e oferta de turismo cultural em Lisboa. Tendo como principal objeto de estudo a cidade de Lisboa, em particular as freguesias do Lumiar, Beato, São Domingos de Benfica e Carnide, procura-se, através da construção de itinerários temáticos em cada uma destas freguesias, contribuir para o reconhecimento e valorização do património diversificado de cada um destes locais.

Portugal, e em particular a cidade de Lisboa, é um mercado turístico de grande importância. Desta forma, o turismo cultural demonstra uma elevada relevância para o país, tanto a nível económico como para a preservação do património, identidade, cultura e tradição. A procura turística demonstra-se superior nas grandes cidades portuguesas, Lisboa e Porto, e, na época alta, no Algarve. Contudo, nem na cidade mais visitada, Lisboa, existe homogeneidade, observando-se uma grande concentração de turistas e de equipamentos turísticos nas freguesias do Centro Histórico e em Belém, em comparação com freguesias mais periféricas, com pouca oferta e ainda menor procura.

Neste sentido, a razão da escolha deste tema de investigação está relacionada com o meu gosto e interesse em património, cultura e, em especial, itinerários turísticos. A escolha da cidade de Lisboa como caso de estudo deveu-se à proximidade e carinho sentido pela mesma e à procura de conhecer e dar a conhecer mais e melhor o património, atividades, experiências e locais desconhecidos de muitos portugueses e da maioria dos estrangeiros que visitam a cidade.

Capítulo I: Revisão da Literatura

1. Turismo Cultural

1.1. Conceito de Turismo Cultural

O Turismo é uma atividade que tem vindo a crescer bastante nos últimos anos. O que outrora era uma atividade destinada a elites, hoje encontra-se acessível a grande parte da população.

Apesar de ser um conceito relativamente recente, o turismo tem origens bastante remotas.

A primeira vez que se realizaram movimentos turísticos foi no século XVII quando se iniciou, na Europa, um novo tipo de viagens culturais – o *Grand Tour*- ou seja, visitas destinadas aos jovens da elite inglesa a locais histórico-culturais da Europa. Com a revolução industrial, no século XVIII, o turismo sofreu a sua primeira expansão devido aos avanços tecnológicos e ao aumento de acesso das classes altas ao turismo (Alves, 2016).

Já no século XIX, Thomas Cook elabora os primeiros pacotes turísticos que resultaram não só na democratização do turismo como também no aumento da procura e oferta turística, principalmente em destinos culturais (Richards, 2021).

Com o fim da II Guerra Mundial houve um grande aumento do turismo, principalmente do turismo de massas. Este aumento deveu-se à melhoria das condições de vida e de trabalho, com a redução dos horários laborais e aumento dos salários bem como o sentimento de maior segurança por parte da população.

Por fim, nos anos 90 do século XX, o turismo cultural foi considerado um dos maiores segmentos do turismo global, sendo que, segundo a Organização Mundial de Turismo, 40% dos turistas eram culturais. Desta forma, os destinos começaram a utilizar a cultura para criar uma nova identidade e união nacional que fosse atrativa para os seus visitantes (Richards, 2021).

O conceito de turismo é, ainda hoje, abrangente e complexo. Marcelino (2016) cita Jafari (1977) que defende que o turismo é o estudo do ser humano fora do seu meio habitual, o da indústria que responde às suas necessidades e dos impactos de ambos sob o ponto de vista sociocultural, económico e físico.

O próprio turismo divide-se em várias categorias como ecoturismo, turismo de negócios, turismo de sol e praia, turismo de saúde, turismo de natureza, entre muitos outros. Uma das categorias com maior impacto é, sem dúvida, o turismo cultural.

O turismo cultural apresenta-se como uma das formas de turismo mais antigas, podendo ser considerado a procura de conhecimentos culturais, históricos e artísticos fora do local de residência, tendo como principal objetivo o enriquecimento pessoal e cultural (Marcelino, 2016).

Apesar da prática do turismo cultural ser antiga, o seu conceito é bastante recente e, ainda hoje, não existe um consenso em relação ao mesmo, uma vez que deriva de dois outros conceitos bastante problemáticos: a cultura e o turismo.

Para Alves (2016) a definição de cultura é quase tão vasta quanto a de turismo, sendo que esta pode variar de autor para autor.

Williams (1979), citado por Marcelino (2016), enumera três formas de entender a cultura: antropologicamente, sociologicamente e esteticamente.

A cultura, analisada de forma antropológica, é concetualizada como os modos de viver, pensar, falar, fazer e fabricar de cada comunidade. Para Pérez (2009) este conceito de cultura procura diminuir o etnocentrismo e o elitismo, defendendo o universalismo da cultura humana e a particularidade de cada cultura.

Numa perspetiva sociológica, a cultura é reduzida à produção e consumo de atividades culturais, estando, por isso, muito ligada às políticas culturais. Nesta perspetiva a cultura é vista como indústria cultural, procurando produzir e consumir produtos culturais da mesma forma que outros bens de consumo (Pérez, 2009).

Por fim, o uso estético define a cultura como atividades intelectuais e artísticas como a música, literatura, pintura, escultura e teatro. Esta definição está muito ligada à ideia de “alta cultura”, procurando a produção de cultura apenas direcionada para uma elite letrada (Pérez, 2009).

A cultura pode ainda ser vista como as formas padronizadas de pensar, sentir e reagir, adquiridas e transmitidas através de símbolos que poderão marcar uma determinada cultura, como são exemplos os artefactos (Lébron, 2013)

Para Minkov (2013) cultura é a transmissão e criação de conteúdos e de padrões de valores, ideias e outros sistemas simbólicos enquanto fatores influenciadores do comportamento humano.

Reimão (1996), defende que a cultura é um modelo de compreensão das experiências, atitudes e juízos em relação um mesmo assunto. Considera-a ainda como o conjunto de saberes e práticas partilhadas, representando um modelo de um certo sistema que é transmitido pela tradição.

Apesar das inúmeras definições de cultura, o que é certo é que esta está, cada vez mais, a ser utilizada por parte do turismo, que a transforma num produto consumível, processo denominado turistificação da cultura (Henriques, 2008).

Alves (2016) defende que existem três formas culturais que atraem os turistas a certos destinos: a cultura inanimada, a cultura refletida e a cultura especialmente animada. A cultura inanimada não envolve diretamente a atividade humana, podendo assumir-se através da visita a monumentos, compra de artesanato, entre outros. No que diz respeito à cultura refletida, esta reflete o dia-a-dia das comunidades a visitar, o turista procura observar as atividades de lazer, económicas e sociais dos habitantes. Por fim, a cultura especialmente animada são atividades culturais mais ativas que podem envolver acontecimentos especiais, históricos ou famosos como festivais de música ou reconstituições de batalhas.

Assim sendo, a World Tourism Organization (2003) define o turismo cultural como:

“A type of tourism activity in which the visitor’s essential motivation is to learn, discover, experience and consume the tangible and intangible cultural attractions/products in a tourism destination. These attractions/products relate to a set of distinctive material, intellectual, spiritual and emotional features of a society that encompasses arts and architecture, historical and cultural heritage, culinary heritage, literature, music, creative industries and the living cultures with their lifestyles, value systems, beliefs and traditions”¹.

Desta forma a Organização Mundial de Turismo destaca a importância do património no turismo cultural que, para Alves (2016), se apresenta como um conceito aberto, dinâmico e flexível que ampliou e diversificou as áreas culturais.

O património pode ser dividido em dois grupos: património construído ou edificado e património etnográfico. O património edificado engloba testemunhos que descrevem a criação humana do seu habitat, através de, por exemplo, vestígios arqueológicos, arquitetónicos e urbanísticos. Por outro lado, o património etnográfico identifica hábitos e costumes de determinadas regiões que são referenciadoras de uma identidade cultural (Ramalho, 2001).

O património pode ser utilizado em prol do turismo cultural quando este se encontra acessível ao público, podendo ser conhecido e usufruído. Este património é ainda uma possível fonte de revitalização e atração de cidades, através de novos visitantes que trazem vantagens diretas e indiretas (Carrasco, 2005).

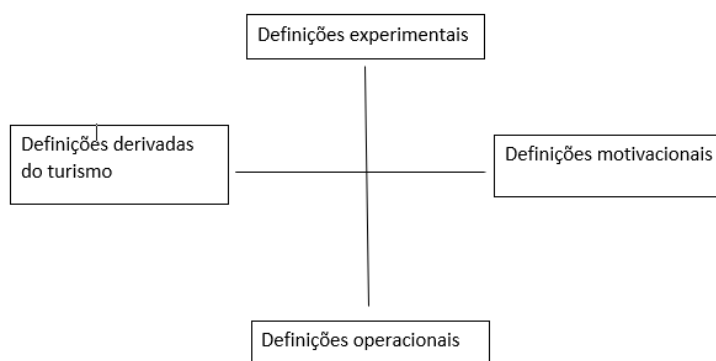
Desta forma pode considerar-se o turismo cultural como uma forma de turismo que está constantemente em mutação, servindo o propósito de responder à procura através da criação de novos produtos e experiências turísticas.

Apesar de ser inquestionável o papel fundamental da cultura e do património no turismo cultural, o conceito do mesmo ainda não é consensual entre a comunidade académica.

Greg Richards (2003), cita McKercher e Du Cros (2002), defendendo que o turismo cultural se pode dividir em quatro princípios de classificação: definições derivadas do turismo, derivadas da motivação, definições experimentais e, por fim, definições operacionais (Figura 1).

¹ Tipo de atividade turística na qual a motivação principal do visitante é aprender, descobrir, experienciar e consumir produtos e atrações culturais, tangíveis e intangíveis, num destino turístico. Estas atrações ou produtos estão relacionadas com um conjunto de materiais, intelectuais, espirituais e emocionais, característicos de uma sociedade que engloba arte e arquitetura, património histórico-cultural, gastronomia, literatura, música, indústrias criativas e as culturas próprias com os seus estilos de vida, sistema de valores, crenças e tradições (Tradução do autor).

Figura 1: Campo de definições do turismo cultural



Fonte: Richards (2003)

O autor defende a apresentação de dois eixos que separam as quatro divisões. Num ponto do primeiro eixo colocam-se as definições experimentais que abordam a natureza do turismo cultural; no ponto oposto são colocadas as definições operacionais que procuram identificar os turistas culturais.

No segundo eixo destacam-se as definições derivadas do turismo e da motivação. A definição derivada do turismo olha para o turismo cultural através da perspetiva da indústria do turismo em geral, considerando o turismo cultural como apenas mais um segmento do turismo; por outro lado, as definições motivacionais começam por investigar a razão pela qual os turistas procuram este tipo de turismo.

Jaime-Axel Baudrihaye (1997), por sua vez defende que o turismo cultural é concebido através de uma perspetiva humanista baseada na relação entre o turista e o povo recetor, através das memórias e da inspiração, servindo como uma ponte de ligação entre povos diversificados.

Apesar de muitos autores defenderem que o turismo cultural pressupõe a procura de viagens com propósitos culturais, Marujo (2015) defende que existem estudos que comprovam que, em muitos casos, a cultura não surge como motivação principal, no entanto, já no destino, acaba por ser usufruída pelos turistas.

O turismo cultural pode oferecer diversos atrativos e, conseqüentemente, diferentes elementos como é o caso do artesanato, do idioma, gastronomia, arquitetura, entre outros. Desta forma, pode dividir-se o turismo cultural em quatro tipos principais: o turismo patrimonial que engloba, por exemplo, sítios históricos e culturais, monumentos e museus; o turismo de lugares de recordação e memória, como lugares onde ocorreram guerras, revoluções... e lugares que recordam a vida de personalidades; turismo de artes, através de espetáculos e festivais; e turismo de criação e aprendizagem cultural através de ateliers de artesanato e cursos de idiomas (Martins, 2016).

Durand (2007) distingue dois conjuntos de definições de turismo cultural, um baseado na oferta e outro na procura.

A oferta tem como foco as atrações e equipamentos culturais como é exemplo museus, festivais, gastronomia e pode ser classificada como o movimento de pessoas em torno de atrações particularmente culturais, fora do seu local de residência (Richards, 1996).

Já a procura baseia-se nas motivações e experiências dos turistas, não sendo atribuído um título prévio de equipamento de turismo cultural, mas sim tendo como base as interpretações de cada turista face à experiência turística. Para o autor, nesta definição, a motivação do turista tanto pode resultar numa visita a um museu ou local histórico como pode resultar na observação de pessoas a beber café.

Contudo, a ideia de que é possível separar o consumo da oferta é bastante arrojada, sobretudo hoje que o turista possui um papel ativo na construção da sua própria experiência (Ek et al., 2008).

A realidade é que o próprio turismo cultural é mutável uma vez que o consumo e produção turística estão em constante alteração. Desta forma, os conceitos e formas de abordagem tradicionais do turismo cultural acabam por não conseguir captar as relações entre os atores e estruturas deste tipo de turismo (Richards, 2021).

Richards (2021), baseando-se no *Report on Tourism and Culture Synergies* (2018) da Organização Mundial de Turismo, apresenta algumas das mudanças na relação entre o turismo e a cultura:

- Alteração da procura de património tangível para património intangível;
- Maior foco no dia-a-dia dos povos visitados;
- Fragmentação do turismo cultural em inúmeros nichos de mercado;
- Criação de novos intermediários;
- Alteração do turismo de elites para turismo de massas e criação de novas formas de distinção;
- Um conceito mais amplo de cultura como objeto do turismo.

Apesar da sua antiguidade e da tentativa de diversos académicos de definir o conceito de turismo cultural, ainda hoje é difícil saber quais são as fronteiras do turismo cultural. Na realidade, é difícil encontrar uma atividade turística que não esteja, de certa forma, ligada ao turismo cultural.

1.2. Tipologias de Turismo Cultural

O turismo cultural, por ser um conceito tão extenso e abrangente, subdivide-se em diversas categorias.

Pérez (2009), cita Smith (2003), defendendo que o turismo cultural se divide em sete tipos de turismo distintos: turismo patrimonial, turismo das artes, turismo criativo, turismo urbano, turismo indígena e turismo popular (figura 2).

Figura 2: Tipologias do Turismo Cultural I

Tipos de Turismo Cultural	Lugares e atividade de Interesse
Turismo Patrimonial	Visitas a monumentos, museus, lugares religiosos e escavações arqueológicas, etc.
Turismo de Arte	Visitas a teatros, concertos, galerias de exposições, festivais e eventos, etc.
Turismo Criativo	Fotografia, pintura, cerâmica, ofícios, aprendizagem de línguas, etc.
Turismo Cultural Urbano	Cidades históricas, desenvolvimento de frentes ribeirinhas, atrações artísticas e patrimoniais, compras, vida noturna, etc.
Turismo Cultural Rural	Quintas e agroturismo, ecomuseus, paisagens culturais, trilhos, parques naturais, etc.
Turismo Cultural Indígena	<i>Trekking</i> , artes e ofícios, visitas a centros culturais, festivais, etc.
Turismo Cultural Popular	Parques temáticos, centros comerciais, concertos de música pop, eventos desportivos, património industrial, etc.

Fonte: Brito (2010), adaptado de Smith (2003).

Após uma análise cuidada, Brito (2010), defende que existem cinco tipologias de turismo cultural: turismo patrimonial, que engloba visitas a cidades, monumentos, execução de fotografia, cerâmica...; turismo ambiental, caracterizado, por exemplo, pelo turismo no espaço rural, trilhos, parques naturais e atividades e festivais locais; turismo cultural popular, através da visita a parques temáticos, participação em concertos e eventos desportivos; turismo religioso, que está essencialmente ligado a atividades de peregrinação e eventos espirituais e religiosos, visitas a lugares de culto e assistência de festividades religiosas; e, por fim, o turismo linguístico que é indicado exclusivamente para a aprendizagem da língua e cultural local e para a participação de atividades relacionadas. Para o autor cada uma das cinco tipologias pode ser realizada de uma forma ativa ou passiva, tendo em conta as atividades escolhidas (figura 3).

Figura 3: Tipologia do Turismo Cultural II

Tipos de Turismo Cultural	Lugares e Atividades de Interesse
1. Turismo Patrimonial	Passivo- Visitas a cidades, monumentos, museus, escavações arqueológicas, teatros, galerias de exposições, assistência ou participação em concertos, festivais e eventos.
	Ativo- Execução de fotografia, pintura, cerâmica, ofícios e outras artes.
2. Turismo Ambiental	Passivo- Turismo no espaço rural, ecomuseus, paisagens culturais, trilhos e percursos na natureza, parques naturais, artes e ofícios, visitas a centros culturais indígenas.
	Ativo- Participação em atividades rurais e festivais locais, reconstrução de zonas afetadas por catástrofes, auxílio a populações...
3. Turismo Cultural Popular	Passivo- Visitas a parques temáticos, centros comerciais, compras, vida noturna, assistência a concertos de música não erudita, eventos desportivos, património industrial...
	Ativo- Participação em concertos e eventos desportivos
4. Turismo Religioso	Passivo- Visitas a lugares religiosos, incluindo assistência a festas e eventos de carácter espiritual e religioso.
	Ativo- Percursos de peregrinação e participação ativa em eventos de carácter espiritual e religioso.
5. Turismo Linguístico	Passivo/ Ativo- Aprendizagem da língua e cultura local e participação em atividades relacionadas.

Fonte: Brito (2010)

Apesar de estar bastante dependente do crescimento do turismo cultural, este novo tipo de turismo procura atrair os turistas para novas experiências culturais, turistas estes que deverão ter uma participação ativa na qual possam desenvolver a sua própria criatividade (Duxbury e Richards, 2019).

O turismo criativo deverá proporcionar benefícios tanto aos turistas como aos locais. Por estar muito associado a zonas mais rurais e cidades de pequena dimensão, este tipo de turismo permite uma relação bastante forte entre visitantes e locais, e a continuação de artes, atividades e ofícios locais (Duxbury e Richards, 2019). Desta forma está interligado à ideia de criação e preservação de artes e tradições locais, ao mesmo tempo que torna os negócios de pequenos artesãos mais rentáveis sem que estes ponham em causa os seus valores (Bakas e Duxbury, 2018).

Portugal é um exemplo deste novo tipo de turismo cultural, tendo sido criado o projeto CREATOUR, que pretende desenvolver iniciativas de turismo criativo em pequenas cidades e áreas rurais portuguesas. Este projeto tem como base a participação ativa, a expressão pessoal criativa, a aprendizagem e a conexão com a população local.

Bakas e Duxbury (2018) defendem que o turismo criativo é uma evolução do turismo cultural uma vez que o turismo cultural se foca no património construído, museus e monumentos enquanto o turismo criativo foca-se na imagem, identidade, estilos de vida, atmosferas e narrativas dos destinos.

1.3. Papel do Turismo Cultural

O turismo cultural apresenta-se como um dos setores mais importantes do turismo, demonstrando ter um papel importante para a sociedade em diversos domínios.

No domínio cultural, o turismo cultural apresenta-se como uma ferramenta essencial para a valorização do património de uma sociedade e, conseqüentemente, para a sua preservação. Devido à vasta procura de património tem-se assistido a uma crescente discussão sobre a importância da preservação do mesmo que tem tido como consequência a adoção de medidas de impedimento de destruição de bens com valores culturais e naturais (Martins, 2016).

Se o turismo é uma das principais fontes de crescimento económico, então o turismo cultural também o é. A autora defende que o turismo cultural é um dos principais motores da economia nacional devido ao elevado contributo para o produto interno bruto, às exportações, ao investimento internacional e devido à criação de inúmeros postos de trabalho.

Contudo, neste domínio económico, não existem apenas aspetos positivos, destacando-se como aspetos negativos: a sazonalidade turística, uma vez que a procura é maior durante os meses mais quentes; a inflação e especulação imobiliária; a dependência de investidores estrangeiros; a mão de obra desqualificada e fraca regulamentação e certificação de profissionais; o aumento do subemprego (Martins, 2016).

Por fim, no que diz respeito ao domínio social, este tipo de turismo tem influenciado bastante as comunidades locais. A autora apresenta as consequências no caso específico de Portugal, distinguindo os aspetos positivos dos negativos. No que diz respeito aos aspetos positivos destacam-se: a melhoria da qualidade de vida; as novas experiências com os visitantes; o uso da população local como mão-de-obra; o aumento dos níveis culturais e profissionais; o orgulho nacional. Em relação aos aspetos negativos salientam-se: a alienação da comunidade local; a globalização de modos de vida de povos específicos; os fenómenos de disfunção na família; o aumento da marginalidade; a economia local sensível às oscilações turísticas.

Também Kravets & Camargo (2008), defendem que, existem aspetos positivos e negativos no turismo cultural. Entre os aspetos positivos destacam: a manutenção do património, o renascimento da história, costumes e festas, o intercâmbio cultural entre os locais e os turistas e a criação de uma imagem positiva do destino. No que diz respeito aos aspetos mais negativos do turismo cultural evidenciam-se: a comercialização da cultura, a falsificação e o romancear da história, a transformação do artesanato, os impactos ambientais negativos e a alteração de comportamento dos locais face aos turistas.

Também Toselli (2006) apresenta uma lista de aspetos positivos e negativos do turismo cultural. Aos já referidos anteriormente, a autora acrescenta, como aspetos positivos, o valor acrescentado e diferenciador enquanto destino turístico, a contribuição para atenuar a sazonalidade de outros tipos de turismo como o de sol e mar, o desenvolvimento de pequenas localidades e a promoção de processos e utensílios de trabalho artesanais. Enquanto aspetos negativos a autora destaca a possibilidade de se falsificar a própria cultura, a mercantilização extrema de tradições locais, o desenvolvimento de mercados negros de antiguidades e bens e a aculturação da comunidade recetora.

Contudo, um dos aspetos mais significativos do turismo cultural é o papel da construção de uma identidade cultural nacional. Os bens existentes num determinado local, por si só, não podem ser considerados património. Para que tal seja possível, é necessário que a sociedade, através de símbolos e identidades culturais e de estratégias, considere o património dessa forma, transformando-o num referente simbólico dos valores de identidade (Kravets & Camargo, 2008).

Desta forma, pode considerar-se o turismo cultural como um catalisador de revalorização, afirmação e recuperação dos elementos culturais que caracterizam e identificam as origens de uma determinada comunidade, reforçando a identidade cultural e fomentando uma relação de preservação com o património, tanto tangível como intangível, mostrando a sua individualidade e distinção (Toselli, 2006).

Toselli (2006), defende ainda que o turismo cultural serve como instrumento de desenvolvimento local e regional. A autora defende que programas implementados na Argentina, principalmente em regiões mais rurais, desenvolveram a capacidade de preservar e promover atividades tradicionais das regiões. Consequentemente, foram criados novos postos de emprego e uma série de serviços e produtos personalizados, através do uso de formas de fazer tradicionais, de

materiais e mão-de-obra local, que promoveu uma relação mais forte e direta entre consumidor e produtor.

O turismo cultural, em conjunto com a globalização, permitiu o intercâmbio de ideias, costumes e tradições entre diversos povos com formas de pensar diferentes. Um dos aspetos mais importantes que surgiu deste intercâmbio foi, sem dúvida, o aumento da importância de valores morais como o respeito, a tolerância, o reconhecimento de opiniões contrárias e a valorização da identidade pessoal (Kravets & Camargo, 2008).

Apesar de possuir alguns aspetos negativos, o turismo cultural tem trazido bastantes benefícios para as comunidades. Ainda que seja preciso ter em atenção a sustentabilidade dos locais e das suas comunidades, através do turismo cultural é permitida a troca de conhecimentos entre as culturas mais variadas, o conhecimento de novas realidades e a preservação de património tangível e intangível.

1.4. Perfil do Turista Cultural

Nos anos 70, o turismo cultural foi reconhecido como produto turístico único, admitindo que certas pessoas viajam simplesmente para conhecer a cultura e o património de um certo destino. Contudo, apenas na década de 90 o turismo cultural começa a ser reconhecido como uma atividade importante para o desenvolvimento dos destinos. (Henriques, 2003).

Como já foi referido anteriormente, é difícil definir a procura de turismo cultural, visto que o próprio conceito de turismo cultural ainda não é consensual. Seria fácil afirmar que a procura do turismo cultural é determinada pela quantidade de bens culturais consumidos, contudo esta definição ficaria muito aquém do necessário para classificar a procura turística cultural.

O turista cultural pode ser considerado como aquele que tem a cultura como principal motivação para viajar, selecionando o destino, atividades e estadia tendo em conta essa mesma motivação. Porém, para obter uma definição mais aprofundada é necessário saber o motivo principal da sua deslocação, se procura o turismo cultural por si só e, se procura experiências culturais profundas aquando da sua viagem (Henriques, 2003).

Assim, é importante determinar, no leque de atividades culturais consumidas, quais estão relacionadas com a motivação primária e quais são atividades complementares.

Ashworth e Tunbridge (1990) defendem a existência de dois tipos de turista cultural: o que possui a intenção e cuja motivação principal é, de facto, a visita a atrações culturais; e o acidental, que não apresenta uma motivação cultural principal, mas que acaba por visitar algumas atrações.

Brywater (1993) identifica três tipos distintos de turista cultural: o turista culturalmente motivado que permanece diversas noites no local tendo como principal motivação a cultural local; o turista culturalmente inspirado que procura conhecer as principais atrações culturais do destino, permanecendo poucos dias no mesmo e não tendo planos para regressar ao mesmo; e o turista

culturalmente atraído que procura visitas de um dia a locais e atrações culturais, mas não visita os destinos por motivações estritamente culturais.

Adriana Alves (2016), apresenta cinco tipos de turista cultural:

- Determinado - viaja especificamente por motivos culturais e procura uma experiência profunda;
- Parcialmente motivado - viaja para um ambiente urbano tanto pelo ambiente cultural como para visita de amigos e familiares;
- Motivacional adicional - a cultura é um extra na viagem, cuja motivação principal pode não ser cultural;
- Casual - procura apenas uma experiência cultural superficial;
- Acidental - o turismo cultural não é um motivo de visita e escolha de um destino, mas o turista acaba por visitar atrações patrimoniais.

Também McKercher e Du Cross (2002) defendem a existência de cinco tipologias de turistas culturais:

- Determinados - a motivação principal é o turismo cultural e procuram visitas e experiências que proporcionem elevados níveis de interação com o destino e os locais;
- Contempladores - o património tem um papel importante na visita, mas apenas de forma superficial, preferindo o uso de roteiros especializados;
- Descobridores - procuram atrações fora dos roteiros ou guias tradicionais que permitam altos níveis de interação e experiência;
- Casuais - limitam-se a conhecer os atrativos principais não tendo como principal motivação o turismo cultural;
- Acidentais - viajam sem ter qualquer tipo de motivação cultural, mas visitam ocasionalmente atrações culturais.

No que diz respeito à motivação da visita, Henriques (2003), defende que o turista tem sempre motivações de ordem cultural, quer sejam apenas culturais quer sejam a conciliação entre motivações culturais com outras na sua visita.

O autor cita ainda um estudo de Thomas (1989) que identifica as principais razões de visita a 14 cidades históricas: interesse geral; interesse em lugares históricos; convívio com amigos e família; visita a edifícios históricos como casas, edifícios e castelos. No que diz respeito às características do turista, destaca-se o gosto por história, arte e arqueologia.

Peréz (2009), afirma que o turista cultural se define, socioeconomicamente, como:

- Estrangeiros com idiomas e bagagens diferentes;
- Cidadãos do próprio país que procuram uma relação mais profunda com o seu património;
- Pessoas com rendimentos acima da média e que tendem a gastar mais;
- Pessoas academicamente mais cultas e tendencialmente mulheres;

- Jovens que procuram experiências culturais intensas e diferentes;
- Reformados com meios económicos e saúde.

O autor defende que, apesar deste perfil servir de orientação sociológica para entender o papel do turista cultural, atualmente se encontra desatualizado e não pode ser aplicado a todos os casos e contextos culturais.

A realidade é que com o aumento da facilidade de deslocação aérea através de voos *low-cost*, o aumento de opções económicas de alojamento como *hostels* e com a redução do custo das atrações culturais para jovens e estudantes, as escapadinhas citadinas e a procura de turismo cultural, nas idades mais jovens e por pessoas com menos possibilidades financeiras, têm vindo a aumentar. Também de destacar a redução da distinção entre a “alta” e “baixa” cultura que tem permitido o aumento da diversidade da oferta do turismo cultural, nomeadamente através da criação de produtos baseados na cultura popular dos destinos.

1.5. Oferta do Turismo Cultural

O turismo cultural é visto como uma forma de produção e consumo de bens, produtos e serviços culturais. O contacto com produções culturais, como artes visuais e manuais, e com o património cultural, como sítios históricos, torna o turismo cultural num tipo de turismo experiencial (Pérez, 2009).

Marcelino (2016) cita Prentice (1993), evidenciando a divisão da oferta turística em vinte e um tipos na qual estão integradas atrações baseadas na ciência, relacionadas com o transporte, arte, atrações socioculturais, entre outras (figura 4).

Figura 4: Classificação dos Recursos Culturais

Classificação dos Recursos Culturais	
1)	Atrações baseadas na ciência: museus científicos, centros tecnológicos...
2)	Atrações relacionadas com setor primário: adegas, minas, depósitos de água, etc.
3)	Centros Artesanais baseados em produtos manuais
4)	Atrações relacionadas com o setor industrial, baseadas em produções de massa
5)	Atrações relacionadas com o transporte: comboios turísticos, aeródromos, veículos a motor
6)	Atrações sócio/culturais: sítios pré-históricos e históricos, museus tradicionais
7)	Atrações associadas a personagens históricas, incluindo lugares ligados a escritores e pintores
8)	Atrações relacionadas com representações artísticas
9)	Jardins e similares
10)	Parques temáticos ligados à cultura
11)	Galerias de Arte
12)	Festivais, espetáculos, feiras históricas
13)	Palácios, casas de campo e similares
14)	Atrações religiosas: catedrais, igrejas, abadias
15)	Atrações militares: castelos, campos de batalha, museus de história militar
16)	Monumentos associados ao genocídio e assassinatos massivos da população
17)	Cidades e paisagens urbanas
18)	Vilas e aldeias, locais rurais com arquitetura anterior ao século XX
19)	Zonas Rurais e Paisagens Protegidas incluindo Parques Nacionais
20)	Cidades costeiras e paisagens marítimas

Classificação dos Recursos Culturais
21) Regiões e outras áreas históricas ou geográficas identificadas de forma singular pelos seus residentes e/ou visitantes

Fonte: Marcelino (2016), baseado em Prentice (1993)

Pérez (2009) divide as atrações da oferta turística em quatro tipos: o património cultural, visto como o maior atrativo para os turistas; os lugares de recordação e memória, que atraem visitantes pelo seu significado histórico; a arte; as atividades de criação e aprendizagem cultural (figura 5).

Figura 5: Tipologia de Atrações

Tipos de atrações	Exemplos de atrações
1. Património cultural (“turismo patrimonial”) <ul style="list-style-type: none"> • Constitui o maior atrativo para os turistas culturais; • Representa uma cultura através de uma série de elementos, imagens, objetos e símbolos; • Mostra a identidade cultural de um grupo humano. 	- Sítios históricos e naturais (ex.: centros históricos); - Sítios arqueológicos; - Monumentos; - Museus.
2. Lugares de recordação e memórias <ul style="list-style-type: none"> • Atraem visitantes pelo seu valor histórico, artístico ou literário. 	- Lugares de acontecimentos como batalhas, revoluções...; - Lugares que recordam a vida de artistas ou intelectuais (ex.: Salzburgo de Mozart).
3. Artes <ul style="list-style-type: none"> • Servem para alargar as estadias dos turistas. 	- Ópera, dança, teatro, música...; - Festivais famosos: Vilar de Mouros (Portugal), Edimburgo, etc.; - Teatros como Scala de Milão, a Ópera de Viena ou Sidney, etc.
4. Atividades de criação e aprendizagem cultural: <ul style="list-style-type: none"> • Servem para conhecer a gente e a realidade dos países visitados. 	- Ateliers de artesanato; - Cursos de idiomas; - Acampamentos de trabalho.

Fonte: Pérez (2009)

Por sua vez, Richards (2003), citando Munsters (1996), divide a oferta turística cultural em dois grandes grupos: as atrações e os eventos. No que diz respeito às atrações estas incluem monumentos, museus, rotas turísticas e parques temáticos, enquanto que os eventos são subdivididos em eventos histórico-culturais, artísticos e eventos com atrações.

A realidade é que, mais uma vez, por ser tão abrangente, o turismo cultural pode incluir uma grande diversidade de oferta turística, desde museus, a experiências gastronómicas e vinícolas, peregrinações, eventos, entre muitos outros.

2. Turismo em Lisboa

A cidade de Lisboa, capital portuguesa, tem vindo a ganhar um forte destaque no que diz respeito ao turismo internacional, quer devido às condições climáticas favoráveis, quer aos baixos preços praticados em comparação com muitas outras capitais europeias.

Segundo a Câmara Municipal de Lisboa (CML), desde 2012 que o sector do turismo tem ganho um grande dinamismo quer a nível internacional como nacional. Lisboa não foi exceção e tem-se verificado aumentos exponenciais de crescimento turístico que apresentam como fatores principais a sua segurança, o incremento de voos de companhias *low-cost*, uma boa relação qualidade/preço, a autenticidade da cidade e a sua proximidade a locais de interesse para diversos tipos de turismo, como são exemplos Sintra, Cascais, Fátima e Mafra (CML, 2018).

Segundo o Plano Estratégico de Turismo para a Região de Lisboa 2020-2024 (2019), Lisboa é a cidade portuguesa que recebe mais hóspedes a nível nacional, contando com 30% dos hóspedes totais do país, sendo que cerca de 80% dos mesmos são de proveniência europeia. Contudo, com a abertura de novas rotas aéreas, o número de turistas extraeuropeus tem vindo a crescer. Atualmente, os principais mercados emissores são o francês, o espanhol, o brasileiro, o estadunidense e o alemão.

Relativamente aos meios de chegada à cidade destaca-se a importância do transporte aéreo e, conseqüentemente, do aeroporto de Lisboa que tem registado um forte crescimento no número de passageiros. De 2017 a 2019 o aumento do número de chegadas através do Aeroporto de Lisboa também se demonstrou significativa, passando dos 27 milhões de visitantes em 2017 para os 31 milhões em 2019 (PORDATA, 2022a).

Também o setor dos cruzeiros tem vindo a crescer, ainda que com alguns altos e baixos. Em 2012 foram 1 milhão e 300 mil passageiros que passaram em portos nacionais enquanto que em 2019 foram cerca de 1 milhão e 400 mil os turistas que chegaram, partiram ou visitaram o país através de portos (PORDATA, 2022b).

O alojamento turístico em Lisboa divide-se em dois grupos principais: o alojamento local e os empreendimentos turísticos.

Se, segundo o Portal do Sistema de Indicadores de Gestão Urbana, em 2010 existiam apenas 107 unidades de alojamento local, em 2018 este número cresceu para 14461 estabelecimentos. Estes alojamentos locais estão repartidos na cidade de Lisboa de forma heterogénea, sendo mais predominantes nas freguesias de Santa Maria Maior, Misericórdia, Arroios e Santo António e tendo menor oferta nas freguesias de Santa Clara, Carnide, Benfica e Beato (CML, 2018).

O grupo dos empreendimentos turísticos inclui os estabelecimentos hoteleiros (hotéis e hotéis-apartamentos e pousadas), os apartamentos turísticos os empreendimentos turísticos de habitação e parques de campismo e caravanismo.

Segundo o Turismo de Portugal (2022a), no ano de 2022, estão registados, em Lisboa 265 empreendimentos turísticos que incluem:

- 14 apartamentos turísticos;
- 234 hotéis;
- 13 hotéis-apartamento;
- 2 turismos de habitação.

Para além dos empreendimentos turísticos referidos existe ainda, no concelho de Lisboa, um parque de campismo (Turismo de Portugal, 2022b).

O crescimento do alojamento local em Lisboa deve-se, principalmente, à crescente oferta de *Airbnbs* na cidade, tornando-a na capital europeia com maior número de alojamento local por habitante (Relvas, 2019).

De forma geral, os empreendimentos turísticos estão situados maioritariamente nos grandes eixos da cidade, como por exemplo, na Avenida da Liberdade, na Avenida da República, na Rua Castilho, na Avenida Almirante Reis e no Parque das Nações. Todas estas ruas e avenidas estão bem localizadas, usufruindo de uma ótima acessibilidade de transportes e qualidade do espaço urbano que as envolve (CML, 2018).

Contudo, desde 2018 que deixou de ser permitido o registo de novos empreendimentos de alojamento local no Bairro Alto, Madragoa, Castelo, Alfama, Mouraria, Colina de Santana, Graça, Avenida Almirante Reis e Avenida da Liberdade, devido à grande densidade dos mesmos. Desta forma justifica-se o desenvolvimento de alojamentos locais em freguesias mais limítrofes e menos procuradas pelos turistas.

2.1. Principais Pontos de Interesse na Cidade de Lisboa

Lisboa é uma cidade com uma multiplicidade de atividades, sendo este um dos fatores de vantagem competitiva com outros destinos europeus. A gastronomia e vinho, a diversão noturna, os monumentos e museus e a sua faceta moderna são algumas das atrações e características mais procuradas pelos turistas.

No ano de 2019, as atividades mais realizadas na cidade de Lisboa foram a visita de monumentos, museus e atrações (98,1%), sair para jantar (95,8%) e passear a pé (79,3%) enquanto as atividades menos atrativas foram assistir a eventos desportivos (0,2%), espetáculos (8,5%) e fazer compras (11,2%) (Observatório Turismo de Lisboa, 2019).

Contudo, apesar de receber milhões de turistas todos os anos, tanto a procura como a oferta dentro na cidade de Lisboa não são homogéneas. Ao analisar a distribuição dos principais pontos de interesse, verifica-se que estes coincidem com as áreas de maior concentração de alojamentos locais e de empreendimentos turísticos, o que acentua a pressão turística causada na cidade (CML, 2018).

No Estudo Urbanístico do Turismo em Lisboa, a CML (2018) fez o levantamento de 50 museus e monumentos da cidade de Lisboa e do número de visitantes no ano de 2017. Destaca-se como monumento mais visitado o Castelo de São Jorge com quase 2 milhões de visitantes, seguido

do Oceanário de Lisboa, com 1 milhão e 400 mil visitantes, e do Mosteiro dos Jerónimos, com 1 milhão e 200 mil visitantes. Entre os monumentos menos visitados destacam-se o Museu Júlio Pomar, com apenas 6 mil visitantes, a Casa-Museu Amália Rodrigues, com 8 mil visitantes, e o Museu Bordalo Pinheiro com 10 mil visitantes.

Assim, os equipamentos culturais estruturantes da cidade, como monumentos, centros culturais, museus e teatros, estes encontram-se localizados, principalmente nas freguesias de Belém, Santa Maria Maior, Misericórdia, São Vicente, Santo António e Arroios.

Segundo as Estatísticas de Visitantes dos Museus, Monumentos e Palácios da DGPC 2014-2019, o número de visitantes tem vindo a aumentar, de forma sustentável, mostrando uma taxa de crescimento de 31,3% entre 2014 e 2019 e uma taxa média de crescimento anual de 6,2% (DGPC, 2019).

No ano de 2019, 4685371 pessoas visitaram os equipamentos culturais da Direção Geral do Património Cultural (DGPC), enquanto nos anos de 2020 e 2021 se registou uma quebra de cerca de 70% das visitas devido às limitações impostas pela Covid-19 (DGPC, 2021).

Apesar deste entrave, desde o verão de 2021, o número de visitantes tem vindo a aumentar novamente, ainda que não sejam comparáveis aos dos anos pré-covid.

Assim, apesar de Lisboa ser reconhecida como um destino de qualidade no que diz respeito ao turismo cultural, é notável uma polarização do turismo que deverá ser combatida permitindo o crescimento turístico de outras freguesias e, conseqüentemente, o aumento de equipamentos e atividades turísticas, bem como o aumento e diversificação da procura.

Desta forma, pode destacar-se o projeto *Tourfly*, cujo objetivo principal é o de “alargar a marca Lisboa como instrumento estratégico para a diversificação e organização da oferta turística na Área Metropolitana de Lisboa através das indústrias criativas aplicadas ao turismo, do turismo de saúde e bem-estar, do turismo gastronómico e enoturismo, e de oferta pioneiras nesta região como o *dark tourism*, o turismo voluntário, o turismo cinematográfico, o turismo criativo e o turismo literário” (Joaquim, 2019).

Através do seu *e-book* e *app*, a *Tourfly* dá a conhecer informações sobre museus, monumentos, locais e pacotes específicos de um determinado tipo de turismo como *dark tourism*, artes performativas, gastronomia e vinho e *street art*.

“Os elevados níveis de concentração turística da cidade de Lisboa, aos quais acresce um desenvolvimento que tem sido muito acima das taxas de crescimento médias de outras cidades e que deverá manter-se, senão acentuar-se, criam uma oportunidade única ao nível da diversificação da oferta turística, da construção e criação de novos conteúdos visitáveis na Área Metropolitana de Lisboa, do aumento significativo do valor acrescentado do turismo, apostando na integração temática, territorial e na inovação ao nível de novas ofertas turísticas de que tanto Lisboa como a Área Metropolitana de Lisboa não dispõem” (Joaquim, 2019, p.8).

A cidade de Lisboa, apresenta uma série de atrações e produtos turísticos distintos em cada uma das áreas do concelho.

De forma a analisar o turismo cultural em cada zona de Lisboa, dividimos Lisboa em cinco categorias tendo em conta a localização das freguesias dentro do concelho: Lisboa Norte, Lisboa Ocidental, Lisboa Oriental, Lisboa Central e Centro Histórico.

2.1.1. Lisboa Norte

Lisboa Norte é composta pelas freguesias de Benfica, São Domingos de Benfica, Carnide, Lumiar e Santa Clara.

Ao contrário de outras zonas de Lisboa, as freguesias de Lisboa Norte não têm tanta procura turística, apesar da potencialidade das suas atrações e espaços culturais.

Destas freguesias destaca-se, na freguesia de São Domingos de Benfica, o Palácio do Marquês da Fronteira e o Museu Benfica – Cosme Damião, que, contou com cerca de 110 mil visitantes em 2017. Na freguesia do Lumiar evidencia-se o Museu do Traje, que recebeu 44 mil visitantes, o Museu do Teatro e da Dança, com 36 mil visitantes e o Museu da Música que, em 2017, foi procurado por 14 mil pessoas (CML, 2018).

2.1.2. Lisboa Ocidental

A zona Ocidental de Lisboa é composta pelas freguesias de Belém, Alcântara e Ajuda.

Esta zona de Lisboa caracteriza-se, principalmente, pelo turismo cultural de património construído, histórico, religioso e arquitetónico.

Belém, o bairro considerado o Quarteirão dos Museus, é um local de grande valor simbólico uma vez que representa a época dos descobrimentos, época que ainda hoje está bastante presente no bairro.

Destacam-se, assim espaços como o Mosteiro dos Jerónimos, a Torre de Belém, ambos considerados Património Cultural da Humanidade pela UNESCO, o Museu de Marinha, o Museu Nacional de Arqueologia, o Centro Cultural de Belém, que abriga o Museu Berardo, e o Museu dos Coches (Turismo de Lisboa, 2021).

Para além dos mencionados, a freguesia de Belém possui ainda o Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, o Museu do Combatente, o Museu Nacional de Etnologia, o Museu de Arte Popular, o Museu da Eletricidade, o Museu da Vida Subaquática e da História Submersa, o Palácio e Museu da Presidência, o Planetário Calouste Gulbenkian, o Padrão dos Descobrimentos e o Picadeiro Real (Junta de Freguesia de Belém, 2021).

Por sua vez, na freguesia da Ajuda, a atração mais procurada é o Palácio Nacional da Ajuda, edifício neoclássico da primeira metade do século XIX e antiga residência oficial da família real, que hoje alberga uma das maiores coleções de artes decorativas dos séculos XVIII e XIX (DGPC, 2022a) e o novo Museu do Tesouro.

No que diz respeito ao turismo gastronómico, em Belém, está um dos locais de doçaria mais procurados no país: os Pastéis de Belém. Desde 1837 que a pastelaria mantém a mesma receita utilizada pelos monges do Mosteiro dos Jerónimos, receita esta que ainda hoje é secreta.

A freguesia de Alcântara difere das anteriores uma vez que é uma freguesia bastante procurada para um turismo mais alternativo e de experiências. Localizada numa antiga fábrica de tecidos, a LX Factory é hoje um dos locais mais procurados da freguesia reunindo, no mesmo espaço, restaurantes, lojas, salas de espetáculos, workshops e alguma arte de rua.

Também a arte urbana, o Museu da Carris, o Museu do Oriente, a subida ao Pilar 7 da ponte sobre o Tejo, a própria Ponte 25 de Abril, a gastronomia e as cervejas artesanais são pontos de interesse na freguesia de Alcântara (Real, 2018).

2.1.3. Lisboa Oriental

Lisboa Oriental é composta pelas freguesias de Olivais, Parque das Nações, Marvila, Beato e Penha de França.

Desta zona de Lisboa a freguesia mais procurada a nível turístico é a do Parque das Nações, uma freguesia que representa a Lisboa moderna e contemporânea.

O Parque das Nações, para além de se estender ao longo do rio Tejo, é também um polo de interesse de arquitetura, de ofertas culturais e noturnas. No que diz respeito à atração mais procurada tanto a nível nacional como internacional, destaca-se o Oceanário de Lisboa que, em 2017, contou cerca de 1 milhão e 400 mil visitantes (CML, 2018).

É também nesta freguesia que se encontra o Casino de Lisboa, a Altice Arena (a maior sala de espetáculos do país), e a Feira Internacional de Lisboa (FIL), onde se realizam dezenas de eventos anualmente.

As restantes freguesias apresentam-se como freguesias menos procuradas ainda que, na Penha de França se encontre um dos museus mais visitados da cidade, o Museu do Azulejo.

Por sua vez, Marvila e Beato são freguesias menos turísticas e procuradas apenas por nichos reduzidos. São principalmente conhecidas pelas galerias fechadas e ao ar livre de arte urbana, pelos antigos palacetes e quintas e pelos antigos edifícios fabris.

2.1.4. Lisboa Central

A zona central de Lisboa é formada pelas freguesias de Alvalade, Areeiro, Arroios, Avenidas Novas, Campolide, Santo António e Campo de Ourique.

Esta é caracterizada, principalmente, pelos inúmeros escritórios, centros empresariais e campos universitários.

No que diz respeito à oferta e procura turística, destaca-se o Museu Calouste Gulbenkian, nas Avenidas Novas, que em 2017 contou com 457 mil visitantes, a Praça de Touros do Campo Pequeno e alguns espaços da freguesia de Santo António como a Avenida da Liberdade,

conhecida pelas suas lojas de luxo, o Cinema São Jorge, o Ascensor do Lavra e alguns palácios e palacetes (CML, 2018).

2.1.5. Centro Histórico

Por fim, o centro histórico de Lisboa é constituído pelas freguesias de São Vicente, Santa Maria Maior, Misericórdia e Estrela.

Como referido anteriormente, as freguesias do centro histórico da cidade são das mais procuradas pelos turistas que visitam Lisboa e, por isso, o tipo de turismo cultural aqui procurado também diverge.

Dentro do centro histórico pode-se destacar a arquitetura e a sua dualidade: a baixa pombalina, organizada, renovada e pensada e a zona antiga da cidade como é exemplo Alfama, caracterizada pelas suas ruas em labirinto, com poucos acessos, com casas que representam Lisboa de pré terramoto de 1755.

Para quem procura turismo gastronómico e/ ou noturno, o centro histórico também é um local a destacar uma vez que são inúmeros os restaurantes tradicionais, casas de fado, bares e discotecas de qualidade nestes bairros (Turismo de Lisboa, 2021).

Através da análise do turismo em cada uma das zonas da cidade, é possível concluir que Lisboa apresenta uma oferta diversificada desde museus e monumentos a lojas de luxo e espaços turísticos renovados e criativos, como é o exemplo do LxFactory.

Evidenciam-se, como áreas mais procuradas e com uma maior oferta, as zonas de Lisboa Ocidental, particularmente a freguesia de Belém, do Centro Histórico e algumas freguesias da Lisboa Oriental e Central.

Capítulo II: Itinerários Culturais

1. Conceito de Itinerário Cultural

A definição de itinerário cultural demonstra e é resultado da evolução das ideias relativas aos conceitos de património, cultura e do papel crescente dos valores atribuídos ao meio envolvente. Assim, os itinerários culturais representam a evolução e dinamismo das relações interpessoais e interculturais, celebrando a diversidade dos povos (ICOMOS, 2008).

No contexto atual os itinerários são utilizados como um meio de conservar o património, redirecionar os turistas, gerir os visitantes e proporcionar uma nova e interessante rota a seguir, dando a conhecer e a interpretar histórias variadas (MacLeod, 2013).

Apesar de ser comum, não se pode confundir itinerários culturais com rotas turísticas e culturais, sendo que os itinerários se entendem como uma descrição de um percurso no qual são especificados os lugares de atração e são propostos atividades e serviços ao longo do passeio, enquanto as rotas são intervenções turísticas promovidas numa rede de recursos patrimoniais de forma homogénea e vinculados como produto comercial (Alves, 2016).

Um itinerário turístico é uma forma de comercialização de atrações turísticas baseada numa deslocação ao mesmo tempo que permite a articulação entre os espaços e tempos dos diversos percursos planeados, prevendo paragens, visitas, paisagens, refeições, compras e tempo livre (Brito, 2004), devendo promover também a inclusão de atividades como workshops ao longo do passeio (Ferreira et al., 2012).

Já Ramirez (2011), afirma que os itinerários culturais são todos os itinerários que contribuam para a cooperação entre territórios, para a difusão cultural e identitária que sirva para a promoção do desenvolvimento turístico de um local.

O Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), define que os itinerários culturais são mais do que vias históricas de comunicação com elementos patrimoniais. São, na realidade, fenómenos históricos singulares que não podem ser criados através de imaginação ou elementos fictícios associando elementos com características comuns. (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, 2008)

Desta forma, pode considerar-se um itinerário cultural como uma via de comunicação terrestre, aquática, mista ou outra, com dinâmica e funções históricas próprias com um objetivo concreto. Para tal, o itinerário deverá reunir as seguintes condições:

- Resultar de movimentos interativos de pessoas e de trocas pluridimensionais contínuas e recíprocas de bens, ideias, conhecimentos e valores de diversos povos, comunidades, países, regiões ou continentes;
- Gerar uma fecundação mútua no espaço e tempo das diversas culturas implicadas que se manifeste no seu património;
- Integrar as relações históricas.

É ainda indispensável que o itinerário possua elementos definidores como:

- Contexto - se é natural e/ou cultural;
- Conteúdo - apoio em elementos tangíveis que permitem a constituição de testemunhos e confirmação física e elementos intangíveis que dão um maior sentido e significado aos elementos tangíveis;
- Valor de conjunto partilhado - o valor do itinerário tem que ser superior à soma do valor dos elementos que o constituem;
- Carácter dinâmico - existência de um fio condutor que mostra como agiram as influências culturais no local, mostrando a influência das várias culturas e da mão humana;
- Meio - o meio é parte integrante do itinerário, nomeadamente o meio geográfico que permite a elaboração do traçado e o meio territorial, urbano ou rural, que enquadra o itinerário no ambiente dos elementos e valores físicos e imateriais (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, 2008).

“O itinerário turístico não deve ser concebido como uma sequência das atrações a visitar, mas como uma importante ferramenta para ler a realidade existente e a situação sociocultural da localidade” (Cisne e Gastal, 2011, p.1458).

Estes itinerários deverão ainda contribuir para o desenvolvimento dos destinos através da apresentação de circuitos temáticos apresentados enquanto oferta turística estruturada para o destino (Ferreira, et al. 2012), permitindo também a transmissão de informação sobre as atrações locais de forma apelativa, principalmente para turistas independentes (Tabata, 2003).

Para que esta oferta turística seja estruturada corretamente, o itinerário poderá estar sujeito a um tema específico que se irá relacionar com as motivações do turista: gastronomia, aventura, descanso, etc.

1.1. Tipos de Itinerários

São várias as tipologias de itinerárias existentes, tendo em conta a temática, tipo de delineado, tempo de duração, entre outros critérios. Podem ainda ser avaliados tendo em conta várias perspetivas, desde as dos promotores, dos recursos e até mesmo do tipo de mercado existente.

Para Brito (2000), os itinerários turísticos podem ser classificados tendo em conta: os seus promotores, os recursos turísticos e o mercado.

Segundo a perspetiva dos seus promotores, a construção dos itinerários deve ser cuidada e ter em atenção as principais tendências da atividade, como é exemplo a diminuição da sazonalidade, a diversificação das formas de alojamento turístico e o aumento da procura de serviços diversificados e de qualidade.

Os promotores turísticos podem dividir-se em dois grupos: os com fins lucrativos (agências de viagem, operadores turísticos e outros privados) e os sem fins lucrativos (postos de turismo, câmaras municipais, e outros institucionais...). Porém, independentemente do tipo de promotor,

o objetivo mantém-se: prestar um serviço de qualidade tendo em vista a inteira satisfação do cliente, procurando obter os preços mais competitivos do mercado.

Por sua vez, os recursos turísticos disponíveis e escolhidos para integrar os itinerários, podem ser divididos em três grandes grupos: o património, que poderá ser natural ou cultural; as atividades, tanto culturais como de recreio, desportivas e até de negócios; e os equipamentos que também podem ser subdivididos em equipamentos culturais, de recreio, desportivos e de negócios.

Por fim, o itinerário poderá divergir tendo em conta o tipo de mercado a que se pretende chegar. Um itinerário deverá ter em conta a nacionalidade, idade, sexo e condições socioculturais do turista.

Numa divisão mais exaustiva, Figueira (2013), divide os itinerários turísticos segundo seis critérios distintos.

- Segundo o produto turístico:
 - Desportivos
 - Históricos
 - Artísticos
 - Etnográficos
 - Educativos
 - Ecológicos
 - De saúde
 - Termal
 - Outras práticas terapêuticas
 - Comunitários
 - Campos de Férias
 - De férias
 - De aventura
 - Culturais
 - Religiosos
- Segundo o meio de transporte:
 - Rodoviários
 - Ferroviários
 - Marítimos e fluviais
 - Aéreos
- Segundo a temática - percurso com pontos de interesse turístico específicos relacionados com as temáticas escolhidas
- Segundo o desenho do percurso:
 - Percurso linear - o ponto de partida não será o ponto de chegada
 - Nodais - o ponto de partida e o ponto de chegada é o mesmo
- Segundo a extensão geográfica

- Local
- Regional
- Nacional
- Internacional
- Galáctico
- Segundo o tempo de duração:
 - Curta duração - não carece de alojamento
 - Média duração - pode durar entre dois e três dias
 - Duração normal - períodos de uma ou duas semanas
 - Longa duração - períodos superiores a quinze dias (Figueira, 2013).

ICOMOS acrescenta ainda a classificação segundo a dimensão cultural, ou seja, se o itinerário é desenvolvido numa só região cultural ou se em várias zonas geográficas que partilham processos de influência na formação e desenvolvimento dos seus valores culturais, e segundo o seu objetivo ou função, isto é, social, económico, político e cultural ou um contexto multidisciplinar Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (2008)

Alves (2016) defende a existência de oito tipos de itinerários culturais:

- Históricos: possuem uma linha condutora entre os factos históricos e os locais referentes a esse momento histórico;
- Artísticos: itinerários que possuem uma ligação artística entre as atrações escolhidas;
- Literários: têm como base a vida e obras de algum escritor, poeta ou corrente literária;
- Folclore: representações folclóricas, festivais ou festas populares;
- Gastronómico: consiste na degustação e aprendizagem de pratos típicos ou produtos regionais;
- Artesanato: procura o que é tradicional de cada localidade;
- Arquitetura popular: interesse em formas distintas de viver e arquitetura distinta de cada comunidade;
- Estudo: englobam-se todos os itinerários organizados com o objetivo de aprender algo como cursos de idiomas.

Alves (2016) distingue ainda a existência de três tipos de estruturas para os itinerários: linear, circular e em estrela. No itinerário linear o ponto de partida não será o de chegada, por exemplo, um itinerário que inicie em Lisboa e termine no Porto; no circular, o ponto de partida será também o ponto de chegada, por exemplo, um itinerário iniciado e concluído em Lisboa; no itinerário em estrela o ponto de partida é fixo e propõe diversas saídas, por exemplo, um itinerário que tenha como partida e chegada diária Lisboa, mas que proponha visitas a Mafra, Setúbal, Sintra e Évora.

Os itinerários culturais temáticos podem ser considerados como mais um produto turístico de uma cidade, enriquecendo a sua oferta principalmente para os nichos turísticos. Para além de enriquecer a oferta, os itinerários culturais, poderão ser elementos de atração e fixação de turistas em pequenas cidades e meios rurais.

1.2. Elaboração de um Itinerário

A elaboração e realização de um itinerário cultural é o resultado de um longo processo de pesquisa, análise, seleção e organização de um conjunto de fatores inerentes ao itinerário e às estruturas utilizadas.

Para Alves (2016), numa primeira etapa de construção, deverá ser analisado o mercado e o tipo de público para o qual se pretende construir o itinerário e adotar um tema que se pretenda afirmar ou utilizar como ponto de partida.

Brito (2000) distingue três fatores a ter em conta na elaboração de um itinerário: os fatores gerais, os inventários e os traçados.

Os fatores gerais podem ser divididos em três categorias: os fatores técnicos nos quais estão implícitos o transporte, a duração e distância que devem ser adaptados tendo em conta o tipo de cliente; os fatores sociais, que passam pela análise do cliente, as suas origens ou idade, prevendo os seus pontos de interesse; os fatores económicos, procurando escolher alojamento e locais de refeição em função do poder económico do cliente ou grupo, tendo em conta que nem todas as regiões oferecem o mesmo tipo de equipamentos turísticos e hoteleiros.

Os inventários devem definir os interesses dos clientes e os alojamentos que melhor se adequam às características da viagem.

No que diz respeito aos interesses, o nome do itinerário deverá dar a entender o tema principal do circuito ou itinerário, como é exemplo: *O Manuelino em Portugal*, *Trilho das Levadas d'Água* ou *Street Art na Amadora*.

Numa primeira instância deverá ser feito o levantamento dos pontos de interesse existentes para que mais tarde possam ser escolhidas as atrações que mais se adequam ao itinerário. De seguida é importante ordenar estes pontos turísticos de uma forma lógica e prática, muitas vezes através de um fio condutor que permita a alternância da temática, tornando a visita mais diversificada.

Por sua vez, o traçado do itinerário deverá ter em conta os meios de transporte utilizados. Nos casos do transporte rodoviário e pedestre, o traçado torna-se mais fácil devido à liberdade de escolha que estes meios permitem.

O horário definido no traçado deverá ser minucioso e prever alguns atrasos ou problemas que possam surgir durante as visitas, bem como tempos para deslocações, paragens e visitas. É ainda importante estar informado sobre os horários dos monumentos e alterações nos mesmos. Sem esta informação prévia é possível que um grupo chegue para uma visita a um certo monumento e que este se encontre encerrado.

Assim, de forma geral, pode distinguir-se uma série de regras a ter em atenção na construção de um itinerário:

- Não sobrecarregar demasiado o itinerário, ou seja, que não seja muito longo ou que a distância entre pontos de interesse não seja muito espaçada;
- Não introduzir demasiados pontos de interesse uma vez que poderá tornar o itinerário excessivo;
- Deixar tempos livres para imprevistos;
- Saber e ter em conta os horários de funcionamento das atrações e outros serviços como restaurantes (Alves, 2016).

Veverka (s.d.) defende que para criar um itinerário de um *walking tour* é necessário seguir um conjunto de etapas.

Inicialmente é importante fazer o levantamento dos recursos existentes no local e selecionar os locais que se enquadram no tema escolhido, elaborando um relatório preliminar sobre o estado de conservação e proteção das diversas atrações (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, 2008). A escolha das potenciais paragens e atrações a visitar deve ser feita tendo em conta a distância entre locais, cada atração escolhida deve ser um bom exemplo do tema abordado e o itinerário não deverá ter mais que dez paragens no total.

Após a seleção das paragens e visitas é imprescindível fazer uma revisão dos locais no mapa para decidir onde iniciar e terminar a visita, analisar o caminho percorrido tendo em conta as questões de segurança como onde fazer a travessia das estradas, e o bem-estar dos turistas (se os locais escolhidos para paragem têm sombras ou se e onde serão necessárias as paragens de descanso). Por fim, é essencial saber se poderá haver qualquer tipo de conflito entre os participantes, o guia do *walking tour* e os eventuais proprietários das atrações.

Com a evolução do turismo e da experiência turística é importante tornar o percurso e, conseqüentemente, a visita numa experiência única em que os turistas tenham um papel ativo. Desta forma, ao itinerário poderá acrescentar-se alguns produtos que adicionem valor ao *walking tour*, tais como *workshops*, atividades artísticas ou culturais ou eventos com significado histórico ou cultural para o destino (Ferreira et al., 2012).

Capítulo III: Estudo de Caso

1. Modelo de Análise e Observação

Nesta fase do trabalho de observação é necessária a construção de instrumentos eficientes para recolher ou produzir a informação necessária. São vários os métodos de recolha de informação, podendo a observação ser feita de forma direta ou indireta.

Para levantamento de informação foi escolhida a entrevista a guias e autarcas das juntas de freguesia. A entrevista é um método de recolha de dados que permite obter melhor qualidade na informação. Trata-se de um método que pressupõe uma relação particular entre dois indivíduos: o entrevistado e o entrevistador (Sales e Cavo, 2018).

Realizada de uma forma correta, a entrevista permite que o investigador obtenha informações importantes e completas em relação ao tema a ser estudado. Durante a entrevista deve haver um contacto direto entre os envolvidos, onde o entrevistado se sente confortável para exprimir as suas opiniões relativamente ao tema em questão (Campenhoudt et al., 2017).

A finalidade destas entrevistas é a de efetuar deduções lógicas e justificadas, tendo em conta a origem das mensagens, tanto o emissor como o contexto em que está inserido, procurando fundamentar impressões e juízos intuitivos por parte do entrevistador (Bardin, 1977).

O papel e comportamento do entrevistador é especialmente importante neste método de investigação uma vez que deverá ocupar uma posição neutra, que lhe permite inquirir as perguntas de forma aberta, centrando-se nas suas hipóteses de investigação, mas nunca excluindo desenvolvimentos paralelos às mesmas (Campenhoudt et al., 2017).

Apesar das entrevistas terem alguns limites, o grau de profundidade e de perfeição dos elementos a analisar e a flexibilidade e fraca diretividade da entrevista permitem obter mais testemunhos reais sobre os assuntos a serem estudados (Campenhoudt et al., 2017).

A entrevista é uma técnica de recolha de informação que possui diversas fases de investigação. Os dados obtidos através da entrevista deverão ser analisados e, por isso, Bardin (2008) ordena a sua organização em três polos cronológicos: a pré-análise, a exploração dos materiais e o tratamento dos dados. A pré-análise tem como objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais de forma a desenvolver um esquema do desenrolar das operações dentro de um plano de análise; nesta fase deverá ser realizada a escolha dos documentos a analisar, a formulação das hipóteses e objetivos e dos indicadores que fundamentam a interpretação final. A exploração do material não é mais do que pôr em prática o que foi planeado na pré-análise. Por fim, o tratamento e interpretação dos dados é a análise do conteúdo recolhido de forma a tornar os resultados em informação válida e significativa.

Na primeira fase de planeamento são sistematizados objetivos para as entrevistas que levam à construção de hipóteses e de questões a realizar ao entrevistado.

Após a realização das entrevistas, passa-se à fase seguinte, a de transcrição das mesmas. A transcrição deve conter o máximo de informação, tanto linguística (a totalidade dos significantes) como para-linguística (silêncios, perturbações na palavra, aspetos emocionais...) (Bardin, 2008).

Após a transcrição, realizam-se alguns comentários a cada uma das respostas dadas durante a entrevista. Estes comentários são considerados por Mata (2021) a pré-análise do conteúdo, ou seja, nesta fase são assinaladas as ideias e informações mais importantes retiradas das entrevistas.

De seguida, é realizada a exploração do material, elabora-se uma tabela síntese desta mesma informação, que tem como principal objetivo o agrupamento dos dados de acordo com os objetivos estabelecidos. Esta análise temática, divide o conjunto das entrevistas numa grelha de categorias com os respetivos conteúdos, que permite a análise mais cuidada e organizada dos dados recolhidos (Bardin, 2008).

Estas entrevistas servem para auxiliar a construção dos itinerários temáticos no concelho de Lisboa, fornecendo informações sobre a geografia, história e património dos locais.

Numa segunda fase, após a criação dos quatro itinerários temáticos, foram realizadas visitas-teste com o objetivo de avaliar e analisar o itinerário proposto. Estas visitas permitiram o estudo e análise dos tempos de deslocação entre atrações, o interesse dos locais visitados e a viabilidade dos itinerários desenhados.

Inicialmente, foram realizadas visitas para enquadrar as atrações no itinerário e escolher as ruas a seguir e locais de paragens para as visitas. Numa segunda fase, foram realizadas as visitas teste com grupos de amigos e familiares, de forma a testar os tempos com grupos e recolher opiniões que pudessem melhorar os itinerários já elaborados.

2. Análise das Entrevistas

2.1. Planeamento e Implementação

Para a realização da entrevista é necessário um planeamento cuidado para que os resultados obtidos sejam da melhor qualidade possível. O planeamento das entrevistas teve como suportes principais os objetivos estabelecidos e as hipóteses definidas inicialmente, tanto para os guias como para as Juntas de Freguesia (JF) (figuras 6 e 7).

A partir dos objetivos estabelecidos, foram desenvolvidas uma série de questões a realizar aos entrevistados com vista à obtenção dos resultados pretendidos pela entrevistadora. Apesar da utilização de um guião, as entrevistas foram realizadas de uma forma semiaberta, permitindo ao entrevistador acrescentar novas questões tendo em conta o fluxo da entrevista (figuras 6 e 7).

Figura 6 - Objetivos, hipóteses e questões das entrevistas aos guias

Objetivos	Hipóteses	Questões
1. Saber quais os <i>walking tours</i> que são mais procurados em Lisboa e o porquê.	1. Os <i>walking tours</i> generalistas são mais procurados do que os temáticos.	1. Atualmente, em Lisboa, existem inúmeros percursos pedestres normalmente denominados <i>walking tours</i> com diversos temas. Na sua opinião, qual o tipo de <i>walking tour</i> que é mais procurado na cidade? 1.1. A que se deve este facto?
2. Saber por que motivo os guias criam <i>walking tours</i> .	1. A criação de novos <i>walking tours</i> é realizada devido à falta de oferta sobre determinada temática.	1. Já criou um percurso pedestre temático na cidade? 1.1. Se sim, o que é que o levou a tal?
3. Conhecer qual o procedimento utilizado na construção de um itinerário.	1. Na construção de um itinerário, é seguido o processo teórico de elaboração de um itinerário, descrito no capítulo II.	1. Durante a construção de um itinerário, como é realizada a seleção do percurso ou caminho a realizar? 2. Ao criar um novo itinerário quais as etapas na construção do mesmo? 3. Na elaboração do percurso de um <i>walking tour</i> quais os pormenores que se deve ter em conta para que o mesmo tenha sucesso?
4. Perceber qual a melhor forma de atrair novos visitantes a locais menos conhecidos de Lisboa.	1. O crescimento dos nichos de mercado é benéfico para o crescimento turístico de freguesias periféricas lisboetas. 2. Já foram criados itinerários em freguesias menos turísticas de Lisboa. 3. O público português procura mais os <i>walking tours</i> em freguesias menos turísticas do que o público estrangeiro. 4. Os itinerários temáticos podem ser um atrativo benéfico para atrair novos turistas.	1. Pela sua experiência, acredita que, com o crescimento de novos nichos de mercado, em determinadas zonas de Lisboa, como freguesias ou bairros menos turísticos, estas possam vir a ter um crescimento da procura turística? 2. Durante a sua vida profissional já elaborou algum itinerário temático destinado a freguesias lisboetas com uma menor visibilidade turística? 2.1. Se sim, quais as ilações que retirou dessa(s) visita(s)? 2.2. Teve mais procura por parte do público estrangeiro ou nacional? 3. Acredita que os itinerários temáticos poderiam ser um produto eficaz para atrair novos visitantes a estas freguesias?

Figura 7 - Objetivos, hipóteses e questões das entrevistas às JF

Objetivos	Hipóteses	Questões
1. Saber qual é a importância turística da freguesia e o que tem para oferecer.	1. A freguesia de São Domingos de Benfica/ Beato/ Carnide/ Lumiar, não tem procura turística atualmente. 2. A freguesia tem pouca oferta turística.	1. Acredita que a freguesia de São Domingos de Benfica/ Beato/ Carnide/ Lumiar, tem procura turística atualmente? 2. Quais são as principais potencialidades turísticas que a freguesia tem para oferecer?
2. Perceber o que pensam do desenvolvimento turístico da freguesia.	1. O aumento do turismo é uma prioridade para a JF. 2. Está a ser utilizada uma linha de apoio financeiro para o desenvolvimento turístico da freguesia.	1. De momento o aumento do dinamismo turístico e consequente procura turística é uma preocupação para a JF? 1.1. Estão a utilizar alguma linha de financiamento do PRR ² ou outra para o desenvolvimento turístico da freguesia?
3. Conhecer as estratégias e itinerários utilizados para atrair visitantes à freguesia.	1. Existem estratégias a ser postas em prática para atrair novos turistas. 2. Já foram elaborados itinerários na JF. 3. Os itinerários foram criados e promovidos pela JF. 4. Houve maior procura por parte do público nacional. 5. Os itinerários temáticos podem ser um produto eficaz para atrair novos visitantes e contribuir para a proteção e gestão sustentável das atrações da freguesia.	1. Quais as estratégias que estão a pôr em prática para atrair novos visitantes à freguesia? 2. Durante o seu mandato na JF já foi elaborado algum itinerário temático? 2.1. Se sim, por quem? 2.2. Quais as ilações que retirou dessa(s) visita(s)? 2.3. Teve mais procura por parte do público estrangeiro ou nacional? 3. Acredita que os itinerários temáticos poderiam ser um produto eficaz para atrair novos visitantes e contribuir para a proteção e gestão sustentável das atrações da freguesia?

As entrevistas foram realizadas entre 20 de junho e 14 de setembro de 2022. Apesar de se ter dado preferência por entrevistas presenciais, dois dos guias entrevistados, José Antunes e Cátia Garcia, não tiveram possibilidade de reunir presencialmente e, por isso, as entrevistas foram realizadas através da plataforma ZOOM. Todas as entrevistas tiveram uma duração compreendida entre 20 e 33 minutos. Foram realizadas, no total, nove entrevistas, quatro a presidentes das Juntas de Freguesia, ou seus representantes, e cinco a guias de Lisboa.

Como sugerido por Sales e Cavo (2018), todos os entrevistados foram informados sobre a duração aproximada da entrevista, foi tido em conta o local da mesma, procurando sítios com pouco ruído, e foi pedida autorização para a gravação de todas as entrevistas.

Foram selecionados dois grupos de entrevistados, as Juntas de Freguesia e os guias, tendo em conta os objetivos e informação que se pretendiam obter. No que diz respeito às entrevistas aos representantes das Juntas de Freguesia, estas fornecem informações relativas ao turismo

² O Plano de Recuperação e Resiliência é um programa que pretende implementar reformas e investimentos com o objetivo de recuperar o crescimento económico após a pandemia causada pela Covid-19.

existente nas mesmas e as atrações que ali poderão ser visitadas. Por sua vez, os guias fornecem uma perspetiva sobre o turismo existente na cidade de Lisboa e informação útil referente aos itinerários culturais.

2.2. Análise de Entrevistas

A fase inicial, o planeamento das entrevistas é uma etapa especialmente trabalhosa, durante a qual são definidos os objetivos, as hipóteses e as questões das entrevistas a realizar. Esta fase é especialmente demorada uma vez que a entrevistadora está dependente da disponibilidade dos entrevistados (Mata, 2021).

As entrevistas foram alvo de um planeamento meticuloso para que fossem executadas da melhor forma. Inicialmente, estabeleceram-se objetivos e hipóteses para cada grupo de entrevistas, dos quais surgiram uma série de questões a inquirir aos entrevistados.

A análise destas entrevistas consistiu na transcrição (ver anexos 1 e 2) e comparação das informações facultadas pelos entrevistados, através de uma tabela síntese que permite a comparação imediata das respostas para cada um dos objetivos.

A tabela síntese (figuras 8 e 9) facilita ainda a fase seguinte, a de análise e tratamento dos dados recolhidos. Nesta fase, analisou-se individualmente e globalmente os dados retirados das entrevistas tendo em conta os objetivos pré-estabelecidos (ver anexos 3 e 4). Nestas tabelas é possível analisar comparativamente as respostas dos entrevistados tendo em conta cada objetivo proposto.

Figura 8 – Síntese das entrevistas aos guias

	Inês Ribeiro	Pedro Vaz	José Antunes	Nuno Oliveira	Cátia Garcia
<p>Objetivo 1- Saber quais os <i>walking tours</i> que são mais procurados em Lisboa e a razão dessa procura.</p>	<p>Procuram <i>tours</i> mais generalistas, muitas vezes free walking tours. Nos temáticos destaca a Lisboa Judaica.</p>	<p>Procuram walking tours que consigam combinar vários temas, nomeadamente o misto cidade com natureza. Dentro dos mais temáticos destaca a Lisboa dos Espiões, a Lisboa dos Assassínatos, os Crimes de Lisboa e alguns <i>tours</i> musicais.</p>	<p>Procuram os walking tours mais gerais, no caso da <i>Lisbon Walkers</i> destacam o Revelation Tour e o Old Town. Mais temático, mas ainda assim genérico, é o Lendas e Mistérios.</p>	<p>Procuram principalmente Food Tours combinados com a parte histórica, na <i>Lost In</i> procuram principalmente os tours na Trafaria e no Bairro Alto.</p>	<p>Procuram walking tours curtos (3 horas máximo), mais generalizados como primeira abordagem. Dentro dos temáticos destacam-se os Food Tours e o Tour Judaico. Na <i>This is Lisbon</i> destacam-se os tours dedicados à parte antiga da cidade e as Lojas Históricas.</p>
<p>Objetivo 2- Saber por que motivo os guias criam <i>walking tours</i>.</p>	<p>Criam percursos para homenagear datas ou figuras significativas, a pedido de particulares e de escolas ou para visitar museus.</p>	<p>Acredita que o tempo disponível devido à pandemia o incentivou a criar o percurso do “Viver Amália”. Também o amor pela temática e a falta desta oferta no mercado foram o incentivo para a criação do mesmo.</p>	<p>Cria passeios por haver temáticas que quer desenvolver e da qual há material para trabalhar. Cria também para escolas e a pedido de particulares.</p>	<p>Cria percursos por ter tempo disponível e por falta de oferta da temática ou do bairro em questão.</p>	<p>Criam os percursos para serem feitos de forma original e a pedido de particulares. Importante criar percursos sobre temáticas sobre as quais se sinta confortável e tenha conhecimento.</p>

	Inês Ribeiro	Pedro Vaz	José Antunes	Nuno Oliveira	Cátia Garcia
<p>Objetivo 3- Conhecer o procedimento utilizado na construção de um itinerário.</p>	<p>Inicia por fazer uma pesquisa na internet, depois faz uma lista dos sítios mais importantes e mapeia-os para que possa criar um percurso com lógica. Quando deixa algum local de fora tenta falar dele noutra sítio, mostrando fotografias. Destaca a importância da distância e tempo do percurso, de saber contextualizar os locais e contar histórias, de saber adaptar o percurso quando necessário, de ter cuidado ao atravessar a estrada, de escolher locais de paragem afastados da estrada e à sombra e de realizar pausas técnicas.</p>	<p>Prepara o tour baseado na história, realizando pesquisa em livros e documentos. Depois delineia o percurso por ordem cronologia, desde que nasceu até à sua morte, delimitando-o a um bairro. De seguida faz a seleção das músicas que estão relacionadas com os momentos abordados na visita. Tem em atenção os locais onde para, tentando evitar o barulho, e os locais onde atravessa a estrada (passadeiras e semáforos) e dar sempre uma pausa técnica. Destaca a importância de, antes do passeio, fornecer informações sobre os locais de início e fim, o número de horas e o grau de dificuldade do passeio. Ao escolher a temática deve ter-se em conta a oferta já existente, tentando inovar o passeio. Importante ainda selecionar um número mínimo e máximo de pessoas para o passeio, sendo o ideal as 20 pessoas, selecionar o horário de início e duração do tour, e saber adaptar o tour tendo em conta a nacionalidade.</p>	<p>Nos passeios temáticos inicia por selecionar a temática e os pontos de interesse, de seguida vê a duração prevista para o tour e o que se consegue ver durante esse tempo e, por fim, escolhe a ordem da visita tendo em conta a lógica e a história que se quer contar. Nos passeios generalizados cria-se um percurso base e a partir daí adapta-se em função do grupo. Importante escolher locais agradáveis, onde não haja tanto barulho e que sejam seguros. Importância da testagem dos itinerários com amigos ou colegas.</p>	<p>Começa por selecionar os bairros, ver os pontos de interesse e só depois estipula a rota a seguir. É importante saber qual o público alvo do tour, qual a temática e fio condutor e só depois escolher o trilho. Para a escolha do percurso utiliza a ferramenta Google Maps. Procura oferecer passeios mais longos, que tenham pausa técnica, preferencialmente, circulares, escolhendo locais com pouco barulho e sem filas. Destaca a importância e potencialidade do turismo criativo para os walking tours. No caso das caminhadas que realiza, refere antes do tour a inclinação, o número de subidas, a distância, se o percurso é circular ou não e se o terreno é de alcatrão ou terra batida.</p>	<p>Começa por escolher os pontos de interesse, depois pensa nas paragens técnicas e só no final desenha a rota. Tem em atenção o grau de dificuldade do percurso, tentando colocar nos primeiros 40 minutos o percurso mais difícil fisicamente. Importante haver uma pausa técnica. Saber que se não é possível passar num local importante para a temática, mostrar fotografias ou vídeos do sítio. Essencial a existência de momentos wow e de surpresa ao longo da visita. Para além de saber criar o percurso, é importante saber dá-lo a conhecer.</p>

	Inês Ribeiro	Pedro Vaz	José Antunes	Nuno Oliveira	Cátia Garcia
<p>Objetivo 4- Perceber qual a melhor forma de atrair novos visitantes a locais menos conhecidos de Lisboa.</p>	<p>Faz a maioria dos percursos no centro histórico e apenas fez um percurso numa freguesia menos turística. Não acredita que a procura de nicho seja significativa e, por isso, não acha que o aumento dos nichos leve ao crescimento da procura de freguesias menos centrais. Acredita que os itinerários temáticos em freguesias menos turísticas podem ser atrativos para o turista nacional.</p>	<p>Apenas elaborou percursos no centro da cidade, mas já acompanhou percursos de colegas em bairros menos turísticos, nomeadamente a zona oriental da cidade. Estas visitas foram feitas para o público nacional ou que fale português. Acredita que o crescimento dos nichos de mercado pode ser benéfico para o aumento da procura turística em freguesias mais periféricas da cidade, até porque as pessoas procuram coisas diferentes, principalmente, quando já não é a primeira vez no país. Admite que os itinerários temáticos podem ser um atrativo para as freguesias menos turísticas, mas que para isso deve haver um contacto próximo com as juntas de freguesia.</p>	<p>Já elaborou passeios fora do centro histórico. Acredita que o crescimento dos nichos de mercado pode ser benéfico para o aumento da procura turística em freguesias mais periféricas, principalmente devido à massificação da Baixa, que torna a zona pouco autêntica. Admite que os itinerários temáticos podem ser um atrativo para as freguesias menos turísticas se forem bem promovidos tanto para o público nacional como estrangeiro.</p>	<p>Faz passeios dentro e fora do centro histórico e nos arredores de Lisboa, nos quais o público tende a ser mais nacional. Acredita que o crescimento dos nichos de mercado pode ser benéfico para o aumento da procura turística em freguesias mais periféricas, sendo o melhor meio de promoção o “passa palavra”. Admite que os itinerários temáticos podem ser um atrativo para as freguesias menos turísticas, mas têm que ser organizados localmente pela câmara ou JF, fornecendo alternativas ao turismo tradicional.</p>	<p>Faz passeios em Sintra e Cascais, mas dentro de Lisboa, faz principalmente no centro histórico, tendo feito apenas um passeio na Estrela, Lapa e Campo de Ourique, que foi feito a pedido de estrangeiros. Acredita que o crescimento dos nichos de mercado pode ser benéfico para o aumento da procura turística em freguesias mais periféricas, principalmente com as gerações mais novas que procuram os produtos de forma diferente. Admite que os itinerários temáticos podem ser um atrativo para as freguesias menos turísticas, principalmente se se der um tema ao itinerário e não só o nome do bairro.</p>

Figura 9 – Síntese das entrevistas às Juntas de Freguesia

	JF São Domingos de Benfica	JF Carnide	JF Lumiar	JF Beato
<p>Objetivo 1-Saber qual é a importância turística da freguesia e o que tem para oferecer</p>	<p>Acredita que São Domingos de Benfica tem alguma procura turística, mas apenas em pontos específicos como o Palácio Marquês da Fronteira, o Museu Benfica – Cosme Damião, o Jardim Zoológico e o Palácio Beau-Séjour.</p> <p>Para além dos mencionados, destaca como potencialidades os vários parques e jardins da freguesia, a Quinta da Alfarrobeira, Monsanto, o Teatro Thalia e o Parque Bensaúde.</p> <p>Defende ainda que os diversos bairros se destacam pela diversidade das pessoas e culturas existentes, e salienta a existência de antigas tascas de fado que remontam ao tempo em que a freguesia era constituída por hortas.</p>	<p>Acredita que a procura turística em Carnide tem vindo a aumentar devido à relevância histórica e gastronómica.</p> <p>Destaca como pontos de maior interesse o centro histórico e o Bairro Padre Cruz, conhecido pela galeria de arte urbana em espaço aberto.</p> <p>Defende a importância da Feira da Luz que tem um carácter bastante religioso, artesanal, cultural e histórico.</p> <p>Para além da Feira da Luz, evidencia a relevância dos Santos Populares e a possibilidade da construção da nova Feira Popular de Lisboa em Carnide.</p> <p>Importância do Centro Comercial Colombo que é muito visitado por ser um dos maiores centros comerciais da Europa.</p>	<p>Acredita que o Lumiar não tem procura turística externa, principalmente pela falta de hotéis, e a procura interna não é significativa.</p> <p>Destaca como pontos de maior interesse o Museu do Traje, o Museu do Teatro, o Parque das Conchas e o Estádio do Sporting.</p> <p>Para além dos mencionados faz referência ao Campo de Golf do Lumiar, os jardins que se destacam pela vegetação, o Cineconchas, o Auditório Orlando Ribeiro, o Cemitério do Lumiar, o mercado, o edifício da UTIL, a sede da EMEL, a sede da JF, a arte urbana na Alta de Lisboa, o edifício da Tobis e os antigos estúdios da RTP.</p> <p>A freguesia destaca-se historicamente por ser a mais populosa de Lisboa e uma das mais antigas do país.</p>	<p>Acredita que o Beato tem alguma procura turística e que esta tem vindo a aumentar devido à proximidade ao Museu do Azulejo e ao seu passado industrial que tem sido utilizado por artistas.</p> <p>Destaca como maiores pontos de interesse os palácios da zona ribeirinha, o parque arquitetónico e o passado industrial, os vários eventos, como a feira medieval, e, no futuro, o Hub Criativo e o Núcleo Museológico.</p>
<p>Objetivo 2- Perceber o que pensam do desenvolvimento turístico da freguesia.</p>	<p>Coloca o turismo como uma prioridade para a JF, procurando encontrar estratégias para atrair novos turistas. Acredita que o turismo irá aumentar e melhorar o comércio da freguesia.</p>	<p>Coloca o turismo como uma prioridade e uma preocupação para a JF. Não pretende que o turismo venha descaracterizar a freguesia, mas sim dinamizá-la e promovê-la.</p>	<p>Não coloca o turismo como uma prioridade, mas sim como um objetivo para a JF.</p> <p>Acredita que a falta de hotéis, de promoção dos atrativos já existentes e de acessibilidades</p>	<p>Coloca o turismo como uma prioridade para a JF.</p> <p>Acredita que a posição geográfica e a proximidade ao porto de cruzeiros podem ser uma mais-valia para o turismo.</p>

	JF São Domingos de Benfica	JF Carnide	JF Lumiar	JF Beato
(Continuação objetivo 2)	Pretendem que o turismo na freguesia seja mais completo e integrado. Não estão a utilizar nenhuma linha de financiamento.	Apesar de não estar e utilizar nenhuma linha de financiamento , a própria junta investe no turismo , tanto diretamente como a apoiar terceiros.	não ajuda o crescimento turístico. Pretendem usar linhas de financiamento , já tendo feito a candidatura aos Bairros Digitais , e estando a analisar outros financiamentos.	Valorização do turismo com a tentativa de implementar um roteiro turístico no oriente da cidade. Falta de investimento na zona , como é exemplo a rede Gira. Não estão a utilizar nenhuma linha de financiamento.
Objetivo Conhecer estratégias utilizadas para atrair visitantes à freguesia	3- as à A principal estratégia é atrair agências de viagem e convencê-las a direcionar os turistas para a freguesia. Como não têm capacidade de trabalhar diretamente com o turismo , necessitam de um mediador, trabalho que acreditam que as agências farão. Já tiveram alguns roteiros turísticos na freguesia e pretendem retomar o trabalho nos mesmos, porque acreditam que são produtos atrativos tanto para o público nacional como para o estrangeiro, bem como para atrair as agências de viagem.	Têm como principais estratégias a inovação de atividades , nomeadamente na parte cultural da Feira da Luz, o investimento e promoção de restaurantes locais , a presença nas plataformas digitais e a promoção da freguesia junto de agências de viagem , tentando colocá-la no mapa de itinerários pela cidade. Possuem um roteiro de arte urbana no Bairro Padre Cruz que pode ser feito sozinho ou no formato de visita guiada, mas sentem falta de um no centro histórico de Carnide. O aumento do turismo no Bairro Padre Cruz permitiu o desenvolvimento da comunidade. Acreditam que os itinerários temáticos possam ser um bom atrativo , sendo um objetivo da junta, para atrair os turistas, principalmente nacionais e locais.	Têm como principais estratégias a criação de uma zona pedonal que ligue a restauração e o comércio , a criação de um itinerário que ligue o Paço do Lumiar à área museológica , a promoção de atividades culturais , desenvolver a ideia do bairro dos 15 minutos e a digitalização da freguesia. Defendem que a criação da parte cultural leva ao desenvolvimento económico e à importância da integração e ligação com o município. Não tiveram roteiros turísticos na freguesia, mas acreditam que são produtos interessantes para atrair novos turistas e para os próprios residentes.	Têm como principais estratégias as de organizar uma programação regular de eventos e de visitas guiadas à freguesia. Pretendem ainda melhorar a promoção das suas atrações , nomeadamente através de revistas e meios de comunicação de renome da área. Mencionam a possibilidade de contacto com o Turismo de Portugal apesar de acreditar em que não é solução. Têm o roteiro da zona oriental que inclui o Beato e outras freguesias e promovem duas vezes por ano visitas guiadas à freguesia , visitas estas direcionadas para o público nacional. Acreditam que os itinerários temáticos possam ser um bom atrativo para o Beato, mas sabem que para tal é preciso dinheiro, pessoal e tempo.

De forma geral, e apesar das diferenças significativas entre os objetivos das entrevistas direcionadas aos guias (figura 8) e das direcionadas às Juntas de Freguesia (figura 9), pode-se concluir que estas freguesias mais periféricas possuem património de interesse e que os itinerários temáticos poderão ser uma boa forma de dar a conhecer estas atrações ao público estrangeiro e, principalmente, ao nacional.

Após a análise das tabelas apresentadas, procedeu-se à análise e comparação dos resultados de cada grupo de entrevistas tendo em conta os objetivos propostos com o objetivo de retirar conclusões. As conclusões retiradas foram, de seguida, relacionadas com as hipóteses propostas no início na investigação. Por fim, segundo a avaliação dos resultados, as hipóteses foram consideradas aceites ou rejeitadas.

Os resultados comparativos de investigação relacionados com os guias e os representantes das juntas de freguesia, respetivamente, são apresentados de seguida.

2.2.1. Análise de Resultados – Guias

Objetivo 1 - Saber quais os *walking tours* que são mais procurados em Lisboa e a razão dessa procura.

No que diz respeito ao primeiro objetivo, de forma geral, os entrevistados encontram-se de acordo, partilhando a opinião de que os *tours* mais procurados, principalmente numa primeira visita, são os *tours* generalistas em que se visitam os locais mais conhecidos e promovidos da cidade de forma a conhecerem-se os seus *highlights*.

Já nos *tours* temáticos destacam-se os *Food Tours*, os *Tours Judaicos* e *tours* que apresentem um carácter mais misterioso e ligado ao crime.

Figura 10 – Objetivo 1 (Guias): Hipóteses

Guias	Hipótese 1: Os <i>walking tours</i> generalistas são mais procurados do que os <i>walking tours</i> temáticos.
Inês Ribeiro	1. Hipótese Aceite
Pedro Vaz	1. Hipótese Rejeitada Os <i>walking tours</i> mais procurados são os que conseguem combinar várias temáticas, como acontece com os generalistas.
José Antunes	1. Hipótese Aceite
Nuno Oliveira	1. Hipótese Rejeitada Os <i>walking tours</i> mais procurados são os <i>Food Tours</i> que são combinados com a parte histórica.
Cátia Garcia	1. Hipótese Aceite

Objetivo 2 - Saber por que motivo os guias criam *walking tours*.

No segundo objetivo da investigação, os entrevistados encontram-se divididos nas respostas. Pedro Vaz e Nuno Oliveira salientam que criam ou criaram percursos pelo tempo disponível decorrente do isolamento causado pela Covid-19 e pela falta de oferta da temática no mercado.

José Antunes, Inês Ribeiro e Cátia Garcia afirmam realizar novos percursos, muitas vezes, a pedido de particulares, nomeadamente escolas. Inês acrescenta ainda que realiza novos percursos para homenagear datas ou figuras significativas ou para visitar museus.

De forma geral, a maioria dos guias acredita que uma das razões principais para se criar um itinerário é a paixão e o à-vontade com a temática escolhida.

Figura 11 – Objetivo 2 (Guias): Hipóteses

Guias	Hipótese 1: A criação de novos <i>walking tours</i> é realizada devido à falta de oferta de uma determinada temática.
Inês Ribeiro	1. Hipótese Rejeitada A criação de novos <i>walking tours</i> é realizada para homenagear datas ou figuras importantes, a pedido de particulares e de escolas, e para visitar museus.
Pedro Vaz	1. Hipótese Aceite
José Antunes	1. Hipótese Rejeitada A criação de novos <i>walking tours</i> é realizada por existirem temáticas que se quer trabalhar e a pedido de escolas e particulares.
Nuno Oliveira	1. Hipótese Aceite
Cátia Garcia	1. Hipótese Rejeitada A criação de novos <i>walking tours</i> é realizada de forma original a pedido de particulares, sobre temática das quais há conhecimento aprofundado.

Objetivo 3 - Conhecer o procedimento utilizado na construção de um itinerário.

No Capítulo II, ponto 1.2. “Elaboração de um itinerário”, foi descrito um processo de construção de itinerários que consiste numa série de etapas. Dessas etapas destacam-se: o levantamento dos recursos existentes no local e seleção dos que se enquadram na temática, a escolha de potenciais paragens e atrações a visitar, a revisão dos locais no mapa para a elaboração do percurso e, por fim, ter em atenção a segurança e bem-estar dos turistas, nomeadamente os locais escolhidos para paragens, a distância e grau de dificuldade.

Apesar de alguns dos entrevistados acrescentarem alguma informação e etapas necessárias à construção de um itinerário, todos seguem as etapas descritas anteriormente.

Todos os guias entrevistados, com exceção de Cátia Garcia, destacam a importância da elaboração do percurso seguindo uma forma lógica ou fio-condutor, quer seja por ordem cronológica ou pela história que se pretende contar.

Inês Ribeiro, Pedro Vaz e José Antunes referem que os percursos devem ser adaptados tendo em conta o grupo e a reação do mesmo ao passeio, nomeadamente no que diz respeito ao cansaço, à dificuldade do percurso, ao interesse demonstrado pelo grupo e à nacionalidade do mesmo.

Pedro Vaz e Nuno Oliveira acreditam que a honestidade e transparência é importante no que diz respeito aos *walking tours* e, como tal, antes do passeio, fornecem um conjunto de informações

aos turistas, tais como os locais de início e fim, os horários de início e de duração do *tour*, o grau de dificuldade do passeio, a distância e o tipo de terreno.

José Antunes refere ainda a importância da testagem dos itinerários, enquanto Cátia Garcia destaca a necessidade de momentos *wow* e de elementos-surpresa ao longo da visita.

Apesar de não ter realizado nenhum passeio que envolvesse este tipo de criatividade, Nuno Oliveira refere que o turismo criativo pode vir a ser um atrativo benéfico para *walking tours*, no sentido em que os turistas poderão eles próprios criar e aprender a fazer coisas tradicionalmente portuguesas, como é exemplo o azulejo.

Figura 12 – Objetivo 3 (Guias): Hipóteses

Guias	Hipótese 1: Na construção de um itinerário, é seguido o processo teórico de elaboração de um itinerário.
Inês Ribeiro	1. Hipótese Aceite
Pedro Vaz	1. Hipótese Aceite
José Antunes	1. Hipótese Aceite
Nuno Oliveira	1. Hipótese Aceite
Cátia Garcia	1. Hipótese Aceite

Objetivo 4- Perceber qual a melhor forma de atrair novos visitantes a locais menos conhecidos de Lisboa.

No que diz respeito ao quarto objetivo, todos os guias, com exceção de Inês Ribeiro, acreditam que o aumento dos nichos de mercado poderá levar ao aumento da procura de turismo em freguesias atualmente menos turísticas da cidade de Lisboa.

Apesar de Pedro Vaz ter sido o único guia que nunca realizou percursos fora do centro histórico, todos eles demonstram que a esmagadora maioria dos percursos são realizados, de facto no centro histórico, tendo apenas realizado percursos fora do centro em ocasiões pontuais, mais direcionados para o público nacional, mas, ainda assim, com alguma procura estrangeira. No caso do guia Nuno Oliveira, os percursos são maioritariamente feitos em zonas menos turísticas, ou então com temáticas diferentes das habituais apresentadas no centro histórico de Lisboa.

A totalidade acredita que os itinerários temáticos sejam uma forma eficaz para atrair novos visitantes a freguesias menos turísticas da cidade, sendo necessário algum contacto próximo com as juntas de freguesia e uma boa promoção dos mesmos direcionando-os, tanto para o turista português como estrangeiro.

Figura 13 – Objetivo 4 (Guias): Hipóteses

Guias	<p>Hipótese 1: O crescimento dos nichos de mercado é benéfico para o crescimento turístico de freguesias periféricas lisboetas.</p> <p>Hipótese 2: Já foram criados itinerários em freguesias menos turísticas de Lisboa.</p> <p>Hipótese 3: O público português procura mais os <i>walking tours</i> em freguesias menos turísticas do que o público estrangeiro.</p> <p>Hipótese 4: Os itinerários temáticos podem ser um atrativo benéfico para atrair novos turistas.</p>
Inês Ribeiro	<p>1. Hipótese Rejeitada</p> <p>Como a procura de nicho não é significativa, não acredita que haja um crescimento da procura turística de freguesias menos centrais.</p> <p>2. Hipótese Aceite</p> <p>3. Hipótese Aceite</p> <p>4. Hipótese Aceite</p>
Pedro Vaz	<p>1. Hipótese Aceite</p> <p>2. Hipótese Aceite</p> <p>3. Hipótese Aceite</p> <p>4. Hipótese Aceite</p>
José Antunes	<p>1. Hipótese Aceite</p> <p>2. Hipótese Aceite</p> <p>3. Hipótese Aceite</p> <p>4. Hipótese Aceite</p>
Nuno Oliveira	<p>1. Hipótese Aceite</p> <p>2. Hipótese Aceite</p> <p>3. Hipótese Aceite</p> <p>4. Hipótese Aceite</p>
Cátia Garcia	<p>1. Hipótese Aceite</p> <p>2. Hipótese Aceite</p> <p>3. Hipótese Rejeitada</p> <p>O único passeio que realizou fora do centro histórico foi para turistas alemães.</p> <p>4. Hipótese Aceite</p>

2.2.2. Análise de Resultados – Juntas de Freguesia

Objetivo 1 - Saber qual é a importância turística da freguesia e o que tem para oferecer

No que diz respeito à importância turística da freguesia, de forma geral, as juntas de freguesia entrevistadas acreditam que as freguesias possuem alguma procura turística, mas de forma ocasional e, principalmente, por parte do público nacional. Apenas a junta de freguesia do Lumiar afirma não ter nenhuma procura a nível internacional e a que tem a nível nacional é praticamente nula, muito por falta de hotéis na zona.

São Domingos de Benfica possui uma série de atrações mais reconhecidas como o Palácio Marquês da Fronteira, o Museu Benfica – Cosme Damião, o Jardim Zoológico e o Palácio Beau-Séjour que permitem um maior dinamismo turístico, mas de forma não integrada. Para além das atrações referidas, defende-se que os vários parques e jardins, a Quinta da Alfarrobeira,

Monsanto, o Teatro Thalia e o Parque Bensaúde possam vir a ser atrativos interessantes da freguesia.

No caso de Carnide, a aldeia na cidade, a relevância histórica e gastronómica, bem como a galeria de arte urbana no Bairro Padre Cruz, o Centro Comercial Colombo e as festas e feiras, como a Feira da Luz e os Santos Populares são os grandes atrativos da freguesia. Nesta freguesia há também a possibilidade da construção da nova Feira Popular de Lisboa que se prevê que traga bastantes novos visitantes à freguesia.

A freguesia do Lumiar apresenta um conjunto de atrações variadas que poderão ser interessantes se forem dadas a conhecer aos turistas da freguesia. Apesar de se destacarem os museus do Traje e do Teatro, o Parque das Conchas e o Estádio do Sporting, além do Campo de Golf do Lumiar, o Cineconchas, o Auditório Orlando Ribeiro, o Cemitério do Lumiar, o mercado, o edifício da UTIL, a sede da EMEL, a sede da JF, a arte urbana na Alta de Lisboa, o edifício da Tobis e os antigos estúdios da RTP são atrações com alguma relevância para a freguesia.

Por fim, o Beato dá relevância aos palácios ribeirinhos da freguesia, ao parque arquitetónico, a todas as infraestruturas ligadas ao passado industrial e aos eventos que ali decorrem, como é exemplo a Feira Medieval. Acredita-se que, no futuro, o *Hub* Criativo do Beato e o seu Núcleo Museológico possam vir a ser atrações de destaque para a freguesia.

Figura 14 – Objetivo 1 (JF): Hipóteses

Juntas de Freguesia (JF)	Hipótese 1: A freguesia de São Domingos de Benfica/ Beato/ Carnide/ Lumiar não têm procura turística atualmente. Hipótese 2: A freguesia tem pouca oferta turística.
JF São Domingos de Benfica (Continuação JF SDB)	1. Hipótese Rejeitada Ainda que a procura seja pouca e de forma específica, a freguesia tem alguma procura turística. 2. Hipótese Rejeitada A freguesia apresenta um conjunto considerável de atrações de interesse turístico.
JF Carnide	1. Hipótese Rejeitada Apesar de não ser dos pontos mais procurados da cidade, a procura turística tem vindo a aumentar. 2. Hipótese Rejeitada A freguesia apresenta um conjunto considerável de atrações de interesse turístico.
JF Lumiar	1. Hipótese Aceite 2. Hipótese Rejeitada A freguesia apresenta um conjunto considerável de atrações de interesse turístico.
JF Beato	1. Hipótese Rejeitada Apesar de não ser dos pontos mais procurados da cidade, a procura turística tem vindo a aumentar. 2. Hipótese Rejeitada A freguesia apresenta um conjunto considerável de atrações de interesse turístico.

Objetivo 2 - Perceber o que pensam do desenvolvimento turístico da freguesia.

Relativamente ao objetivo dois, todas as freguesias, com exceção do Lumiar, colocam o turismo como uma prioridade para a JF. A JF do Lumiar, apesar de não considerar uma prioridade, acredita que é uma preocupação e um objetivo melhorar e aumentar o dinamismo turístico da freguesia.

São Domingos de Benfica olha para o turismo como uma forma de conseguir aumentar e melhorar o comércio da freguesia, focando-se bastante na parte económica do turismo e esquecendo todas as restantes vertentes que engloba.

Carnide, apesar de considerar o turismo como uma prioridade, defende que este deverá ser utilizado como uma forma de promover e dinamizar a freguesia sem a descaracterizar, procurando assim, um turismo sustentável dentro da freguesia.

A junta de freguesia do Lumiar acredita que o Lumiar apenas não tem mais visitantes devido à falta de hotéis na zona, à fraca promoção dos atrativos já existentes na freguesia e às poucas acessibilidades existentes mesmo dentro da freguesia.

Por fim, o Beato acredita que a posição geográfica e a proximidade ao porto de cruzeiros podem ser uma mais-valia para atrair novos turistas, afirmando que seria benéfico fazê-los virar à direita em vez de para a esquerda, em direção à Baixa. A JF demonstra, realmente, que valoriza o turismo, tendo conseguido criar um roteiro na zona oriental de Lisboa, roteiro esse que se tornou num livro.

Para conseguir pôr em prática as estratégias de atração de turismo nenhuma das freguesias está a utilizar linhas de financiamento, nomeadamente do PRR. Apenas a JF do Lumiar admitiu ter realizando a candidatura aos Bairros Digitais e estar a analisar novas linhas de financiamento para conseguir investir no turismo da freguesia demonstrando a importância do desenvolvimento do alojamento, do planeamento e da promoção para o turismo, apesar de, na entrevista, afirmarem que o desenvolvimento turístico não é uma prioridade.

Figura 15 – Objetivo 2 (JF): Hipóteses

Juntas de Freguesia (JF)	Hipótese 1: O aumento do turismo é uma prioridade para a JF. Hipótese 2: Está a ser utilizada uma linha de apoio financeiro para o desenvolvimento turístico da freguesia.
JF São Domingos de Benfica	1. Hipótese Aceite 2. Hipótese Rejeitada Não estão a ser utilizadas linhas de financiamento para o desenvolvimento turístico da freguesia.
JF Carnide	1. Hipótese Aceite 2. Hipótese Rejeitada Não estão a ser utilizadas linhas de financiamento para o desenvolvimento turístico da freguesia.
JF Lumiar	1. Hipótese Rejeitada Apesar de não ser uma prioridade, o aumento do turismo é um objetivo para a JF. 2. Hipótese Rejeitada Não estão a ser utilizadas linhas de financiamento para o desenvolvimento turístico da freguesia.
JF Beato	1. Hipótese Aceite 2. Hipótese Rejeitada Não estão a ser utilizadas linhas de financiamento para o desenvolvimento turístico da freguesia.

Objetivo 3 - Conhecer as estratégias utilizadas para atrair visitantes à freguesia.

Todas as freguesias possuem algumas estratégias que procuram pôr ou que já se encontram em prática para atrair novos visitantes.

A estratégia escolhida por São Domingos de Benfica é a de atrair agências de viagens à freguesia e que estas funcionem enquanto intermediário entre a junta e os turistas, direcionando os mesmo para as atrações da zona em vez de sugerir apenas o centro de Lisboa.

Carnide também admite a promoção da freguesia junto das agências de viagens, mas, a esta estratégia, acrescenta a inovação de atividades, o investimento e promoção de restaurantes locais e a presença e promoção da freguesia através das plataformas digitais.

Também o Lumiar pretende promover novas e melhores atividades culturais, nomeadamente a criação de um itinerário que ligue o Paço do Lumiar à área museológica da freguesia, acrescentando, como estratégias, a criação de uma zona pedonal, ao estilo da Rua Cor-de-Rosa, que ligue a restauração e o comércio, a digitalização da freguesia e o desenvolvimento do conceito do bairro dos 15 minutos, onde tudo o que é necessário para o dia-a-dia e bem-estar dos fregueses se encontre num raio de 15 minutos de distância.

O Beato, de acordo com as restantes freguesias, acredita que a promoção das suas atrações é uma estratégia essencial para o desenvolvimento turístico do bairro, nomeadamente através de revistas como a NIT e a *Time Out*. Apesar de já existirem visitas guiadas e eventos na freguesia,

a junta pretende organizar uma programação mais regular destas visitas e eventos com o objetivo de atrair novos visitantes à freguesia.

No que diz respeito aos itinerários e às visitas guiadas nas freguesias, apenas Carnide e Beato possuem, atualmente, roteiros e visitas guiadas. No caso de Carnide, existe um roteiro de arte urbana e visitas guiadas no Bairro Padre Cruz, tanto organizadas pela junta como por terceiros, mas a junta acredita que seria benéfico um itinerário direcionado para o centro histórico de Carnide. Já a freguesia do Beato tem divulgado o roteiro para a zona oriental de Lisboa, que inclui o Beato e outras freguesias, e também a promoção de duas visitas guiadas por ano à freguesia.

Apesar de estarem desatualizados, a JF de São Domingos de Benfica possui alguns roteiros turísticos direcionados para um certo tipo de património, jardins e outro tipo de atrações.

Independentemente de terem ou não realizado itinerários, roteiros ou visitas guiadas na freguesia, todas concordam que os itinerários temáticos poderão ser atrativos importantes para a zona, não só para atrair turistas estrangeiros, mas também para atrair portugueses que queiram conhecer melhor estas zonas de Lisboa e até mesmo no sentido de dinamizar atividades que promovam o conhecimento da freguesia para os próprios moradores.

Figura 16 – Objetivo 3 (JF): Hipóteses

Juntas de Freguesia (JF)	<p>Hipótese 1: Existem estratégias a ser postas em prática para atrair novos turistas.</p> <p>Hipótese 2: Já foram elaborados itinerários, roteiros ou visitas guiadas na freguesia.</p> <p>Hipótese 3: Os itinerários foram criados e promovidos pela JF.</p> <p>Hipótese 4: Houve maior procura por parte do público nacional.</p> <p>Hipótese 5: Os itinerários temáticos podem ser um produto eficaz para atrair novos visitantes e contribuir para a proteção e gestão sustentável das atrações da freguesia.</p>
JF São Domingos de Benfica	<ol style="list-style-type: none"> 1. Hipótese Aceite 2. Hipótese Aceite 3. Hipótese Aceite 4. Hipótese Aceite 5. Hipótese Aceite
JF Carnide	<ol style="list-style-type: none"> 1. Hipótese Aceite 2. Hipótese Aceite 3. Hipótese Rejeitada <p>Os itinerários foram criados e promovidos tanto pela JF como por terceiros.</p> <ol style="list-style-type: none"> 4. Hipótese Aceite 5. Hipótese Aceite
JF Lumiar	<ol style="list-style-type: none"> 1. Hipótese Aceite 2. Hipótese Rejeitada <p>De que se tenha conhecimento, nunca foram criados itinerários, roteiros ou visitas guiadas na freguesia.</p> <ol style="list-style-type: none"> 3. Hipótese Rejeitada <p>Como não foram criados, os itinerários não foram promovidos pela JF.</p> <ol style="list-style-type: none"> 4. Hipótese Aceite 5. Hipótese Aceite
JF Beato	<ol style="list-style-type: none"> 1. Hipótese Aceite 2. Hipótese Aceite 3. Hipótese Aceite 4. Hipótese Aceite 5. Hipótese Aceite

Apesar de algumas diferenças, as quatro freguesias encontram um ponto em comum: ambas possuem inúmeros potenciais pontos de atração que não são dados a conhecer aos turistas.

Tendo em conta que todos os entrevistados concordam que os itinerários temáticos são ferramentas eficazes para promover a freguesia e o seu património, seria importante a criação de *walking tours* com esta finalidade.

Capítulo IV: Elaboração de Itinerários Temáticos

1. Carnide

1.1. Introdução a Carnide

“A freguesia de Carnide é um espaço cheio de enormes contrastes, onde a cidade moderna se encosta à aldeia quase tradicional (...) Aqui o velho “burro”, o coreto, o chafariz, as casas antigas, palácios e conventos se vêm cercados por torres de apartamentos” (Figueiredo, 2005, p.7).

Situada no extremo norte do concelho de Lisboa, a freguesia de Carnide, tradicionalmente rural, tem vindo a sofrer um processo de crescimento urbano de forma acelerada e pouco ordenada, contribuindo para o aumento do contraste entre o ambiente rural e urbano da freguesia (Junta de Freguesia de Carnide, 2012).

Atualmente a freguesia tem um total de, aproximadamente, 18 mil habitantes com destaque para a faixa etária dos 24 aos 64 anos de idade (INE, s.d.) e uma área de quatro quilómetros quadrados (Figueiredo, 2005).

A JF acredita que a freguesia deve ter especial atenção ao planeamento, habitação e à salvaguarda e valorização do património histórico para ser possível organizá-la de uma forma coerente e qualificada.

No que diz respeito à história de Carnide, Figueiredo (2005) acredita que este lugar já existia na época romana e que se consolidou durante o domínio muçulmano entre os séculos VII e XII, quando foram construídos pequenos casais e se desenvolveram hortas e pomares que levaram a que Carnide fosse considerado o celeiro de Lisboa.

Após a Conquista de Lisboa, o território foi organizado administrativa e religiosamente, formando uma nova e vasta paróquia rural. Séculos mais tarde, no século XIX, deu-se um grande aumento populacional, talvez devido à preferência dada pela aristocracia lisboeta ao local, principalmente para fugir à fome e epidemias que atingiram a cidade e devido aos ares fortes e saudáveis de Carnide (Mendes, 2011).

Já no século XX, Carnide teve um papel muito importante para a Revolução dos Cravos, pois foi no regimento de Engenharia 1 que estiveram reunidos, de 24 a 26 de abril de 1974, os oficiais que comandaram as operações inerentes da Revolução do 25 de Abril (Figueiredo, 2005).

Atualmente a freguesia é reconhecida, principalmente, pela sua gastronomia, pela galeria de arte urbana presente no Bairro Padre Cruz e pela Feira da Luz, considerada uma das romarias mais antigas do país, cuja origem remonta ao século XVI.

1.2. Levantamento de Recursos

Para proceder à elaboração do itinerário referente à freguesia de Carnide, a discente elaborou uma pesquisa sobre os recursos de interesse que poderão ser utilizados para fins turísticos. Estes recursos foram analisados no terreno e organizados numa tabela, na qual estão identificados tendo em conta a categoria em que se inserem, categoria esta de autoria própria

tendo em conta a finalidade ou a razão pela qual cada recurso detém reconhecimento e importância (figura 17)

Um recurso turístico ou, no caso, um potencial recurso turístico, é considerado qualquer elemento natural ou produto da intervenção humana que seja capaz de motivar a deslocação de pessoas a um determinado local (Alves, 2016). Na figura 17 estão assinaladas, a verde, as atrações selecionadas para o itinerário.

Figura 17: Recursos de Carnide

Recurso	Categoria
Bairro Padre Cruz	Arte Urbana
Feira da Luz	Festas e Romarias
Santos Populares	Festas e Romarias
Igreja da Luz	Religioso
Igreja de São Lourenço	Religioso
Convento de Santa Teresa	Religioso
Convento São João da Cruz	Religioso
Antigo Hospital da Luz – Colégio Miliar	Arquitetura utilitária
Quinta dos Condes de Carnide	Quinta
Covas do Pão	Arquitetura utilitária
Quinta das Pimenteiras	Quinta
Quinta da Luz	Quinta
Quinta de Santo António (R. Azinhaga Fonte, nº26)	Quinta
Quinta dos Azulejos	Quinta
Quinta da Marquesa de Fora (Colégio do Menino Jesus – ASA)	Quinta
Quinta das Barradas (R. Norte nº49)	Quinta
Casa do Bispo de Lisboa (Rua do Machado nº1)	Arquitetura Civil
Seminário da Luz	Religioso
Edifício de habitação Rua Maria Veleda nº 24	Arquitetura Contemporânea
Túmulo Infanta D. Maria (Igreja da Luz)	Religioso (Tumular)
Quinta do Bom Nome	Quinta
Lavadouro Municipal - Estr. da Correia nº 4	Arquitetura Utilitária
Chafariz de Carnide	Arquitetura utilitária
Palácio e Jardins dos Condes de Mesquitela (Colégio Militar)	Palácio
Painel Azulejos Tv. Do Pregoeiro, nº 2	Azulejo
Painel Azulejos R. Neves Costa, nº 44	Azulejo
Painel Azulejos R. do Machado, nº 22 e 24	Azulejo
Painel Azulejos R. das Parreiras, nº 1, 2 e 3	Azulejo
Coreto de Carnide	Arquitetura cultural
Jardim da Luz	Restaurante
Adega de Carnide	Restaurante
Adega das Gravatas	Restaurante
O Miudinho	Restaurante
Coreto do Bairro	Restaurante
Centro Comercial Colombo	Centro Comercial
Teatro Armando Cortez	Teatro

Como apresentado, a freguesia de Carnide apresenta inúmeros recursos, alguns deles já aproveitados para fins turísticos, como é o caso da Galeria de Arte Urbana no Bairro Padre Cruz e outros que poderão vir a ser atrações turísticas para a localidade.

Também a gastronomia se apresenta como um dos grandes atrativos de Carnide, sendo reconhecida nacionalmente pelos seus petiscos tradicionais, com destaque para o naco na pedra, especialidade de muitos restaurantes.

Contudo, uma das grandes atrações da freguesia continua a ser a reconhecida Feira da Luz, uma festa com carácter religioso dedicada a Nossa Senhora da Luz, que atrai não só crentes como milhares de pessoas que desejam conhecer o artesanato, a gastronomia, ou apenas aproveitar os concertos dos vários artistas.

1.3. Itinerário Temático em Carnide: *Uma Aldeia na Cidade*

Após o levantamento dos recursos, a visita aos locais e a entrevista com o Presidente da Junta de Freguesia, analisada no Capítulo IV deste trabalho, decidi elaborar um itinerário no centro histórico de Carnide tendo como objetivo dar a conhecer as vivências rurais e religiosas da freguesia, bem como a sua gastronomia.

Como demonstrado no Capítulo II, referente aos itinerários temáticos, os itinerários podem ser classificados de diversas formas. Seguindo a classificação de Figueira (2013), este é um itinerário cultural, realizado a pé de forma linear, desenvolvido a nível local e com uma duração curta. Já na classificação de Alves (2016), este itinerário enquadra-se nos itinerários culturais históricos, de arquitetura popular, uma vez que pretende dar a conhecer momentos e personagens de importância histórica da localidade, em conjunto com edifícios e estruturas característicos, como por exemplo o lavadouro público ou o coreto.

Apresenta-se, de seguida, os locais a visitar no itinerário desenhado.

1. Igreja da Luz

A Igreja da Luz será o ponto de encontro do grupo.

Mandado erguer pela Infanta D. Maria, filha de D. Manuel I, o Santuário da Luz foi um importante exemplar da decoração e arquitetura maneirista de influência italiana, que conseguia receber mais de mil pessoas. O seu interior era decorado com elementos renascentistas e maneiristas, aspeto que ainda hoje é visível no altar-mor, que conserva baixos-relevos em jaspe com diversas figurações alegóricas.

Com o terramoto de 1755, o santuário ficou bastante destruído, nunca sendo totalmente reconstruído. Em 1870 começam as obras de reconstrução da Igreja da Luz e, em 1918, é elevada a sede da paróquia de Carnide (Figueiredo, 2005).

Tanto a capela-mor como o túmulo da Infanta D. Maria são hoje considerados Monumentos Nacionais (Câmara Municipal de Lisboa, 2009).

2. Colégio Militar

Situado no antigo Hospital de Nossa Senhora dos Prazeres, o Colégio Militar tem como função a formação militar, intelectual, técnica, física, moral e cívica através de valores da vida militar (Colégio Militar, s.d.).

O antigo Hospital de Nossa Senhora dos Prazeres, ou da Luz, foi contruído entre 1601 e 1618, após a doação dos bens da infanta D. Maria, filha de D. Manuel I, ao Santuário da Luz. O terramoto de 1755 causou danos no hospital e este acabou por perder importância, levando ao seu encerramento em 1814 (Projeto E-Carnide, 2016e).

Após alguns anos aqui sediado, o Colégio Militar decide tornar o Hospital da Luz nas suas instalações principais, em 1873 (Gomes et al., 1996).

O edifício sofreu diversas modificações ao longo dos anos que alteraram a traça original. No corpo central da fachada destaca-se a pedra de armas da infanta D. Maria, um nicho com a imagem da Virgem com o Menino, um fundo de nuvens com cabeças de anjo, e, no frontão, a Cruz de Cristo numa moldura circular (Projeto E-Carnide, 2016e).

Desde 1885 que também o Palácio e jardim dos Condes de Mesquitela estão integrados no Colégio Militar, servindo, principalmente, como enfermaria. O seu interior encontra-se completamente descaracterizado, mantendo apenas a escadaria interna forrada a azulejos azuis e brancos da época de D. João V. Já no seu exterior, destaca-se o muro da quinta, decorado a azulejos recortados com várias composições com alegorias às artes e ciências e painéis de azulejo simulando estátuas de figuras mitológicas clássicas (Figueiredo, 2005).

3. Seminário da Luz

Com fachada para o Largo da Luz, o Seminário da Luz era, inicialmente, um palacete construído em 1878, com uma fachada neoclássica e com um interior decorado de acordo com a moda da época (Paróquia de Carnide, 2020).

Em 1939, a propriedade foi vendida aos padres franciscanos e, no ano seguinte, foi construído o Seminário das Missões Franciscanas, pelo arquiteto Gonçalo de Mello Breyner (Machado, 2005).

4. Quinta das Pimenteiras

Localizada no Largo das Pimenteiras, a Quinta das Pimenteiras é a atual sede da Junta de Freguesia de Carnide.

Em 1860, Pedro Caupers, proprietário do Palácio Caupers, na Quinta das Pimenteiras, mandou plantar no largo uma série de pimenteiras, o que levou ao nome “Largo das Pimenteiras” (Cunha et al., 2016).

5. Palácio Condes de Carnide

A terceira paragem no itinerário é o Palácio dos Condes de Carnide, localizado no Largo da Bola.

A quinta é composta, na parte norte, pelo edifício principal que são as antigas cavalariças e armazéns agrícolas da propriedade, com a fachada principal virada para o Largo do Jogo da Bola e, na parte sul, pelos imensos jardins murados.

Ao longo dos anos, esta quinta teve uma importante função agrícola, principalmente na produção de vinho e azeite e na criação de animais como porcos, ovelhas e vacas (Miranda, et al., 2016).

As casas originais datam do século XVII, ainda que no século XVIII tenham sido reconstruídas totalmente e novamente no século XX após um incêndio (Figueiredo, 2005).

O interior do edifício é decorado com estátuas de motivos mitológicos e painéis de azulejos azuis e brancos com cenas de pesca e caça ao veado e às perdizes.

Também o pequeno jardim é decorado com um murete circular coberto de azulejos do século XVIII, que representam cenas de caça e pesca (Miranda, et al., 2016).

6. Covas de Pão

As covas de pão, ou covas de guardar pão ou cereais, são estruturas escavadas no solo que constituíam uma forma segura de armazenar cereais, garantindo assim a subsistência das populações durante longos períodos de tempo (Almada Informa, 2021).

Em 1993, com as obras na Calçada do Alto do Poço, foi descoberto um conjunto de oito silos, de origem medieval portuguesa ou islâmica, com cerca de dois metros de altura e dois metros de largura que serviram como estruturas de armazenamento de cereais e pão para os habitantes de Carnide (Câmara Municipal de Lisboa, 2009).

Ao longo dos anos foram entrando em desuso e começaram a ter a finalidade de lixeira, o que permitiu aos investigadores encontrarem materiais arqueológicos, como moedas e cerâmicas que datam dos reinados de D. Afonso V, D. Manuel I e D. João III (Projeto E-Carnide, 2016a).

7. Rua do Machado

O nome da rua deriva da aproximação da mesma à antiga Quinta do Machado, da qual ainda hoje é possível ver algumas ruínas (Figueiredo, 2005).

Foram várias as famílias que passaram por esta quinta, desde a família de Urraca Machado, freira no Mosteiro de Chelas, à família Pina e Barros e ao Bispo de Lisboa (Bambo, et al., 2016b).

No atual número 16 é possível identificar um edifício em forma de gaveto com um recorte côncavo. Este recorte foi feito no início do século XX de forma a permitir a passagem do elétrico número 13 que ligava os Restauradores a Carnide (Bambo, et al., 2016b).

8. Lavadouro Municipal

O Lavadouro Municipal é um exemplar da arquitetura utilitária de Carnide. Construído nos anos 20 do século XX, teve como objetivo servir os habitantes da freguesia que aumentavam de ano para ano (Câmara Municipal de Lisboa, 2009).

Nos dias de hoje, ainda que menos utilizado, o lavadouro continua em funcionamento, servindo não só a população como também as lavadeiras que prestam serviços de lavagem de roupa, sendo especialmente usado na lavagem de tapetes e têxteis de grandes dimensões (Projeto E-Carnide, 2016d).

9. Igreja de São Lourenço

Edificada inicialmente em 1321 e reconstruída em 1342, a pedido de D. João, bispo de Lisboa, foi a sede da Paróquia de Carnide até ser substituída pela Igreja da Luz, devido ao crescimento urbano verificado na freguesia (Câmara Municipal de Lisboa, 2009).

Em 1913, com crescimento cada vez mais urbano e menos rural, a Igreja de São Lourenço começou a perder importância, acabando por encerrar.

Após o encerramento da igreja, os painéis de azulejos decorativos foram distribuídos por Lisboa, estando alguns nos jardins das Amoreiras, no Palácio Galveias, no exterior da igreja de São Miguel de Alfama e também na rua da Judiaria (Cordeiro et al., 2016).

Só em 1990, 77 anos após o seu encerramento, a igreja voltou a estar aberta ao culto após uma série de obras de restauro do espaço, mantendo, ainda hoje, a sua função religiosa e social (Gomes e Vale, 1996b)

10. Quinta dos Azulejos

Com origens que remontam aos séculos XVII e XVIII, ao longo dos anos a Quinta dos Azulejos conheceu várias denominações como Quinta do Desembargador, Quinta do Wanzeller, Quinta de Santa Martha, Carregador do Rossio e Quinta das Soteras (Figueiredo, 2005).

Em meados do século XVIII, a casa, jardins e arco da nora da quinta foram revestidos a azulejo, pelo que a quinta passou a ser reconhecida como Quinta dos Azulejos, designação que mantém (Projeto E-Carnide, 2016c).

Ainda hoje a azulejaria é o que torna esta quinta particularmente especial. Entre as fachadas sul e poente existia uma grande varanda com as paredes completamente revestidas a painéis de azulejo com figuras mitológicas e nos jardins são apresentados painéis de azulejo com cenas caricaturais e pitorescas. Nos painéis presentes na nora está indicada a data de 1747, contudo acredita-se que os painéis das salas do piso nobre do edifício sejam anteriores (Projeto E-Carnide, 2016c).

Atualmente é propriedade da família Bebiano que tem procedido a obras de restauro da casa e dependências anexas, utilizando parte do jardim para eventos (Câmara Municipal de Lisboa, 2009).

11. Igreja e Convento de Santa Teresa de Jesus de Carnide

Fundado em 1642 pela princesa Micaela Margarida, filha natural do imperador Matias da Alemanha, após a doação de terrenos de Carnide por João da Mata, correio-mor do reino, o Convento de Santa Teresa de Jesus de Carnide foi um convento feminino da Ordem dos Carmelitas Descalços (Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 2011).

Em 1650, a filha do rei D. João IV, D. Maria, ingressou no convento com seis anos de idade, tornando-se numa figura importante para a história do mesmo, sendo que foi uma das impulsionadoras das obras realizadas na parte conventual e na igreja, passando a dedicar a sua vida ao mesmo (Gomes e Vale, 1996a).

Depois de diversas transformações ao longo dos séculos, em 1949 passa a ser denominado Confraria São Vicente de Paulo e começa a ser utilizado como lar de terceira idade e jardim de infância, funções que mantém até hoje (Câmara Municipal de Lisboa, 2009).

Apesar da fachada sóbria visível no eixo sul, decorada apenas pela pedra de armas de D. Maria e por um nicho com a imagem da Santa Teresa, é compensada pelos seus interiores requintados, como são exemplos as pinturas da igreja atribuídas a Inácio Bernardes e José Carneiro, e os painéis de azulejo policromado do século XVII (Figueiredo, 2005).

Proveniente deste convento, o Presépio Monumental de António Ferreira, foi integrado no espólio do Museu Nacional de Arte Antiga, sendo um exemplar dos presépios barrocos ligado às temáticas da Natividade, do Anúncio aos Pastores, da Adoração dos Magos e da Fuga para o Egipto da Sagrada Família (Bambo et al., 2016a).

Atualmente o convento é considerado Monumento de Interesse Público e está integrado no Plano de Urbanização Carnide-Luz (Gomes e Vale, 1996a).

12. Coreto

O quinto local de paragem é o Coreto de Carnide. Inicialmente construído, como estrutura temporária, no século XIX, a pedido da Sociedade União Operária de Carnide, o coreto foi palco de vários bailes onde os habitantes de Carnide se reuniam, dançavam e cantavam nos meses de primavera e verão (Câmara Municipal de Lisboa, 2009).

Apenas em 1929 foi construído o Coreto de estrutura fixa, acontecimento que foi recebido com um extenso programa de festas com várias atuações (Projeto E-Carnide, 2016b).

Atualmente o Coreto é utilizado durante os Santos Populares e o Carnaval, numa tentativa de recriar os tempos do passado (Figueiredo, 2005).

13. Degustação

A visita termina num restaurante do centro histórico de Carnide, onde os visitantes poderão degustar alguns dos produtos e pratos tradicionais portugueses.

A visita guiada a pé em Carnide (figura 18) tem a duração aproximada de 2 horas excluindo o tempo reservado no final para a degustação. Terá como ponto de encontro a Igreja da Luz, no Largo da Luz, e terminará junto ao restaurante Adega de Carnide, ou um restaurante semelhante, para uma degustação de pratos tradicionais. O nível de dificuldade da visita é baixo uma vez que o terreno é plano e acessível e a distância curta.

Os locais e atividades apresentados foram organizados de forma que fosse criado um itinerário a seguir num *walking tour*. Apresenta-se, de seguida, o itinerário referente à freguesia de Carnide, desenhado partindo do princípio que a visita será realizada num dia útil devido aos horários das atrações. Caso seja feito ao fim-de-semana, o itinerário terá de sofrer algumas alterações.

Itinerário na freguesia de Carnide:

10.00h: Encontro na Igreja da Luz

10.10h – 10.30h: Igreja da Luz (visita) e Largo da Luz (Colégio Militar e Seminários Franciscanos)

10.30h – 10.35h: Igreja da Luz -> Quinta das Pimenteiras

10.35h – 10.40h: Quinta das Pimenteiras (paragem)

10.40h – 10.45h: Quinta das Pimenteiras -> Largo da Bola

10.45h – 10.55h: Largo da Bola [Palácio dos Condes de Carnide e Covas do Pão] (paragem)

10.55h – 11.00h: Largo da Bola -> Lavadouro Municipal (Através da Rua do Machado)

11.00h – 11.10h: Lavadouro Municipal (paragem ou visita)

11.10h – 11-15h: Lavadouro Municipal -> Igreja de São Lourenço

11.15h – 11.20h: Igreja de São Lourenço (paragem)

11.20h – 11.25h: Igreja de São Lourenço -> Quinta dos Azulejos

11.25h – 11.30h: Quinta dos Azulejos (paragem)

11.30h – 11.35h: Quinta dos Azulejos -> Convento de Santa Teresa de Jesus de Carnide

11.35h – 11.50h: Convento de Santa Teresa de Jesus de Carnide (visita)

11.55h – 12.10h: Passeio pelas ruas do Centro Histórico de Carnide

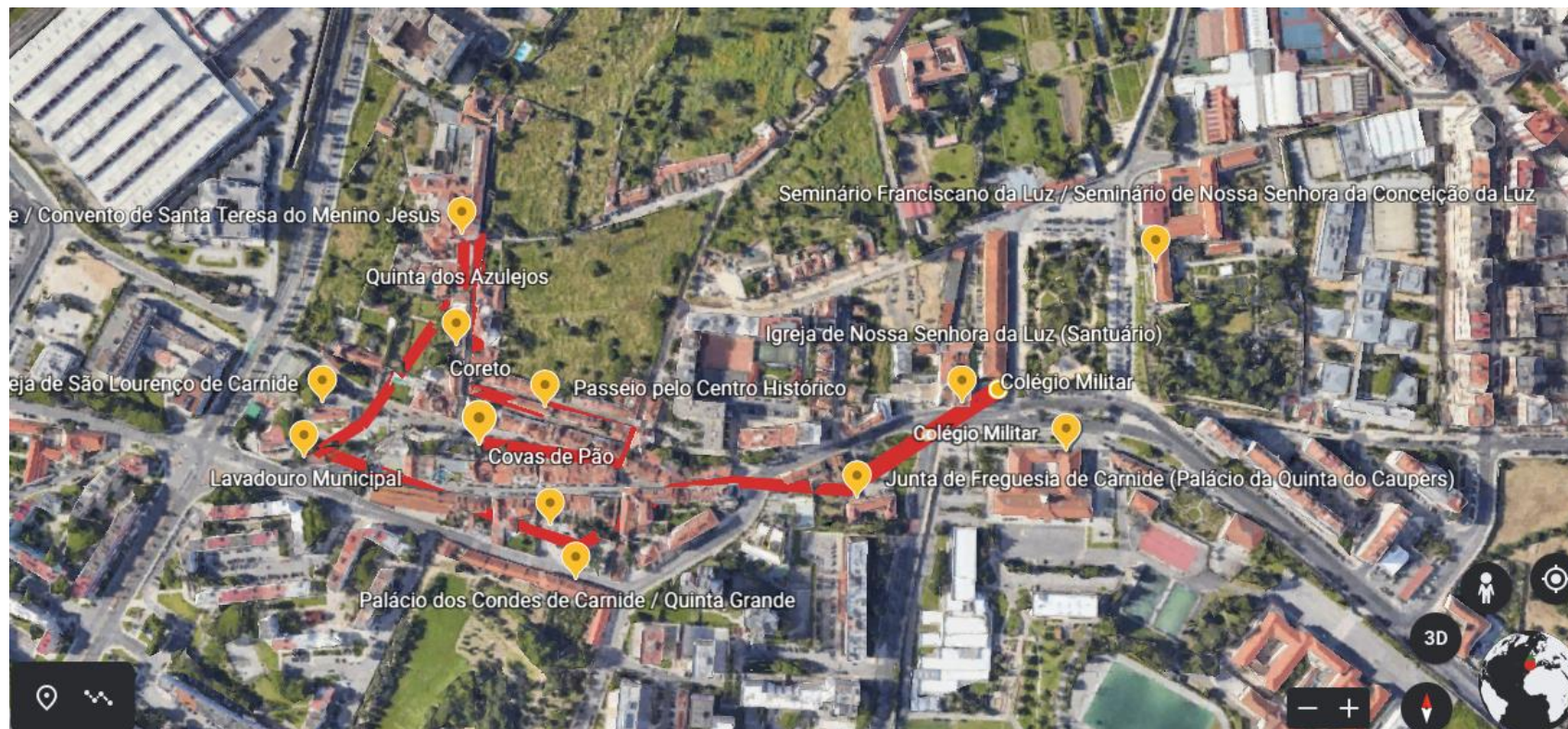
12.10h – 12.15h: Centro Histórico -> Coreto

12.15h – 12.20h: Coreto (paragem)

12.20h – 12.25h: Coreto -> Adega de Carnide

12.30h: Fim da visita e início da degustação

Figura 18: Itinerário em Carnide



O *walking tour* de Carnide, com o título *Uma Aldeia na Cidade*, tem como objetivo dar a conhecer o centro histórico da freguesia que se caracteriza como uma ilha na cidade, onde é notável o contraste entre o rural, que permanece no centro histórico, e o urbano, que circunda toda esta zona.

Na visita teste deste percurso registaram-se algumas anomalias que poderão prejudicar a visita e que servem de sugestão para a JF. A irregularidade mais notada foi, sem dúvida, o horário de abertura do lavadouro público de Carnide que apresenta o horário de segunda a sexta com abertura às 10 horas da manhã. Contudo, durante a visita, que decorreu num dia de semana e durante a manhã, o lavadouro apresentou-se fechado sem motivo ou justificação aparente. Esta visita, ainda que rápida, era importante para mostrar o carácter ainda tão rural do centro histórico de Carnide e dar a conhecer a forma como se lavava a roupa até há relativamente poucas décadas atrás.

Evidenciou-se ainda que o Convento de Santa Teresa de Jesus de Carnide, por ser um lar de idosos não mantém as portas da igreja abertas, ainda que com marcação, e, por isso, é necessário que o guia se desloque à receção do lar para que a visita à igreja seja possível. Ao chegar à receção ficou clara a falta de comunicação entre a paróquia e a gestão da igreja, sendo que a marcação da visita foi realizada com a paróquia e, na receção, não tinham informação desta visita. Apesar de ser normal em locais mais rurais, a marcação de visitas e ter de pedir que as atrações sejam abertas, todo o processo demorou bastante tempo o que acabou por prejudicar a visita.

2. São Domingos de Benfica

2.1. Introdução a São Domingos de Benfica

Localizada na zona norte de Lisboa, a freguesia de São Domingos de Benfica (SDB) é uma das freguesias mais recentes de Lisboa uma vez que as suas fronteiras administrativas foram estabelecidas, como as conhecemos hoje, apenas em 1959 (Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, s.d.).

Apesar de, administrativamente, ser uma freguesia recente, a sua história é antiga, o que criou um perfil próprio identificado através do património e das vivências sociais que estruturam e referenciam a imagem urbana e vida contemporânea dos fregueses (Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, 2012).

Atualmente, conta com cerca de 34 mil habitantes, sendo que a maioria está inserida no grupo etário dos 25 aos 64 anos (INE, s.d.), numa área de pouco mais de 4 quilómetros quadrados (Cardoso, 2019).

No que diz respeito à história de SDB, é possível identificar vestígios deixados por antigos povos, nomeadamente do Paleolítico médio e do período romano. Já após a conquista de Lisboa, a

zona começou a ter algum reconhecimento quando D. João I fez a doação das terras e casas aos frades da Ordem de São Domingos que ali edificaram um convento (Gonçalves, 2009).

Reza a lenda que foi D. João I que, acidentalmente, atribuiu o nome à freguesia dizendo “Aqui bem-fica o convento”, ao homenagear a beleza natural do local (Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, 2012).

Nos séculos XVI, XVII e XVIII, o sítio de S. Domingos de Benfica começa a ser procurado pela aristocracia portuguesa que construiu uma série de quintas e palácios com extensos jardins, hortas e pomares, principalmente após o terramoto de 1755, que destruiu o centro de Lisboa (Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, s.d.).

Com a instalação de indústrias e com o melhoramento dos transportes públicos no século XIX e ao longo do século XX, a zona começa a crescer e a transformar-se cada vez mais num espaço urbano (Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, 2012).

Atualmente é uma freguesia envelhecida, caracterizada pelo setor terciário, e reconhecida, principalmente por algumas atrações turísticas de renome como é o caso do Estádio da Luz, o Jardim Zoológico e o Palácio dos Marqueses de Fronteira (Gonçalves, 2009).

2.2. Levantamento de Recursos

Para proceder à elaboração do itinerário referente à freguesia de SDB, segui o mesmo processo que na freguesia de Carnide: elaborando uma pesquisa da qual recolhi recursos de interesse que poderão ser utilizados para fins turísticos. Estes recursos foram analisados no terreno e organizados numa tabela na qual estão identificados tendo em conta a categoria em que se inserem, categoria esta de autoria própria tendo em conta a finalidade ou a razão porque cada recurso detém reconhecimento e importância (figura 19). Na figura 19 estão assinaladas, a verde, as atrações selecionadas para o itinerário.

Figura 19: Recurso de São Domingos de Benfica

Património	Categoria
Palácio e Quinta da Alfarrobeira	Palácio e Quinta
Palácio dos Marqueses de Fronteira	Palácio
Quinta Nova da Conceição	Palácio
Palácio e Jardins Beau-Séjour	Palácio e Jardins
Palácio e Jardins dos Condes de Farrobo	Palácio e Jardins
Palácio e Quinta Bensaúde	Palácio e Quinta
Palácio e Quinta de Devisme	Palácio e Quinta
Capela dos Castros	Religioso
Igreja de N ^ª Sra. do Rosário	Religioso
Túmulo Dr. João das Regras (Igreja N ^ª Sra. do Rosário)	Religioso (Túmulo)

Património	Categoria
Convento de St. António da Convalescença	Religioso
Chafariz São Domingos de Benfica	Arquitetura utilitária
Chafariz das Laranjeiras	Arquitetura utilitária
Chafariz St. António da Convalescença	Arquitetura utilitária
Teatro Thalia	Teatro
Bairro Grandella	Bairro Operário
Museu da Música	Museu
Jardim Zoológico	Lazer ao ar livre
Mata S. Domingos de Benfica	Lazer ao ar livre
Monsanto	Lazer ao ar livre
Parque Bensaúde	Lazer ao ar livre
Museu e Estádio Sport Lisboa e Benfica	Museu
Túmulo de Frei Luís de Sousa (Convento de S. Domingos de Benfica)	Religioso (Túmulo)
Quinta do Lameiro	Quinta
Quinta dos Condes de Caria	Quinta
Metro de Sete Rios	Metro
Metro Laranjeiras	Metro
Metro Alto dos Moinhos	Metro
Pastelaria Califa (Pastel de São Domingos de Benfica)	Pastelaria/ Doçaria

Apesar de já apresentar alguns pontos turísticos reconhecidos como o Palácio dos Marqueses de Fronteira, o Jardim Zoológico, o estádio e museu do Sport Lisboa e Benfica e até mesmo o parque de Monsanto, a freguesia de São Domingos de Benfica apresenta um vasto património que deve ser divulgado.

No que diz respeito à doçaria, SDB é reconhecida pelo pastel com o mesmo nome, criado pela pastelaria Califa no âmbito de um concurso promovido pela JF.

2.3. Itinerário Temático em São Domingos de Benfica: *Uma freguesia de Quintas e Palácios*

Após o levantamento dos recursos, a visita aos locais e a entrevista com o Presidente da Junta de Freguesia, que permitiu, no Capítulo IV, perceber a importância e significância do turismo para a freguesia, bem como os pontos de interesse destacados pelo Presidente, decidi criar um itinerário na freguesia que tem como temática principal o vasto património de palácios existente, dando a conhecer não só os palácios, mas também outros pontos de interesse da localidade.

Como demonstrado no Capítulo II referente aos itinerários temáticos, os itinerários podem ser classificados de diversas formas. Seguindo a classificação de Figueira (2013), este é um itinerário cultural ou histórico, realizado a pé de forma linear, desenvolvido a nível local e com uma duração curta. Já na classificação de Alves (2016), este itinerário enquadra-se, maioritariamente, nos itinerários culturais históricos, dando a conhecer personagens e edifícios, principalmente palácios e quintas, de destaque na freguesia.

Apresenta-se, de seguida, os locais a visitar no itinerário desenhado.

1. Quinta da Alfarrobeira

A Quinta da Alfarrobeira, que alberga atualmente a JF de São Domingos de Benfica, será o ponto de encontro da visita.

Reza a lenda que o arquiteto do Convento de Maфра, João Frederico Ludovice, ao terminar as obras em Maфра, percebeu que sobrava bastante material e, como tal, pediu ao rei D. João V que lhe cedesse os restos da obra para poder construir para si uma casa de veraneio, ao que o rei respondeu “Não faças uma choupana, mas um palácio e uma mata, onde eu possa ir caçar”. A verdade é que Ludovice construiu aqui uma vasta propriedade, que serviu de casa de verão para o arquiteto e de residência para a sua viúva e filhos (Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, 2019).

A partir de 1833, data da venda da propriedade, a Quinta das Alfarrobeiras possuiu vários proprietários até ao final do século XX em que passou a pertencer à Câmara Municipal de Lisboa.

A sua arquitetura, apesar de simples, mostra-se harmoniosa e de uma beleza inquestionável. Já a sua capela, de estilo barroco, é dedicada Nossa Senhora da Assunção, sendo decorada com mármore e telas. Para além do palácio e capela, a quinta era também composta por um grande jardim como lagos e uma casa de fresco, onde eram feitas as refeições (Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, 2012).

Atualmente, a quinta está bastante diferente da que foi construída no século XVIII, tendo sofrido alterações no século XX e construção de novos anexos de apoio.

2. Bairro Grandella

O Bairro Grandella é um bairro do século XX, mandando construir pelo empresário Francisco Grandella, com o objetivo de alojar os operários das suas fábricas. O bairro dividia-se em três categorias: uma ala com habitações mais reduzidas, dedicada aos operários; uma ala com características semelhantes à dos operários, mas dedicada aos superiores das fábricas; e uma ala com vivendas unifamiliares reservada aos empregados dos Armazéns Grandella no Chiado, que poderiam utilizar o comboio (Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, 2012).

No topo da ala destinada aos operários, perto da Estrada de Benfica, são visíveis dois edifícios idênticos com fachada neoclássica. Um destes edifícios serviu de escola primária para os filhos dos operários até ao 25 de abril e, mais tarde, foi utilizado como creche da Associação de

Moradores. O outro edifício foi também uma creche, mais tarde, uma fábrica de bonecas (Centro Nacional de Cultura, 2008a) e hoje é a sede do Fórum Grandella.

No topo de um destes edifícios encontra-se uma estrela de cinco pontas, rodeada de louros com a frase "Sempre por Bom Caminho e Segue", um símbolo associado ao maçonismo português e ao lema de Grandella (Centro Nacional de Cultura, 2008a).

Considerado como Imóvel de Interesse Público desde 1984, o bairro transporta quem o visita até ao tempo do industrial do século XX (Miranda, 2019).

3. Jardim e Palácio Beau-Séjour

Localizado na Estrada de Benfica, o Palácio Beau-Séjour foi uma residência de veraneio que recebeu inúmeras festas e convívios frequentados por artistas da época.

Construído no século XIX, o palácio é revestido a azulejos e decorado com inúmeras peças da família Bordalo Pinheiro, especialmente do ceramista Rafael Bordalo Pinheiro, transformando o palácio num dos mais significativos no que diz respeito à arte do período romântico ao naturalismo. Algumas das obras mais importantes do palácio são, de facto, da autoria dos Bordalo Pinheiro como os enquadramentos a azulejo da casa de jantar ou o lavatório de cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro, os motivos florais pintados em vidro por Maria Bordalo Pinheiro e as belíssimas pinturas de Columbano Bordalo Pinheiro, com destaque para a obra "O Carnaval de Veneza" (Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, 2022a).

O jardim do palácio apresenta-se como uma miniatura de um jardim romântico, podendo observar-se um lago amplo com uma pequena ilha onde está erguido um abrigo de chuva que deu um novo nome à quinta, Quinta das Campainhas, devido aos sinos que tilintavam neste abrigo (Junta de Freguesia de Benfica, 2012). Ainda no jardim existe um segundo abrigo de chuva e um pavilhão em alvenaria que funcionava como cobertura de uma escada que levava à Estrada de Benfica (Gomes e Vale, 1993).

Atualmente a propriedade é da responsabilidade da Câmara Municipal de Lisboa, que restaurou o espaço e instalou aí o Gabinete de Estudos Olissiponenses, que reúne o maior acervo bibliográfico sobre a cidade de Lisboa. Este é um espaço que recebe com alguma frequência iniciativas culturais (Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, 2006).

4. Igreja de Nossa Senhora do Rosário

Em 1399 o rei D. João I doou à ordem Dominicana os seus terrenos e casa em Benfica para que ali pudessem construir um convento, doação esta que teve bastante influência de João das Regras que jaz na atual Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Centro Nacional de Cultura, 2008b).

Ao longo dos séculos este conjunto religioso sofreu várias modificações tendo sido demolido e reconstruído em várias ocasiões deixando o convento de servir o seu propósito em 1834 com a expulsão das ordens religiosas (Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, 2012).

Após várias obras de restauro, a antiga igreja do convento abriu ao público em 1904. Desde 1904 a igreja foi considerada Imóvel de Interesse Público, Paróquia de S. Domingos de Benfica e, em 1979, passou a ser utilizada pela Força Aérea Portuguesa que ainda hoje é sua proprietária (Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, 2012).

De características maneiristas e barrocas, a igreja conserva, atualmente, vários elementos de interesse artístico como os retábulos em talha dourada da capela-mor e das duas capelas do transepto; os vários painéis de azulejo azuis e brancos; as obras de André Gonçalves e Vincenzo Carducci; a campa tumular de Frei Luís de Sousa e alguns espaços anexos como a Capela dos Castros (Quo Vadis, 2022a).

Porém, um dos elementos mais interessantes da igreja é o tumulo de D. João da Regras, jurista da crise política 1383-1385, que nas cortes justificou o direito de D. João I à coroa portuguesa (Carvalho e Meleiro, sd.). Esta obra tumular medieval de referência é considerada Monumento Nacional. Trata-se de uma arca em mármore branco de Montelavar, assente sobre quatro leões, onde o sepultado é representado com as vestes de um letrado, com a mão direita sobre o peito segurando um livro e a mão esquerda sobre uma espada. Aos seus pés, um cão em posição de vigia demonstra a importância de D. João na sua época. (Paróquia de São Domingos de Benfica, 2017).

5. Capela dos Castros

Pertencente ao complexo arquitetónico do antigo Convento de São Domingos de Benfica, a capela foi fundada em 1648 por D. Francisco de Castro, bispo inquisidor-geral, com o objetivo de se tornar o jazigo da sua família (Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica 2022b).

O interior da capela é um espaço amplo e requintado pela escolha dos materiais que dominam: a pedra de lioz e os mármore policromados. Neste espaço funerário, existem quatro túmulos de destaque, os de D. João de Castro, D. Leonor Coutinho, D. Álvaro de Castro e D. Ana de Ataíde, todos eles em mármore e assentes em elefantes, tal como as sepulturas dos Jerónimos. No presbitério e debaixo da capela estão sepultados os restantes membros da família Castro (Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, 2012).

Com a extinção das ordens religiosas, a capela manteve-se como panteão da família Castro e, com a implementação da República em 1910, passou a ser utilizada pelo Instituto Militar dos Pupilos do Exército como animatógrafo, estando presentemente bastante arruinada (Figueiredo, 2014).

Atualmente, a capela continua sobre a alçada do Instituto Militar dos Pupilos do Exército, apesar de já ter sofrido algumas obras de restauro, e é considerada Monumento Nacional (Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, 2022b).

6. Palácio Devisme

O Palácio Devisme é uma quinta do século XVIII que pertenceu ao mercador inglês Gérard Devisme, um dos burgueses mais influentes do tempo do Marquês de Pombal. A mesma quinta

é também conhecida como Quinta da Infanta, uma vez que, em 1834, foi comprada pela Infanta D. Isabel Maria, filha de D. João VI e D. Carlota Joaquina (Bandeira et al., 2004).

Do arquiteto Inácio de Oliveira Bernardes, a quinta tornou-se no primeiro exemplar duma habitação neoclássica em Lisboa. Os jardins eram locais decorados com estatuetas, lagos de molduras rococó, um ribeiro, cascatas e viveiros de aves, com uma densa vegetação e uma larga coleção de árvores e plantas exóticas (Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, 2012).

Após a morte da infanta, em 1876, o edifício foi comprado por Teresa de Saldanha, a fundadora, em Portugal, das Terceiras Dominicanas, que ali estabeleceu a casa de formação, a cúria geral e o Colégio de São José (Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, 2010).

Em 1910 a quinta passa a ser propriedade do Estado, onde se instala um reformatório feminino, e, em 1991, regressa às mãos das Irmãs Domínicas. Atualmente assinala-se a existência de uma sala-museu dedicada a Madre Teresa de Saldanha, fundadora da congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena (Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, 2012).

7. Palácio dos Marqueses de Fronteira

O Palácio Fronteira poderá ser considerado o mais notável palácio maneirista português.

Construído entre 1667 e 1668, o palácio pertenceu inicialmente a D. João Mascarenhas, 1º Marquês da Fronteira e 2º Conde da Torre, um dos generais de guerra que marcou a Restauração da Independência. Reza a história que a inauguração do palácio foi feita pelo rei D. Pedro II num banquete após uma caçada, sendo que a louça da Índia utilizada foi quebrada para que mais ninguém se servisse dela e os cacos utilizados para decorar as fontes, grutas e pavilhões do palácio (Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, 2012).

Ainda que o exterior do palácio pareça simples, o interior é riquíssimo, ao gosto da arquitetura italiana da época. O material de honra é o azulejo trabalhado, como são exemplos a Sala das Batalhas que representa as várias batalhas entre portugueses e castelhanos em 1640, a galeria exterior, os muros do jardim e até mesmo a pequena capela com revestimento azulejar que alberga um presépio de Machado de Castro (Carvalho e Meleiro, sd.).

Como principais pontos de interesse no seu exterior destacam-se o Jardim Formal, o Jardim de Vénus com o conjunto constituído pelo Tanque dos Ss e a casa de Fresco, o Tanque dos Pretos e as diversas esculturas dispersas pelo jardim. Já no seu interior destacam-se as salas das Batalhas, dos Painéis, das Quatro Estações e de Juno, a Biblioteca, o Terraço das Artes e a Capela (Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2021).

O conjunto formado pelo Palácio, Jardins, Horta e Mata foram declarados Monumento Nacional em 1982 e, atualmente, o palácio, para além de funcionar como museu e espaço para eventos, é também a residência particular de D. Fernando Mascarenhas, 12º Marquês de Fronteira (Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, 2012).

8. Quinta do Lameiro

Localizada no Bairro do Calhau, perto da linha férrea, a Quinta do Lameiro é um belo exemplar das velhas referências rurais da freguesia de SDB.

Inicialmente com terrenos até ao antigo Convento de Santo António da Convalescença, a quinta tem vindo a sofrer expropriações ficando reduzida ao que hoje é visível (Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, 2012).

O seu núcleo primitivo foi construído entre 1670 e 1680 tendo pertencido inicialmente à família Sanches Baena, destinando-se à habitação da família. Contudo, o romance de Francisco Sanches Baena com uma dama levou a um desentendimento com o rei o que causou a sua expulsão do reino e a confiscação dos seus bens (Carvalho e Meleiro, sd.).

O palácio passa a ser ocupado por diversas famílias até 1838 quando é adquirido pela família Oom Weelhouse, que zelou pela propriedade e realizou várias experiências com sementes importadas. Atualmente a quinta já se apresenta modificada e remodelada tentando respeitar a antiga volumetria onde se mistura a antiguidade com a modernidade. No que diz respeito à decoração destacam-se as notáveis coleções de arte tanto de mobiliário como de pintura e os azulejos, principalmente a coleção proveniente da Quinta de Santo António de Convalescença (Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, 2012).

Atualmente, a quinta mantém o encanto das épocas passadas e as suas características rurais e artísticas que marcaram e continuam a marcar a família Oom.

9. Degustação do Pastel São Domingos

No fim da visita, terminada no Palácio do Lameiro, os visitantes terão a oportunidade de experimentar um Pastel de São Domingos da Pastelaria Califa, ou seja, um pastel de nata com alfarroba (Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, 2015).

Este doce surgiu a propósito do concurso de pastelaria lançado pela JF de SDB para a criação de um pastel típico da freguesia, com o objetivo de promover, valorizar e desenvolver a restauração e a economia local (Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, 2016).

A visita guiada a pé em SDB (figura 20) tem a duração aproximada de 3 horas. Terá como ponto de encontro a Quinta da Alfarrobeira, atual JF, e terminará junto à Quinta do Lameiro. O nível de dificuldade da visita é baixo uma vez que o terreno é plano e acessível e a distância curta.

Os locais e atividade apresentados foram organizados de forma a criar um *walking tour*. Apresenta-se, de seguida, o itinerário na freguesia de São Domingos de Benfica, desenhado partindo do princípio que a visita será realizada num dia útil devido aos horários dos locais a visitar. Caso seja realizado ao fim-de-semana, o itinerário terá de sofrer algumas alterações.

Itinerário em SDB:

10.00h: Encontro na Quinta da Alfarrobeira

10.10h: Quinta da Alfarrobeira (visita)

10.25h – 10.35h: Quinta da Alfarrobeira -> Bairro Grandella

10.35h – 10.45h: Bairro Grandella (paragem)

10.45h – 10.50h: Bairro Grandella -> Palácio Beau-Séjour

10.50h – 11.50h: Palácio Beau-Séjour (visita)

11.50h – 12.00h: *Comfort Stop*

12.00h – 12.10h: Palácio Beau-Séjour -> Igreja Nossa Senhora do Rosário

12.10h – 12.15h: Igreja Nossa Senhora do Rosário (paragem)

12.15h – 11.20h: Igreja Nossa Senhora do Rosário -> Capela dos Castros

12.20h – 12.25h: Capela dos Castros (paragem)

12.25h – 12.30h: Capela dos Castros -> Palácio Devisme

12.30h – 12.35h: Palácio Devisme (paragem)

12.35h – 12.40h: Palácio Desvisme -> Palácio dos Marqueses de Fronteira

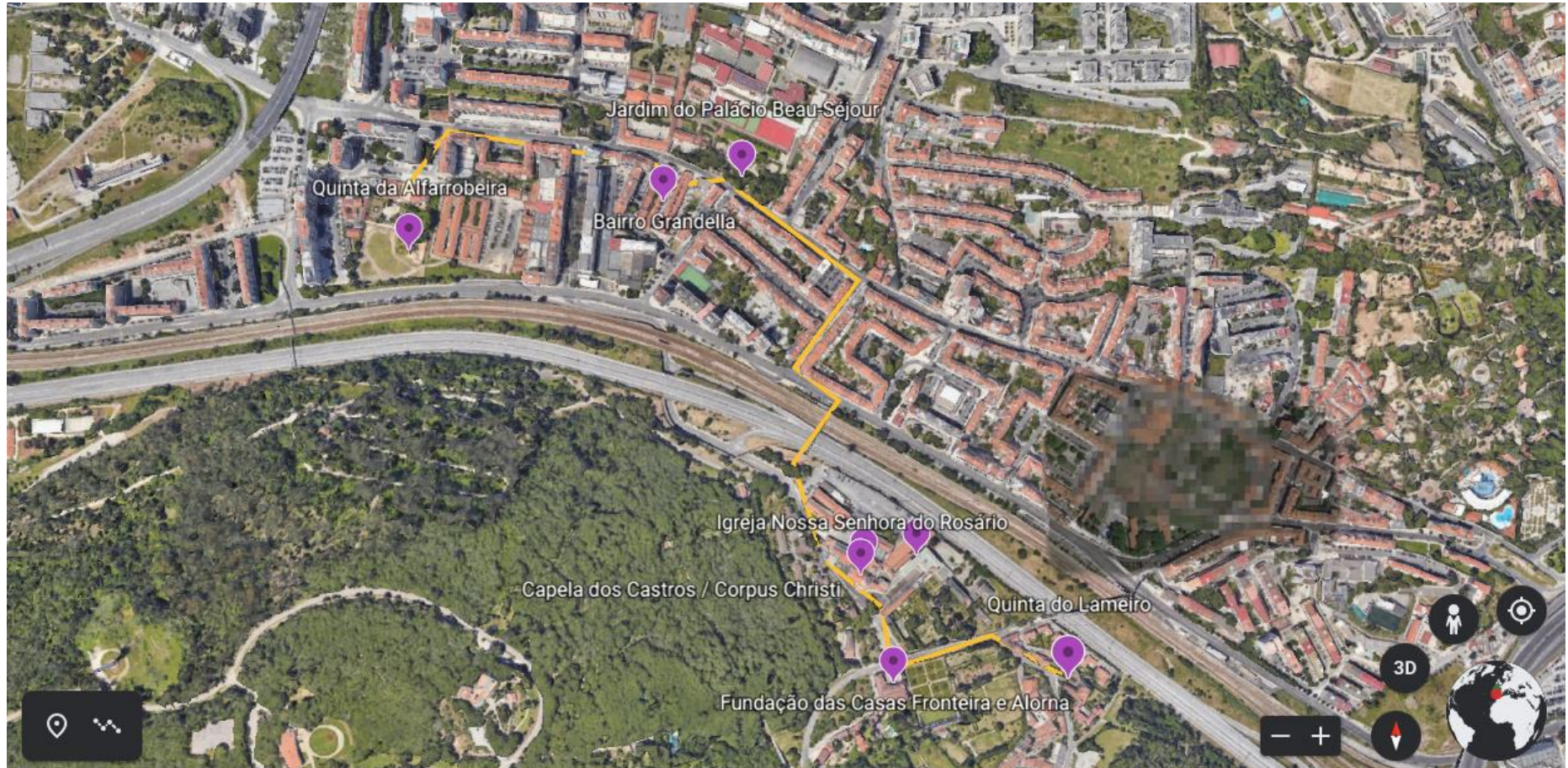
12.40h – 12.45h: Palácio dos Marqueses de Fronteira (paragem)

12.45h – 12.50h: Palácio dos Marqueses de Fronteira -> Quinta do Lameiro

12.50h – 13.00h: Quinta do Lameiro (paragem) e prova do Pastel São Domingos

13.00h: Fim da visita

Figura 20: Itinerário em São Domingos de Benfica



No percurso de SDB, *Uma freguesia de Quintas e Palácios*, pretende-se dar a conhecer, em particular, vestígios e antigos palácios e quintas da vida aristocrática que, durante muitos anos, caracterizaram a zona.

Na visita teste ficou claro que a freguesia é rica em património de diversos tipos, tendo já uma procura acentuada no Jardim Zoológico, no Museu Benfica e no Palácio Marquês de Fronteira. De forma geral, a visita decorreu dentro do esperado, sem atrasos ou complicações. Contudo, é de referir que algumas das atrações que seriam interessantes visitar, como a Igreja de Nossa Senhora do Rosário que possui o túmulo de D. João das Regras, são propriedade particular e difíceis de visitar, mesmo com marcação. Desta forma, seria interessante que a Junta de Freguesia ou o Município tentassem chegar a um acordo que permitisse que a igreja fosse visitável devido à sua importância histórica e ao túmulo que é considerado Monumento Nacional.

Entre os aspetos positivos é de destacar a importância da visita guiada ao Palácio do Beau-Séjour, realizada por uma técnica profissional do Gabinete de Estudos Olissiponenses, que torna a visita mais rica. Assim, estas visitas tornam-se fundamentais para o *walking tour* e até mesmo para a freguesia, devendo promover-se o conhecimento deste palácio que tem tanto de história como de arte.

Por fim, o que começou por ser um aspeto negativo, rapidamente se tornou num positivo. O final da visita acontece na Quinta do Lameiro, no Bairro do Calhau, aparentemente sem grandes acessos. Contudo, na mesma rua está localizado o Palácio Marquês de Fronteira que, por ser mais procurado, possui duas paragens de autocarro, com ligação rápida ao metro de Sete Rios, melhorando as condições de acesso no final da visita.

3. Lumiar

3.1. Introdução ao Lumiar

Localizada na zona norte de Lisboa, a freguesia do Lumiar é uma das freguesias mais populosas da cidade com cerca de 46 mil habitantes, principalmente da faixa etária dos 24 aos 65 anos (INE, s.d.). Com a reforma administrativa a freguesia aumentou passando a integrar as três antigas povoações do Lumiar, Paço do Lumiar e Telheiras ficando assim com uma área de 6,5 quilómetros quadrados (Junta de Freguesia do Lumiar, 2022).

O Lumiar terá sido criado em abril de 1266, devido ao seu crescimento populacional. Em 1312 o rei D. Dinis terá realizado a partilha dos bens do Conde de Barcelos, oferecendo a D. Afonso Sanches, seu filho bastardo, uma quinta no Lumiar, chamada Paços do Infante D. Afonso Sanches. A partir deste momento e, principalmente, no século XVIII, o Lumiar passa a ser caracterizado pelas quintas, olivais e vinhas (Junta de Freguesia do Lumiar, 2022).

Terá sido uma lenda ligada a D. Dinis que originou o nome da freguesia. Reza a lenda que ao ir visitar as suas amantes do Convento de Odivelas, o rei passava pelo local do Lumiar onde a Rainha Santa Isabel, sua esposa, mandou colocar luzes para alumiar o caminho do marido para as suas saídas, demonstrando saber dos seus encontros (D. L., 2009). Apesar da lenda, a origem

do nome Lumiar remete à época da ocupação romana em Lisboa, que utilizava o Lumiar como uma passagem na zona norte da cidade. Assim sendo, Lumiar, provem do latim *liminare* que tem como significado entrada (Junta de Freguesia do Lumiar, s.d.).

Apesar de atualmente fazer parte do Concelho de Lisboa, o Lumiar já pertenceu, entre 1852 e 1885, ao Concelho dos Olivais. Nestes anos e durante o século XIX, a freguesia desenvolveu os transportes e as fábricas o que levou a um grande aumento populacional (Calisto et al., 2003).

Atualmente é uma freguesia caracterizada pelo setor terciário e conhecida, principalmente pelos Museus Nacionais do Traje e do Teatro e da Dança, pelo estádio do Sporting Club de Portugal e pela Quinta das Conchas.

3.2. Levantamento de Recursos

Para proceder à elaboração do itinerário referente à freguesia do Lumiar, segui o mesmo processo que nas freguesias anteriores, elaborando uma pesquisa da qual recolhi recursos de interesse que poderão ser utilizados para fins turísticos. Estes recursos foram analisados no terreno e organizados numa tabela na qual estão identificados tendo em conta a categoria em que se inserem, categoria de autoria própria, tendo em conta a finalidade dos locais (figura 21). Na figura 21 estão assinaladas, a verde, as atrações selecionadas para o itinerário.

Figura 21– Recursos do Lumiar

Património	Categoria
Convento Nossa Senhora da Porta do Céu	Religioso
Parque Monteiro-Mor	Parque
Quinta dos Azulejos	Quinta
Quinta das Conchas e dos Lilases	Quinta e parque
Palácio Monteiro-Mor (Museu do Teatro e da Dança)	Museu
Feira do Lumiar	Festas e Romarias
Igreja São João Batista	Religioso
Chafariz do Boneco	Arquitetura utilitária
Estádio Sporting Clube de Portugal	Estádio
Capela de Santa Rita de Cássia	Religioso
Ermida do Espírito Santo	Religioso
Ermida de São Sebastião	Religioso
Ermida de São Vicente	Religioso
Quinta da Musgueira	Quinta
Palácio Angeja-Palmela (Museu do Traje)	Museu

Património	Categoria
Cineconchas	Evento
Auditório Orlando Ribeiro	Auditório/ Biblioteca
Cemitério do Lumiar	Arquitetura Utilitária
Mercado	Arquitetura Utilitária
Chromadynamica para Lisboa	Arte Urbana
Sede GS1	Arte Urbana
Arte Urbana na Alta de Lisboa	Arte Urbana
Edifício Tobis	Cinema
Antigos estúdios RTP	Televisão/ Cinema
Templo Radha Krishna	Religioso

3.3. Itinerário Temático na Freguesia do Lumiar: *Nasc' Arte no Lumiar*

Após o levantamento dos recursos, a visita aos locais e a entrevista com a Dra. Carla Sequeira, membro do executivo da JF do Lumiar, responsável pelos pelouros do Desenvolvimento Económico e dos Recursos Humanos e representante do Presidente, decidi criar um itinerário na freguesia que tem como temática principal a arte e as várias formas de expressão da mesma no Lumiar.

Como demonstrado no Capítulo II, referente aos itinerários temáticos, os itinerários podem ser classificados de diversas formas. Seguindo a classificação de Figueira (2013), este é um itinerário artístico, realizado a pé de forma linear, desenvolvido a nível local e com uma duração curta. Já na classificação de Alves (2016), este itinerário enquadra-se nos itinerários culturais artísticos, tendo como finalidade dar a conhecer alguma arte existente no Lumiar, desde arte urbana, ao cinema e teatro.

Apresentam-se, de seguida, os locais a visitar no itinerário desenhado.

1. Junta de Freguesia do Lumiar (Alameda das Linhas de Torres, N.º 156)

O ponto de encontro do itinerário será na sede da JF do Lumiar que se localiza numa antiga propriedade da Quinta das Conchas.

A origem desta propriedade remonta ao século XVI, mandada construir por Afonso Torres, um mercador dos Descobrimentos. Este é um dos muitos exemplos da arquitetura residencial do Lumiar, sendo também uma das inúmeras quintas de produção e lazer do Lumiar (Actu, 2017).

Atualmente, no seu jardim estão duas obras de arte de Robert Panda, um artista visual que iniciou a sua carreira com os graffitis em Lisboa. O artista iniciou um novo projeto de escultura intitulado “The Stupid People Project”, que procura dar a conhecer a estupidez humana através de esculturas simpáticas e antropomórficas feitas com papel, cola adesiva, fibra de vidro e

cimento, colocadas em diversas localizações tendo como objetivo surpreender quem por ali passa (Panda, s.d.).

As obras presentes no jardim da JF são, de facto, duas destas esculturas “estúpidas”, que, segundo o autor, são “uma abordagem filosófica à apatia contemporânea das sociedades contemporâneas” (Actu, 2017).

2. Tobis Portuguesa

A Tobis Portuguesa, fundada em 1932, tem um importante papel na história do cinema português e da indústria cinematográfica nacional, tendo como objetivo inicial estabelecer uma indústria cinematográfica em Portugal (Porto Editora, 2022).

A sua história inicia em 1930, quando são convocados profissionais de cinema e de jornalismo para escolherem os seus representantes, que formariam uma comissão para o estudo das condições de criação da indústria do cinema em Portugal. Reunida a comissão, esta decide construir um estúdio para a realização de filmes nacionais com artistas portugueses que viria a ser denominada de Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros Tobis Kangfilm (Instituto do Cinema e do Audiovisual, s.d.).

Do antigo conjunto arquitetónico da Tobis, restam apenas dois edifícios autónomos, o laboratório e o estúdio. O edifício do laboratório recebia os serviços administrativos e laboratoriais como salas de som, laboratórios de fotografia, laboratórios de revelação e salas de mistura, enquanto o edifício do estúdio, onde decorriam as filmagens, compreendia o fosso cénico, as salas de adereços, os camarins e dependências dos serviços de apoio (Costa, 2002).

Da Tobis Portuguesa surgiram grandes filmes do cinema português como *A Canção de Lisboa* (1933), *O Costa do Castelo* (1943), *A Menina da Rádio* (1944), *O Leão da Estrela* (1947), *Brandos Costumes* (1975), *Trás-os-Montes* (1976), *Amor de Perdição* (1979) e *Sem Sombra de Pecado* (1983), filmes que marcaram a vida de muitos portugueses (Porto Editora, 2022).

Atualmente, nos antigos estúdios da Tobis encontra-se o Instituto do Cinema e do Audiovisual que tem como objetivo apoiar o desenvolvimento das atividades cinematográficas e audiovisuais (Instituto do Cinema e do Audiovisual, s.d.).

3. Pintura na Tobis de Ricardo Guerreiro

Localizada nas traseiras dos estúdios da Tobis Portuguesa, está uma pintura do artista Ricardo Guerreiro.

Com o objetivo de celebrar a história do cinema português, o Instituto de Cinema e do Audiovisual promoveu um concurso para uma intervenção artística a realizar nos estúdios da Tobis Portuguesa com o tema *Se as paredes falassem – A arte e a indústria da imagem em movimento, ontem hoje e amanhã* (Câmara et al., 2015).

A proposta vencedora foi a de Ricardo Guerreiro que procura estabelecer uma ligação entre o passado e o futuro do cinema, ao mesmo tempo que integra o edifício que ajuda a desenvolver

a sétima arte em Portugal. A obra pode ser dividida em três espaços temporais: o passado, o presente e o futuro. O passado observa o grande corpo da atualidade que segura na sua mão a esperança do futuro do cinema (Câmara et al., 2015).

4. Parque da Quinta das Conchas e dos Lilases

Com uma área total de 26 hectares, o Parque da Quinta das Conchas e dos Lilases é a segunda principal mancha verde do concelho de Lisboa, logo a seguir a Monsanto (Time Out, 2016a).

A antiga quinta de produção foi transformada num grande parque. A parte do parque referente à Quinta das Conchas é dividida entre a mata e o jardim que compreende uma área de merendas, um amplo tanque, uma cafetaria, sanitários, um posto de informação, um parque infantil e um local dedicado a exposições e espetáculos, como é exemplo o Cineconchas. A Quinta dos Lilases, separada por um muro da Quinta das Conchas, interrompido por portões que permitem a passagem, prima pelo contacto com a natureza, seguindo caminhos de desenho orgânico e um lago (Lima, 2005).

É um espaço agradável para todo o tipo de público e atividades, desde desportivas a culturais.

5. *Construção de Uma Memória*, de El Tuver One

Também conhecido como Tufer, El Tuver One é um artista português que teve o seu primeiro contacto direto com o meio artístico com 15 anos, quando começou a fazer graffiti. Iniciou por desenhar letras que o ajudaram a entender as sombras e as luzes, dimensões, formas e pontos de fuga o que o levou ao desenho de bonecos e retratos (Passos, 2021).

Atualmente é tatuador e deixou para segundo plano a arte urbana, mantendo o gosto pelo desenho, principalmente com motivos de natureza e vida.

Esta obra, “Construção de Uma Memória”, divide-se em duas partes, uma primeira colorida e representada por lilases e uma guitarra portuguesa, e uma segunda apresentada a preto e branco, com um homem com uma guitarra portuguesa cantando o Fado (Galeria de Arte Urbana, 2019).

6. *A Fadista*, de Catarina Glam

Catarina Glam é uma artista portuguesa conhecida por elaborar murais a céu aberto. Começou a carreira através do graffiti, tomando gosto pelas pinturas feitas na rua e as diferenças da arte produzida por diversos artistas. Acabou por estudar Design Gráfico e licenciou-se na mesma área pela Faculdade de Belas-Artes de Lisboa (Lima, 2020).

As suas obras são um reflexo do seu gosto por geometria e carpintaria, apresentando peças tridimensionais construídas através de sólidos geométricos. Um dos aspetos mais importantes das suas obras é o reciclar dos materiais e a procura de novas técnicas e soluções para as suas obras (Pictoplasma, 2022).

A sua obra *A Fadista*, foi elaborada tendo como tema principal o fado para o festival MURO 2019. Nela é possível ler a frase “De quem eu gosto, nem às paredes confesso”, frase do tema “Nem às Paredes Confesso” de Amália Rodrigues.

6. Street Art Park Lumiar

O Street Art Park Lumiar, é o primeiro parque de pintura livre do país e possui um total de 14 muros com o objetivo de incentivar a arte urbana para artistas nacionais e internacionais, consagrados e emergentes e até para público em geral (Câmara Municipal de Lisboa, 2022).

Na visita a este espaço, os visitantes terão a oportunidade de experimentar a arte do graffiti num destes 14 muros.

7. *Feli-Cidade* de Carolina Caldeira

Carolina Caldeira é uma artista portuguesa, nascida na Madeira, e com formação ligada às ciências humanas, psicologia, comunicação e criatividade publicitária. Desde 2017 que apresenta obras artísticas que demonstram a colisão entre a imagem e a narrativa escrita, abordando temáticas relacionadas com o comportamento e a experiência humana (Coletivo Inquieto, s.d.).

Não só ligada à arte urbana como também à música, tendo criado o projeto Bathstage Music, um coletivo artístico que procura aprofundar o diálogo entre a música e as casas de banho, utilizando a seu favor os fundamentos da arquitetura e os seus contornos artísticos (Marketeer, 2020).

No que diz respeito à pintura, Carolina faz parte do grupo Coletivo Inquieto, um grupo que conta com profissionais ligados às artes visuais, vídeo, tatuagens, poesia, ilustração, design e à arte urbana que procuram dar a conhecer obras criativas que possam melhorar o mundo (Coletivo Inquieto, s.d.).

A obra *Feli-Cidade* foi criada para o festival MURO 2019, onde está representada a frase “Se te faz feliz, diz”, com uma caixa do correio onde os moradores do bairro deixaram cartas do que os fazia feliz. Estas repostas foram expostas em cartazes que hoje já não se encontram junto à obra.

8. *Andorinhas* de Pantónio

António Correia, artisticamente conhecido como Pantónio, é um artista Açoreano, conhecido pelos grandes murais que representam animais gigantes e fantásticos (Museu de Arte Urbana do Porto, s.d.).

Após estudar Belas-Artes e Arte Gráfica, o artista muda-se para Lisboa e começa a deixar a sua marca na cidade. Nas suas obras Pantónio procura dar a conhecer algum tipo de significado social, uma vez que acredita que as áreas urbanas são uma fonte de ativismo (Widewalls, 2014).

De forma geral é fácil identificar uma obra do artista pois limita-se a uma paleta inspirada nas cores dos Açores: o azul do oceano, o preto das pedras vulcânicas e o branco da espuma do mar (Museu de Arte Urbana do Porto, s.d.). Bastante influenciado também pela cultura nacional,

o seu trabalho ilustra as riquezas do oceano e da vida ligada ao mar através de elementos como as sardinhas, o bacalhau, o polvo, cordas, barcos e sereias (Widewalls, 2014).

No Lumiar, a obra *Andorinhas* mostra, ao longo de quatro prédios, andorinhas gigantes com linhas fluidas caracterizadas, mais uma vez, pelo uso das cores azul, branco e preto.

9. *Painéis Maria Alice de Third*

Nuno Palhas, ou Third, é um artista de graffiti português que retrata figuras tridimensionais, pinta em murais interiores e exteriores e personaliza objetos utilizando cores mate e tinta spray para telas (Book a Street Artist, 2020).

Neste conjunto de painéis está representada a história da fadista Maria Alice, personagem que dá nome à rua.

Nascida em 1904, Glória Mendes adotou o nome artístico de Maria Alice. Aos 14 anos muda-se para Lisboa e entra no meio fadista, tendo sido apadrinhada por Maria do Carmo. Ao longo da sua carreira cantou em Portugal, no Brasil e em África a solo e com grandes artistas nacionais. Acabou por sair do meio fadista na década de 40, quando casou com Valentim de Carvalho, vivendo apenas para a família na sua casa do Restelo. Os últimos anos da sua vida foram passados no Lar Orquídea Vermelha, no Lumiar (Museu do Fado, s.d.).

Assim, na rua com o nome da fadista, na freguesia em que viveu os seus últimos anos, está pintada uma memória e homenagem a Maria Alice.

10. *Talude de RAF*

Rui Alexandre Ferreira, vulgarmente conhecido por RAF, é um artista lisboeta que desde cedo demonstrou um talento natural para o desenho. Estudou design de equipamentos e realização plástica do espetáculo na Escola Artística António Arroio, tendo sido por volta dessa época que começou a pintar mais frequentemente, não só em tela como também nas paredes do seu quarto (Notícias de Loures, 2016).

Ao longo dos anos foi evoluindo, participando em ateliers e aceitando diversos projetos artísticos. Em 1998 desenvolve pinturas para a exposição “Oceanos” num dos bares mais frequentados da Exposição Mundial de 1998 e, em 1999 concorre ao concurso europeu de pintura, na categoria das *Harley Davidson*, e ganha o primeiro prémio de “*Best Paint Harley Davidson*”, com a obra “BIOMECH” (Notícias de Loures, 2016).

Desde então trabalhou em parceria com alguns profissionais e artistas nacionais e para empresas de espetáculos e eventos. A nível internacional já desenvolveu projetos na Alemanha e Suíça (RAF ART, 2018).

Em 2011 fundou o espaço de *co-work* “Mu Workplace Lisboa”, dedicado aos *freelancers* da cidade, desde empreendedores, a artistas e empresários. Participou no programa televisivo *Got Talent* Portugal com a arte de aerografia e, em 2018, recebeu a Medalha de Mérito Artístico pelo Presidente da Junta de Freguesia do Lumiar (RAF ART, 2018).

Atualmente dedica-se à promoção de marcas através do contacto direto com o público-alvo em festivais de arte e música, através de efeitos visuais e de animação. Dedicou-se ainda à tatuagem, arte urbana pintura de telas de grandes formatos e murais (Notícias de Loures, 2016).

A obra *Talude*, é uma obra que une o artista RAF e a CIN, uma empresa com experiência no mercado das tintas e vernizes, e é uma das maiores obras de arte urbana da Europa, com 2600 metros quadrados (Santiago, 2019).

A obra tem como objetivo principal despertar e acrescentar valor ao Lumiar e, para tal, o artista recorreu a mais de 70 tons de cor da CIN para dar vida ao projeto, apostando em tons vibrantes e técnicas de aerografia para criar efeitos visuais tridimensionais, criando a ilusão de volume (Marketeer, 2019).

11. *The 3.5mm Prayer* de Regg

Tiago Salgado, ou Regg, é um artista de arte urbana, pintor, ilustrador e animador português que estudou e se licenciou em artes gráficas. Já elaborou diversas obras nas ruas de Lisboa, contudo a maioria do seu trabalho é realizado em tela ou no digital (Universidade Lusófona, s.d.).

Para o artista, a leitura dos seus murais não é óbvia, são obras que, realmente, são esteticamente agradáveis e causam interação por quem passa, mas apenas quando explica o que pinta é que a interpretação da obra se aproxima ao que o pintor tenta transmitir (Oliveira, 2022).

Atualmente, para além de artista, Tiago é professor de pintura a óleo e é dono de uma galeria de arte em Lisboa (Universidade Lusófona, s.d.).

A obra *The 3.5mm Prayer* é uma obra baseada no quadro de Albrecht Durer do século XVI, *Mãos que Oram*, mas com a diferença que, nesta, está representado um telemóvel. O artista realizou ainda, em formato digital, uma versão alternativa à apresentada em que substitui o telemóvel por um carregador.

12. Fulviet

Fulvio Capurso é um arquiteto, ilustrador e artista plástico italiano que tem trabalhado por todo o mundo, desde Espanha, ao México, Uruguai e, finalmente, Portugal, onde vive atualmente. Foi professor de desenho na Escola de Belas Artes de Oaxaca, deu cursos relacionados com a ilustração e arte urbana e dedicou-se ele próprio à ilustração de livros, álbuns, novelas gráficas e poemas (Acanto, 2021).

Localizada junto à entrada do metro do Lumiar e ao Centro Universitário Padre António Vieira, é uma obra de esculturas em ferro, como é habitual do artista, sobre tapume onde estão representadas árvores, pássaros e um menino a tocar trompete. O artista deverá ter-se baseado nos sons que ouviu quando visitou o local pela primeira vez (Monteiro, 2019).

13. Caixas de Eletricidade Pintadas de Flix

Flix é um artista de arte urbana venezuelano que entra no mundo artístico através da intervenção de espaços e vivências urbanas das comunidades através de abstração geométrica. Ao intervir neste tipo de espaços, o artista pretende quebrar a vida monótona da cidade entregando cor e emoção que sensibiliza e atrai o espetador (Flixart, s.d.).

Apesar do seu trabalho ser reconhecido mundialmente, a sua identidade continua secreta uma vez que utiliza uma máscara sempre que trabalha publicamente nas obras e em entrevistas. O artista afirma que escolhe continuar anónimo uma vez que a arte urbana está muito ligada à ilegalidade e grande parte dos artistas preferem não ser reconhecidos (Soares, 2021).

Com formação em arquitetura, Flix tem também um forte contacto com as artes performativas e visuais que influenciam a sua arte, tornando-a mais refinada (Flixart, s.d.).

Em 2017 realiza a sua primeira obra em Lisboa, para o festival MURO 2017 em Marvila e, desde então, começaram a surgir novos projetos que o mantiveram na cidade. Em 2019 é novamente convidado para o festival MURO, desta vez no Lumiar, onde pintou 24 robots em caixas de eletricidade. O artista acredita que uma das fases mais importantes dos seus projetos é o contacto com os locais, a troca de histórias que os tornam cocriadores das suas obras. Neste sentido, para o festival MURO 2019, decorou as caixas de eletricidade com nomes de géneros musicais das nacionalidades presentes na comunidade, como o flamenco, quizomba, tarantela, kuduro e salsa, entre outros (Soares, 2021).

14. Palácio Angeja-Palmela/ Museu Nacional do Traje

O palácio Angeja-Palmela possui esta denominação por ter sido propriedade das famílias Angeja e Palmela. A traça que hoje é visível é do tempo do 3º Marquês de Angeja que pretendia instalar aqui a sua coleção de história natural, juntamente com um jardim botânico. Apesar de a remodelação do palácio e construção do jardim botânico terem sido completadas, o museu de história natural não se chegou a concretizar (DGPC, 2022b)

Em 1975, o palácio foi adquirido pelo Estado Português. Atualmente, nele se encontram as instalações do Museu Nacional do Traje, que foi inaugurado em 1977 com a exposição “O Traje Civil em Portugal”, por Natália Guedes, a primeira diretora do museu (DGPC, 2022b).

O Museu do Traje entende como sua principal missão a construção de uma estratégia de investigação, conservação e divulgação do traje e do têxtil, promovendo uma ligação entre o património e a comunidade (Museu Nacional do Traje, s.d.).

Atualmente reúne uma coleção de indumentária e acessórios de trajes nacionais e estrangeiros desde o século XVIII até à atualidade, iniciando no estilo Barroco, passando pelo Império, Romântico e, *Belle Époque*, até ao vestuário dos anos 1990 e 2000, sendo que grande parte das peças são adquiridas através de doações privadas (Turismo de Portugal, 2013).

15. Igreja de São João Batista do Lumiar

Construída inicialmente de forma robusta, com o objetivo de receber os poucos habitantes do local, a igreja foi instituída como Igreja Paroquial de S. João Batista e S. Mateus em 1266, pelo Bispo de Lisboa, D. Mateus que a denominou desta forma devido à ligação de S. João Batista à realidade agrícola do local e por partilhar o nome com S. Mateus (Centro Cultural Eça de Queiroz – Telheiras – ESEQ, 2017).

Em 1283, durante o reinado de D. Dinis, a igreja recebeu uma relíquia, a cabeça de Santa Brígida, vinda da Irlanda, que se tornou um importante foco de devoção. A devoção à Santa manteve-se, sendo ela a protetora dos campos e do gado, realizando-se, até 1932, grandes romarias e a bênção do gado (Paróquia de São João Batista, s.d.).

Associada à relíquia de Santa Brígida está uma lenda que motivou várias versões. Uma das versões mais conhecidas, contada por Cordeiro de Sousa, conta que três cavaleiros irlandeses levaram a relíquia da santa, a pedido de D Dinis, para ser guardada no Convento de Odivelas, cavaleiros estes que, durante o caminho, acabaram por pernoitar na zona do Lumiar onde a relíquia desapareceu. A relíquia acabou por ser encontrada no alto de um dos pinheiros junto à Igreja de São João Batista e os cavaleiros seguiram viagem até ao Convento. Contudo, ao chegarem, a relíquia tinha desaparecido novamente e foi encontrada posteriormente junto à Igreja de São João Batista, onde acabou por ficar guardada (Calisto et al., 2003)

Nos reinados de D. Manuel e D. João III, nos arredores de Lisboa deram-se grandes trabalhos de reconstrução de igrejas, não sendo esta exceção transformando o aspeto da igreja no que chegou aos dias de hoje, com elementos manuelinos e alguns vestígios da antiga capela de Santa Brígida. No século XVII dão-se novas obras com a construção de uma porta em estilo neoclássico, o término da construção do coro e da aquisição de dois grandes órgãos (Paróquia de São João Batista, s.d.).

Já em 1932, um forte incêndio causou a perda de muitas das maravilhas ali presentes, nomeadamente azulejos, quadros e imagens. Após as obras de reconstrução, a igreja abriu novamente ao culto em 1934 (Paróquia de São João Batista, s.d.).

No seu exterior destacam-se o portal manuelino e a imagem de São João Batista. Apesar do seu interior não ser dotado da riqueza anterior ao incêndio, possui ainda elementos artísticos de interesse como são exemplos o painel de azulejos na Capela Batismal, de possível autoria de António de Oliveira Bernardes, a Capela de Santa Brígida, onde é possível ver vestígios da primitiva igreja, o relicário da santa e as várias obras, das quais se destaca a *Última Ceia* de André Gonçalves, uma obra anterior ao incêndio. É também no seu interior que estão sepultados os três cavaleiros que fazem parte da lenda de Santa Brígida (Centro Cultural Eça de Queiroz – Telheiras – ESEQ, 2017).

16. Palácio Monteiro-Mor/ Museu Nacional do Teatro e da Dança

A visita pela freguesia do Lumiar termina no Museu Nacional do Teatro e da Dança.

O Museu Nacional do Teatro e da Dança está instalado no Palácio do Monteiro-Mor, edifício do século XVIII que, após um incêndio do qual restaram apenas as paredes exteriores, foi adquirido pelo Estado Português para albergar um museu nacional dedicado ao teatro e à dança (DGPC, s.d.).

Inicialmente, foi exclusivamente dedicado à apresentação de exposições temporárias, sendo apenas em 2003 inaugurada a primeira exposição permanente, “Peças de Teatro: as coleções do Museu”. Atualmente, a exposição permanente inclui peças diversas, entre as quais cenários desenhados por artistas como Almada Negreiros e Paula Rego, adereços utilizados em palco por Amália Rodrigues, figurinos originais, maquetas de cenários, retratos e esculturas originais de pessoas relacionadas com o teatro, realizadas por Columbano, Tagarro ou Soares dos Reis, fotografias, postais, cartazes e até antigos bilhetes (DGPC, 2022c).

O que era conhecido como Museu Nacional do Teatro, passou, em 2015, a ser denominado Museu Nacional do Teatro e da Dança, acrescentando à coleção teatral a parte musical, um gesto simbólico que reconheceu a importância da conservação e investigação do património nacional de dança (Cultura Portugal, 2022).

A visita guiada a pé no Lumiar (figura 22) tem a duração aproximada de 3 horas. Terá como ponto de encontro a atual sede da JF, e terminará junto ao Museu do Teatro e da Dança. O nível de dificuldade da visita é baixo uma vez que o terreno é plano e acessível e a distância relativamente curta.

Os locais e atividades apresentados foram organizados de forma que fosse criado um *walking tour*. Apresenta-se, de seguida, o itinerário referente à freguesia do Lumiar, desenhado para qualquer dia da semana com a diferença que, à partida, durante o fim-de-semana, não será possível a visita à Igreja de São João Batista do Lumiar nem a entrada na JF.

Itinerário no Lumiar:

09.30h: Encontro na JF

09.40h – 09.50h: JF (visita)

09.50h – 09.55h: JF -> Tobis Portuguesa

09.55h – 10.00h: Tobis Portuguesa (paragem)

10.00h – 10.05h: Tobis Portuguesa -> Pintura Ricardo Guerreiro

10.05h – 10.10h: Pintura Ricardo Guerreiro (paragem)

10.10h – 10.15h: Pintura Ricardo Guerreiro -> Parque da Quinta das Conchas e dos Lilases

10.15h – 10.20h: Parque da Quinta das Conchas e dos Lilases (paragem)

10.20h – 10.30h: Parque da Quinta das Conchas e dos Lilases -> *Construção de Uma Memória* de El Tufer One

10.30h – 10.35h: *Construção de Uma Memória* de El Tufer One (paragem)

10.35h – 10.40h: *Construção de Uma Memória* de El Tufer One -> *A Fadista* de Catarina Glam

10.40h – 10.45h: *A Fadista* de Catarina Glam (paragem)

10.45h – 10.50h: *A Fadista* de Catarina Glam -> Street Art Park

10.50h – 11.00h: Street Art Park com experiência de graffiti

11.00h – 11.05h: Street Art Park -> *Feli-Cidade* de Carolina Caldeira

11.05h – 11.10h: *Feli-Cidade* de Carolina Caldeira (paragem)

11.10h – 11.15h: *Feli-Cidade* de Carolina Caldeira -> *Andorinhas* de Pantónio

11.15h – 11.20h: *Andorinhas* de Pantónio (paragem)

11.20h – 11.25h: *Andorinhas* de Pantónio -> *Painéis Maria Alice* de Third

11.25h – 11.30h: *Painéis Maria Alice* de Third (paragem)

11.30h – 11.35h: *Painéis Maria Alice* de Third -> *Talaude* de RAF

11.35h – 11.40h: *Talaude* de RAF (paragem)

11.40h – 11.45h: *Talaude* de RAF -> *The 3.5mm Prayer* de Regg

11.45h – 11.50h: *The 3.5mm Prayer* de Regg (paragem)

11.50h – 12.10h: *Comfort Stop*

12.10h – 12.15h: *The 3.5mm Prayer* de Regg -> *Obra Fulviet*

12.15h – 12.20h: *Obra Fulviet* (paragem)

12.20h – 12.25h: *Obra Fulviet* -> *Caixas de Eletricidade Pintadas* de Flix

12.25h – 12.30h: *Caixas de Eletricidade Pintadas* de Flix

12.30h – 12.40h: *Caixas de Eletricidade Pintadas* de Flix -> Museu do Traje

12.40h – 12.45h: Museu do Traje (paragem)

12.45h – 12.50h: Museu do Traje -> Igreja de São João Batista do Lumiar

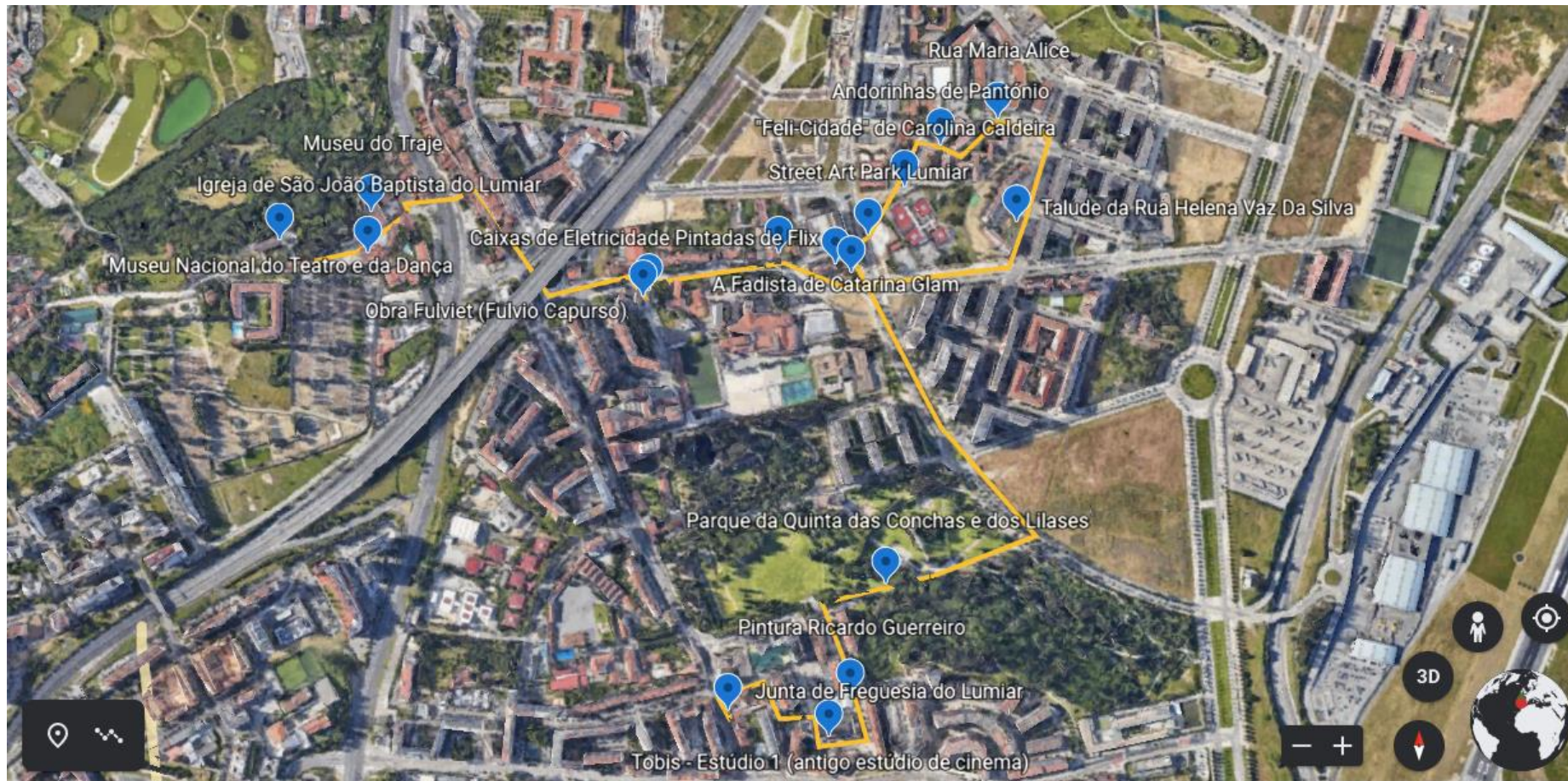
12.50h – 13.05h: Igreja de São João Batista do Lumiar (visita)

13.05h – 13.10h: Igreja de São João Batista do Lumiar -> Museu do Teatro e da Dança

13.10h – 13.15h: Museu do Teatro e da Dança

13.15h: Fim da Visita

Figura 22: Itinerário no Lumiar



O *walking tour* do Lumiar, *Nasc' Arte no Lumiar*, tem como temática a arte existente no Lumiar, desde o cinema, ao teatro e dança e, principalmente à arte urbana que tem crescido na Alta de Lisboa.

Com a visita teste realizada na freguesia tiraram-se algumas conclusões no que diz respeito ao itinerário, como o local do *comfort stop*, ou alguns caminhos a seguir, o que será tido em conta na implementação destes percursos.

Concluiu-se ainda que a freguesia tem muito que oferecer a nível artístico, principalmente arte urbana. Pela localização de grande parte da arte urbana no Bairro da Cruz Vermelha, seria interessante realizar, como foi realizado no Bairro Padre Cruz em Carnide, uma promoção ativa da JF desenvolvendo um maior contacto entre a arte, os artistas, os turistas e os habitantes do bairro. Esta estratégia permitiria a criação de um roteiro no bairro do Lumiar e uma abordagem mais dinâmica com os seus habitantes, tornando-se num projeto de desenvolvimento turístico, artístico e comunitário.

4. Beato

4.1. Introdução ao Beato

Localizada na zona oriental de Lisboa, a freguesia do Beato conta com uma população de 12 mil habitantes, principalmente da faixa entre os 24 e 65 anos (INE, s.d.). Sendo o Beato uma das mais antigas freguesias de Lisboa, guarda nas suas fronteiras realidades ricas, desde a sua história ao seu património, dinâmica social e serviços (Junta de Freguesia do Beato, 2019a).

O nome da freguesia provém, possivelmente, de um beato chamado António da Conceição, que se dedicou à construção de um convento e igreja, fundado em testamento por D. Isabel de Lencastre, mulher do rei D. Afonso V (Junta de Freguesia do Beato, 2019b).

Antes de ser conhecido como Freguesia do Beato, a zona era designada de Paróquia de São Bartolomeu, sobre a qual não há muita informação até ao século XVIII, a não ser que era um local estável, com uma comunidade afetuosa e com ligações estreitas à paróquia (Ferreira et al., 1995).

Durante os séculos XII, XIII e XIV, o território que hoje integra o Beato era constituído por vinhas, olivais e almoinhas que tiveram vários proprietários, desde o Bispo e Cabido da Sé de Lisboa, às ordens de Santiago e dos Templários. Já nos séculos XV e XVI foi uma zona especialmente procurada pela nobreza portuguesa que ali realizava torneios de cavalaria, touradas e jogos tradicionais de canas. No século XVII, mais especificamente em 1640, a zona de Xabregas e Beato era um dos centros mais ativos de conspiração contra o domínio filipino em Portugal, tendo D. Gastão de Sousa Coutinho, um dos conspiradores, edificando uma ermida em honra de Nossa Senhora da Restauração (Junta de Freguesia do Beato, 2019c).

Com a expansão industrial, a ascensão da burguesia, a extinção das ordens religiosas, a proximidade ao rio e o desenvolvimento da linha férrea no século XIX, o Beato começou a crescer

industrialmente, com a construção de vilas operárias e das mais diversas indústrias (Ferreira, et al., 1995).

Atualmente, a Junta de Freguesia tem vindo a tentar renovar a dinâmica urbana do Beato, através de eventos e projetos como é exemplo o *Hub Criativo do Beato*.

4.2. Levantamento de Recursos

Para proceder à elaboração do itinerário referente à freguesia do Beato, a seguiu-se o mesmo processo que nas freguesias anteriores: elaborando uma pesquisa da qual recolheu recursos de interesse que poderão ser utilizados para fins turísticos. Estes recursos foram analisados no terreno e organizados numa tabela na qual estão identificados, tendo em conta a categoria em que se inserem, categorias de autoria própria atendendo à finalidade do património (figura 23). Na figura 23 estão assinaladas, a verde as atrações selecionadas para o itinerário.

Figura 23 - Recursos do Beato

Património	Categoria
Galeria Filomena Soares	Galeria de Arte
Obra Bordalo II	Arte Urbana
Obra Ernest Zacharevic - Rua da Manutenção 32	Arte Urbana
Fábrica da Companhia de Fabrico de Algodões de Xabregas	Indústria
Vila Flamiano	Indústria
Pátio do Black	Indústria
Vila Dias	Indústria
Fábrica de Tabacos de Xabregas (Teatro Ibérico)	Indústria
Manutenção Militar (Hub Criativo do Beato)	Indústria
A Nacional	Indústria
Delta	Indústria
Companhia Portuguesa de Fósforos (Marvila)	Indústria
Vila Emília	Indústria
Feira Medieval	Festas e Romarias
Convento de Madre Deus	Religioso
Palácio dos Marqueses de Nisa	Palácio
Convento de São Francisco de Xabregas (Teatro Ibérico)	Religioso
Palácio de Xabregas	Palácio
Casa senhorial de Leite de Sousa - Calçada Dom Gastão nº 12	Palacete
Casa nobre de D. Gastão Coutinho - Calçada Dom Gastão nº 13	Palacete
Convento dos Grilos	Religioso
Convento das Grilas	Religioso
Palácio do Duque de Lafões	Palácio
Convento São Bento de Xabregas – Convento Beato	Religioso
Casa da Quinta das Murtas – Galeria Arraiolos	Galeria de Arte
Igreja de S. Bartolomeu do Beato	Religioso
Linha Férrea	Vias de Comunicação
Terminal Multiusos do Beato	Vias de Comunicação
Cervejaria Lince (Marvila)	Indústria

Como apresentado, a freguesia do Beato tem um vasto património, principalmente no que diz respeito à arte, indústria, palácios e religião. A nível turístico tem vindo a ganhar mais significância para os nichos que procuram temáticas menos generalistas e mais fora do comum.

Pela proximidade do Beato à freguesia de Marvila e pela semelhança entre as duas nas suas características, seria interessante pensar numa união para efeitos de maior atração de turistas.

4.3. Itinerário Temático na Freguesia do Beato: *Do Rural ao Industrial - Beato sem Curvas*

Após o levantamento dos recursos, a visita aos locais e a entrevista com o Presidente da Junta de Freguesia, decidiu-se elaborar um itinerário na freguesia do Beato que tem como temática principal o mundo rural e industrial que existiu e, de certa forma, continua a existir no local, ao longo de uma série de ruas em linha reta, o que justifica o título dado ao itinerário.

Como demonstrado no Capítulo II referente aos itinerários temáticos, os itinerários podem ser classificados de diversas formas. Seguindo a classificação de Figueira (2013), este é um itinerário cultural ou histórico, realizado a pé de forma linear, desenvolvido a nível local e com uma duração curta. Já na classificação de Alves (2016), este itinerário enquadra-se nos itinerários culturais históricos, procurando dar a conhecer a história industrial do Beato e como influenciou o presente da freguesia.

Este itinerário, tendo como temática principal a indústria, é dirigido a um público alvo que tenha interesse no desenvolvimento industrial do Beato e na evolução do rural ao industrial da freguesia.

O Turismo Industrial tem vindo a crescer no país através de visitas a fábricas em laboração e a equipamentos museológicos relacionados com antigos complexos industriais. Este tipo de turismo tem-se demonstrado interessante para diversas empresas de todo o país que dinamizam atividades e iniciativas, contribuindo para o conhecimento da produção industrial, particularmente a nacional (Turismo de Portugal, 2022c).

A zona do Beato, em constante desenvolvimento, é o exemplo da evolução orgânica das cidades. O que foram quintas, palacetes e conventos que marcaram a paisagem do Beato até ao século XVIII, transformaram-se, nos séculos XIX e XX em unidades fabris, armazéns, oficinas e vilas operárias. Grande parte das fábricas deu origem a indústrias coletivas, espaços artísticos e culturais, bares e restaurantes, estando em contante mudança e desenvolvimento (Brito et al., 2019).

Apresentam-se, de seguida, as atrações a visitar no itinerário desenhado.

1. Museu Nacional do Azulejo/ Convento de Madre de Deus

O atual Museu Nacional do Azulejo está instalado no Convento de Madre de Deus, um dos conventos da localidade que não sofreu alterações significativas com a Revolução Industrial.

O edifício, mandado construir em 1509 por D. Leonor, mulher do rei D. João II, foi transformando-se ao longo dos séculos, integrando atualmente o claustro maneirista, a igreja, sacristia, coro alto e capela de Santo António de estilo barroco (Turismo de Portugal, 2013b).

Ao longo de vários séculos, o convento pertenceu à Casa das Rainhas e, por ter sofrido intervenções arquitetónicas e decorativas, apresenta um vasto património em ourivesaria e obras de arte (DGARQ - Direcção-Geral de Arquivos, 2008).

Trata-se de um dos museus mais importantes a nível nacional, oferecendo uma vasta coleção de azulejaria portuguesa do século XV até à atualidade.

2. Vila Flamiano

O crescimento da indústria na zona oriental de Lisboa e, conseqüentemente, o aumento demográfico, principalmente de operários, não foi acompanhado pela melhoria das condições de habitação. A primeira resposta a esta crise foi a criação de novos bairros organizados pelas companhias urbanizadoras. Contudo, o problema para as camadas mais pobres, o operariado, manteve-se pela falta de capacidade económica de habitar nestes bairros. Foi então que a iniciativa privada começou a resolver a situação com a construção de vilas operárias, que viriam a ser lucrativas para os investidores e benéficas para os operários (Pereira, 1994). A construção destas vilas teve como preocupações principais o aumento da produção e a rentabilização dos gastos, pelo que foram edificadas nos terrenos circundantes das fábricas (Ferreira, 1995).

A construção de grande parte destes espaços era feita de forma a segregar a vila da via pública, construindo um espaço restrito e comunitário, muitas vezes fechados por portões (Ferreira, 1995).

Construída para receber os trabalhadores da Companhia da Fábrica de Algodões de Xabregas, a Vila Flamiano, foi inaugurada em 1888 com uma área destinada à habitação e outra a logradouros e ruas (Centro Nacional de Cultura, 2007).

A rua principal era ladeada por prédios com primeiros andar, virados para o interior do espaço, e as ruas ao seu lado, com menores dimensões, eram viradas, uma para a Rua Gualdim Pais e outra para o atual cemitério das fábricas, onde estava localizada a Fábrica de Algodões. A vila era circundada de muros, mantendo a privacidade característica das vilas operárias (Ferreira, 1995).

3. Vias de Comunicação: Rio Tejo e Linha Ferroviária

Em Lisboa, quando referimos a frente ribeirinha, onde está localizada parte da freguesia do Beato, estamos a falar de espaços ganhos ao rio. Muitos dos locais visitados ao longo desta visita faziam parte da antiga zona de praia do Beato (Brito et al., 2019).

Desta forma, as atividades portuárias sempre fizeram parte da vida da cidade, sendo o Tejo um contributo decisivo para que a indústria se sediasse no Beato e aqui se desenvolvesse. No século XIX, com o crescimento industrial e com a necessidade de escoar as mercadorias de uma forma

mais rápida e eficaz, ampliou-se o Porto de Lisboa, de Santa Apolónia até Cabo Ruivo (Ferreira, 1995).

Se o rio serviu como uma porta de saída para o mar, a linha de ferro fazia chegar as mercadorias ao interior do país. O primeiro troço de linha férrea iniciava na estação de Santa Apolónia, inaugurada em 1856, com destino ao Carregado. Esta inauguração marcou a importância do caminho de ferro para o desenvolvimento da economia e para o avanço industrial, o que fez com que a indústria, que estava localizada essencialmente no Beato e Xabregas, se fosse distribuindo ao longo do rio (Ferreira, 1995).

4. Fábrica da Companhia de Fabrico de Algodões de Xabregas

A primeira grande fábrica de têxteis na zona de Xabregas foi a Fábrica de Fiação e Tecidos Lisbonense, inaugurada em 1834, no Convento de Santa Maria de Jesus. Nesta fábrica existiam cerca de 200 teares e 500 trabalhadores (Ferreira, 1995).

Depois de encerrar, abriram mais duas fábricas de algodão na zona: a Companhia Oriental de Fiação e Tecidos e a Fábrica de Fiação de Xabregas da Companhia de Fabrico de Algodões (Ferreira, 1995).

A Fábrica de Fiação de Xabregas ou Companhia de Fabrico de Algodões de Xabregas foi fundada em 1858 por industriais ingleses que seguiram o modelo das unidades fabris de Manchester. Em 1862, a fábrica estava dividida em três pisos: o térreo que possuía a máquina a vapor, e os dois superiores que eram compostos por teares e engenhos de fiação, possuindo ainda oficinas de tintura (Antunes, 2020).

No seu início, fábrica forneceu cerca de 150 postos de emprego para operários que trabalhavam 12 horas com pausas para duas refeições com salários muito baixos – entre 260 e 340 reis para adultos (Ferreira, 1995).

Entre 1861 e 1865, a guerra civil americana causou perturbações no fornecimento do algodão enquanto matéria-prima. No ano do seu término, a fábrica criou um internato destinado a menores vadios, fornecendo-lhes casa, comida e vestuário. A unidade fabril tinha como objetivo preparar uma nova geração de operários, com capacidades e formação desde cedo. Este internato funcionou entre 1865 e 1877, chegando a receber 80 rapazes e 30 raparigas (Antunes, 2020).

Com o crescimento da indústria e o sucesso da fábrica, também o número de operários aumentou, o que levou à construção de um espaço de habitação para os mesmos, a Vila Flamiano, anteriormente referida (Antunes, 2020).

A fábrica manteve-se na posse da sociedade anónima sua fundadora até 1936, quando foi vendida à Sociedade Têxtil do Sul que fornecia os Armazéns do Chiado. Em 1947 a unidade sofreu um grande incêndio e desde aí foi perdendo importância, encontrando-se, hoje, em ruínas (Antunes, 2020).

5. *Monkey* de Bordalo II

Artur Bordalo, ou Bordalo II, é um artista português que utiliza o lixo como foco da sua expressão artística.

O artista utiliza o nome Bordalo II como nome artístico sendo uma forma de homenagear o seu avô, o pintor Real Bordalo, reinventando o seu legado (Bordalo II, 2022).

O lixo é o material mais utilizado, como uma forma de criticar o mundo contemporâneo, em que coisas valiosas se transformam rapidamente em inúteis. Desta forma, Bordalo II, procura confrontar a sociedade com o consumismo e materialismo (National Geographic, 2018).

Apesar de ser reconhecido maioritariamente pelos grandes animais de lixo, o artista possui ainda obras mais pequenas, direcionadas para galerias de arte, obras de *street art* provocadoras e críticas e uma série de obras pintadas nas linhas de ferro do comboio.

6. Fábrica de Tabacos de Xabregas

O antigo Convento de S. Francisco de Xabregas recebeu, de 1840 a 1844 a Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense que se transferiu, mais tarde, para Santo Amaro, mais especificamente para o recinto fabril onde se encontra atualmente a Lx Factory. Contudo, o tempo industrial neste local ficou essencialmente marcado pela Fábrica de Tabacos de Xabregas, que aqui esteve sediada entre 1844 e 1965 (Brito, et al., 2019).

Esta unidade fabril era constituída, na sua maioria, por operárias, representando, em 1887, 75% dos funcionários da fábrica. A razão de assim o ser era diferente para os operários masculinos e para os patrões, sendo que os operários acreditavam ser uma forma de reduzir os salários, enquanto os patrões defendiam que era devido à sua condição feminina que as tornava mais aptas para certas especialidades, por serem mais disciplinadas e mais assíduas (Alves e Baptista, 2020).

Iletradas, com famílias numerosas, com rendimentos reduzidos, estas mulheres trabalhavam para ajudar os maridos a sustentar a família. Dos baixos salários que recebiam, uma parte significativa ia para a renda da casa e para a ama que cuidava dos filhos uma vez que ainda não existiam creches (Paiva, 2021).

Na sequência da Conferência de Berlim de 1890, que visava a regulamentação de meios de proteção para as mulheres, as fábricas foram obrigadas a: ter uma creche com condições, caso nela trabalhassem mais de 50 mulheres por dia; não admitir mulheres a trabalhar na indústria nas primeiras quatro semanas pós-parto; e facilitar a ida das mães à creche em horário de amamentação (Alves e Baptista, 2020).

Estas condições tornaram-se bastante controversas, acabando por afastar as mulheres de trabalhos com melhor remuneração, fazendo com que as próprias operárias trabalhassem fugindo à legislação, uma vez que a licença de parto não era remunerada (Paiva, 2021).

Esta situação foi denunciada publicamente pela médica feminista Adelaide Cabette, em 1900, na sua dissertação de final de curso, na qual reclamou o cumprimento da lei sobre a criação de creches nas fábricas. Neste contexto surge, em 1927, a Maternidade da Companhia Nacional de Tabacos, que incluía as tabaqueiras e mulheres dos operários que tinham direito a dois meses de internamento gratuito, um mês antes e um depois do parto, recebendo o mesmo que um operário doente durante esta pausa (Alves e Baptista, 2020).

A mesma companhia, em 1938, fundou uma creche para os filhos das operárias até um ano de idade. Apesar das ajudas patrocinadas pelas fábricas, desde o final do século XIX que estas mulheres já recorriam a ajudas de associações mutualistas femininas (Paiva, 2021).

A luta pela igualdade continuou durante o Estado Novo, época em que as mulheres mostraram ser uma força reivindicadora de Xabregas e do Beato, organizando manifestações contra o aumento do horário de trabalho, manifestações estas que reuniam maioritariamente manifestantes femininas (Paiva, 2021).

O local, que já foi dedicado à religião e à indústria, atualmente é a sede e espaço de espetáculos da companhia Teatro Ibérico, que promove o teatro, o teatro lírico e concertos (Time Out, 2016b).

7. Palácio de Xabregas

O Palácio de Xabregas ou dos Marqueses de Olhão foi mandado construir no século XVI por Tristão da Cunha, um nobre amigo dos reis Manuel I e João III, que foi nomeado vice-rei e governador da Índia, mas nunca chegou a exercer o cargo. Chefiou a embaixada ao Papa Leão X, enviada por D. Manuel em 1514 (Brito et al., 2019).

Em 1521, após a morte de D. Manuel, a rainha D. Leonor e a infanta D. Isabel abandonaram o Paço da Ribeira e instalaram-se neste palácio. Três anos mais tarde a propriedade foi concedida pelo rei D. João III à família Melo (Correia, 2002).

Dois homens da família Melo, Francisco e Jorge, foram importantes figuras no 1º de dezembro de 1640, dia em que foi restaurada a independência de Portugal. Homens de confiança do Duque de Bragança, recebiam no seu Palácio de Xabregas, o núcleo duro do grupo revolucionador que orquestrou o golpe que pôs fim à dinastia filipina em Portugal (Claúdio e Marvão, 2021).

No que diz respeito à decoração deste conjunto maneirista, destacam-se as artes decorativas como o azulejo do fim do século XVII e início do século XVIII e a pintura mural do século XIX que tornam o palácio num exemplar único (Casa da Comida, 2022) como a maior coleção de painéis de azulejos portugueses, a título privado (Turismo de Lisboa, s.d.). Atualmente o palácio é utilizado para eventos.

8. Convento dos Grilos

Fundado no século XVIII, o Convento dos Grilos é um conjunto religioso que recebeu os Irmãos Descalços de Santo Agostinho, conhecidos localmente como Grilos. A sua história remonta a 1663 quando D. Luísa de Gusmão solicitou a fundação de dois conventos dedicados à ordem, um feminino e outro masculino (Brito et al., 2019). Em 1666, pouco tempo antes da morte da

rainha, o convento foi construído sob invocação de Nossa Senhora do Monte Olivete (Junta de Freguesia do Beato, 2019e).

Poucos anos após a sua fundação sofreu um grave incêndio que destruiu grande parte do convento e a igreja. A sua reconstrução começou imediatamente prolongando-se pelo século XVIII. Daí as características barrocas que apresenta (Brito et al., 2019).

O Convento dos Grilos deixou de ter frades em 1829 e, após a extinção das ordens religiosas em 1834, serviu de alojamento para os idosos do Recolhimento de Nossa Senhora do Amparo, que foram transferidos da Mouraria, ficando sob administração da Santa Casa da Misericórdia (Junta de Freguesia, 2019d).

Por sua vez, em 1835, a igreja do convento, a Igreja de São Bartolomeu do Beato, foi elevada a Paróquia de São Bartolomeu e, ainda hoje, alberga as relíquias do Beato António da Conceição, religioso conhecido localmente como santo, que faleceu no convento de S. Bento de Xabregas, originando o nome do local (Quo Vadis, 2022b).

9. Antiga Manutenção Militar do Beato/ Hub Criativo do Beato

Fundada no antigo Convento das Grilas, a Manutenção Militar foi um complexo fabril do Exército Português destinado, inicialmente, à moagem de cereais e produção de pão e massas alimentícias para abastecer os militares (José, 2017).

Antes de ser conhecida como Manutenção Militar, era denominada de Padaria Militar e estava localizada junto à Rocha Conde de Óbidos. Com a morte da última religiosa, em 1888, a padaria terá sido transferida para o antigo Convento das Grilas. A remodelação e adaptação do convento foi da autoria de Renato Baptista, tornando possível que a Manutenção Militar abrisse em 1897 (Ferreira, 1995).

Ao longo dos anos e tendo em conta o seu sucesso, deu-se a diversificação dos produtos passando a receber, para além da fábrica de moagem de cereais e panificação, fábricas de conserva, torrefação de café, refinação de açúcar, moagem e descasque de arroz, salsicharia, latoaria e uma série de oficinas complementares (José, 2017). A par da parte fabril, foram-se instalando também serviços auxiliares indispensáveis como a canastraria, a latoaria, a serração, a lavandaria e uma tipografia, bem como serviços sociais tais como a cantina, a caixa de previdência social, a assistência médica e a creche (Orientre, 2018a).

Ainda hoje é possível ter uma ideia do que seria a Manutenção Militar na época industrial, através, por exemplo, dos Cilindros de Aço que funcionavam como edifício de moagem e de antigas fábricas como a fábrica do pão, das bolachas, das massas, entre outras (Brito, et al., 2019).

Esta unidade deteve também um importante papel durante o Estado Novo, principalmente na Segunda Guerra Mundial e na Guerra do Ultramar, quando tinha como função alimentar as tropas nas manobras militares e as que defendiam as ex-colónias do Ultramar. Com o fim da guerra, a Manutenção Militar reinventa-se, apoiando as forças nacionais em países estrangeiros,

fornecendo-lhes subsistência, combustíveis, lubrificantes e produtos pessoais (Junta de Freguesia do Beato, 2019e).

Foi um dos mais relevantes conjuntos industriais de fabrico alimentar nacional. Laborou até 2010, contando com uma série de sucursais em Portugal continental, ilhas e nos antigos territórios ultramarinos (Brito, et al., 2019).

Nos últimos anos o espaço ocupado pela Manutenção Militar tem sido transformado no Hub Criativo do Beato que tem como objetivo potenciar a cidade enquanto *hub* internacional de empreendedorismo, trabalhando enquanto polo de atração de novos talentos e projetos que acrescentem valor à comunidade (Hub Criativo do Beato, s.d.).

Ainda que se encontre numa etapa de requalificação, o projeto já captou uma série de empresas nacionais e internacionais de renome como a *Factory*, o *Super Bock Group* que pretende promover a indústria criativa e uma cervejaria artesanal - a *Brower Beato*, a *Delta Cafés* e a *Startup Lisboa* (Hub Criativo do Beato, s.d.).

10.Nacional

Após a Revolução liberal, muitos dos edifícios religiosos da freguesia foram profanados e vendidos pelo Governo a particulares que ali instalaram novas fábricas. O Convento de S. Bento de Xabregas não foi exceção e foi adquirido por João de Brito, em 1836, para nele instalar fábricas de moagem e de bolachas e um armazém de vinhos (Ferreira, 1995).

As fábricas e armazéns foram ampliados ao longo dos anos, até que, em 1917, foram integrados na Nova Companhia de Moagem que iria dar origem à Companhia Industrial de Portugal das Colónias. Em 1947, um grande incêndio destruiu a totalidade da unidade fabril de moagem (Ferreira, 1995).

Em 1948 começa logo a ser projetada uma nova fábrica no Beato, junto às instalações da antiga. Desenhada pelo arquiteto e empreendedor Porfírio Pardal Pinheiro, a fábrica foi construída em forma de U, com edifícios volumosos para receber a moagem e armazéns da farinha. Em 1956 acrescenta-se o edifício dedicado a massas e bolachas, e algumas funções sociais como o refeitório (Folgado, 2002).

A expansão da unidade fabril deu origem a novos edifícios de moagem e limpeza, de armazenamento de farinha, os silos de armazenamento e a um sistema de transporte de trigo que atravessa a rua do Beato, ligando a ala norte à ala sul da fábrica (Brito et al., 2019).

Ao longo dos anos A Nacional foi adquirida por diversos grupos, nomeadamente o Grupo Amorim Lage que, em 2005 foi reestruturado dando origem à Cerealis Produtos Alimentares, a atual exploradora da unidade fabril (A Nacional, 2022).

Mantendo-se no mesmo local há mais de 180 anos, a conhecida Nacional, denominação dada pela rainha D. Maria II em 1848, é uma das mais antigas fábricas do local e uma das mais significativas para perpetuar a visão industrial do Beato, contribuindo para a singularidade arquitetónica desta indústria (Brito et al., 2019).

11. Companhia Portuguesa dos Fósforos

A Companhia Portuguesa de Fósforos, fundada em 1911, mais tarde conhecida como Sociedade Nacional de Fósforos, foi uma das fábricas mais relevantes do setor a nível nacional.

Em meados do século XX, esta era uma das quatro maiores empresas nacionais, ao lado da Companhia dos Tabacos de Portugal, da Nova Companhia Nacional de Moagens e da Companhia União Fabril (Brito et al., 2019).

Em 1917, os mais de 400 operários eram obrigados a trabalhar de 8 a 10 horas diariamente, dependendo da função desempenhada, com uma hora de descanso por dia e um dia de descanso semanal, normalmente o domingo. No que diz respeito ao regulamento interno da empresa, a entrada e saída dos operários era assinalada com um toque de apito, era proibida a entrada de funcionários em oficinas que não fossem as suas, os trabalhadores eram revistos um a um à saída, era proibido o convívio durante o horário de trabalho e era proibida a afixação de cartazes, anúncios ou convites para reuniões dentro da fábrica (Silva, 2020).

Desta fábrica e, mais propriamente, dos operários da fábrica, surge, em 1920, o Grupo Desportivo do Pessoal da Companhia Portuguesa de Fósforos, tendo como objetivo o recreio e divertimento dos trabalhadores da unidade fabril (Silva, 2020). Este grupo desportivo viria a mudar de nome para Grupo Desportivo “Os Fósforos”, extinguindo-se em 1946 e dando origem ao Clube Oriental de Lisboa que hoje joga na Primeira Divisão do Campeonato Distrital (Zerozero.pt, 2022).

Atualmente, o antigo espaço da Companhia Portuguesa dos Fósforos, é a sede da Phosphoreira, um condomínio industrial ou parque empresarial com armazéns e escritórios para alugar (Orientre, 2018b).

12. Cervejaria Lince

A última paragem do *walking tour* do Beato é na Cervejaria Lince, já na freguesia de Marvila.

Como é demonstrado ao longo do percurso, a evolução do Beato atravessou diversas fases, passando pelo ambiente rural e pelo ambiente industrial. Das indústrias que caracterizaram a freguesia durante os séculos XIX e XX, algumas encontram-se em ruínas, como é o caso da Companhia de Fabrico de Algodões de Xabregas, outras mantêm-se ativas até ao dia de hoje e outras surgiram de uma forma moderna e criativa. A Cervejaria Lince é um exemplo destas novas indústrias que se estão a sediar nesta zona oriental de Lisboa.

A Cervejaria Lince é um projeto iniciado por António Carriço e Pedro Vieira, que se conheceram enquanto trabalhavam na Vodafone. Em 2014 começaram a fazer cerveja artesanal numa garagem e, em 2016, decidiram constituir a Lince, um projeto que tem como objetivo a criação de cerveja de qualidade e com sabores diferentes das conhecidas no mercado (Cervejaria Lince, 2022a).

Localizada num dos armazéns da Phosphoreira, a cervejaria apresenta uma fábrica, na qual produz o seu stock de cervejas (Orientre, 2017), e uma *tap room* onde é possível provar as suas cervejas e comer alguns petiscos (Cervejaria Lince, 2022b).

Das suas cervejas artesanais destacam-se a *Belgian Pale Ale*, com travesalho a citrinos, a Zeus, uma cerveja inspirada na cervejaria americana com aromas cítricos e a ervas, a *Stout*, uma cerveja preta com notas torradas de café, chocolate e uma espuma muito cremosa, e a *American IPA* com aroma frutado (Cervejaria Lince, 2022c).

Nesta etapa final, será realizada uma visita à fábrica da Cervejaria Lince, quando se dará a conhecer as cervejas e os seus métodos de produção, seguida pela degustação de algumas das cervejas na *tap room*, aberta todos os dias a partir das 17 horas, exceto ao domingo quando abre às 15 horas.

A visita guiada a pé no Beato (figura 24) tem a duração aproximada de 4 horas excluindo o tempo reservado no final para a degustação de cervejas. Tem como ponto de encontro o Museu do Azulejo e termina na Cervejaria Lince, para uma visita à fábrica e degustação de cervejas artesanais (ou cervejarias semelhantes). O nível de dificuldade da visita é baixo uma vez que o terreno é plano e acessível e a distância curta.

Os locais e atividades apresentados foram organizados de forma a criar um *walking tour*. Apresenta-se, de seguida, o itinerário referente à freguesia do Beato, desenhado partindo do princípio que a visita poderá ser realizada em qualquer dia da semana, tendo sempre em atenção os horários da Cervejaria Lince.

Itinerário na freguesia do Beato:

14.00h: Encontro no Museu do Azulejo

14.10h – 14.25h: Museu do Azulejo (paragem)

14.25h – 14.35h: Museu do Azulejo -> Vila Flamiano

14.35h – 14.45h: Vila Flamiano (paragem)

14.45h – 14.50h: Vila Flamiano -> Linha Férrea (Beco dos Toucinheiros)

14.50h – 14.55h: Linha Férrea (paragem)

14.55h – 15.00h: Linha Férrea -> Fábrica da Companhia de Fabrico de Algodões de Xabregas

15.00h – 15-05h: Fábrica da Companhia de Fabrico de Algodões de Xabregas (paragem)

15.05h – 15.10h: Fábrica da Companhia de Fabrico de Algodões de Xabregas -> *Monkey* de Bordalo II

15.10h – 15.15h: *Monkey* de Bordalo II (paragem)

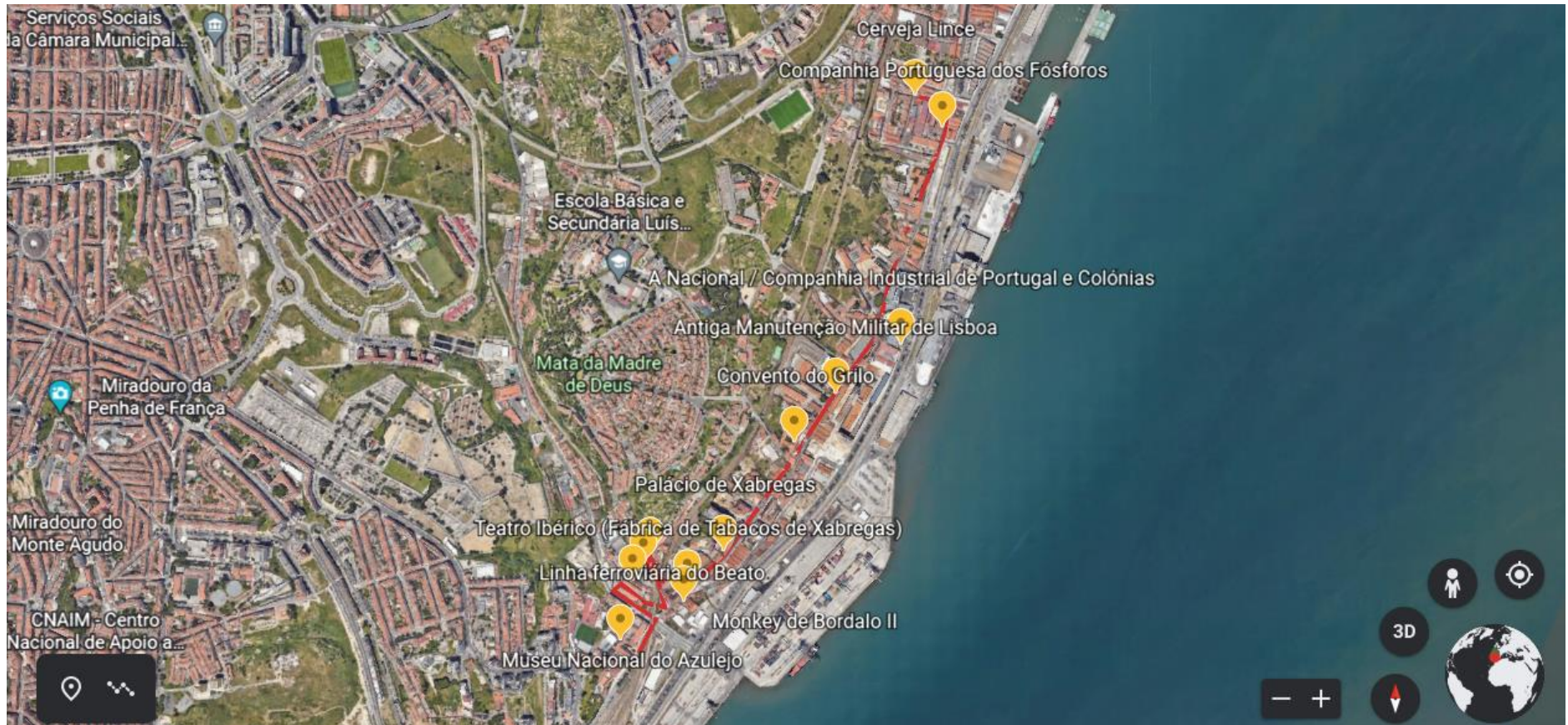
15.15h – 15.20h: *Monkey* de Bordalo II -> Fábrica de Tabacos de Xabregas (Teatro Ibérico)

15.20h – 15.30h: Fábrica de Tabacos de Xabregas (paragem)

15.30h – 15.35h: Fábrica de Tabacos de Xabregas -> Palácio de Xabregas

15.35h – 15.40h: Palácio de Xabregas (paragem)
15.40h – 15.45h: Palácio de Xabregas -> Convento do Grilo
15.45h – 15.55h: Convento do Grilo (visita)
15.55h – 16.00h: Convento do Grilo -> Manutenção Militar (Hub Criativo do Beato)
16.00h – 16.05h: Manutenção Militar (paragem)
16.05h – 16.25h: *Comfort Stop*
16.25h – 16.30h: Manutenção Militar -> A Nacional
16.30h – 16.35h: A Nacional (paragem)
16.35h – 16.45h: A Nacional -> Companhia Portuguesa de Fósforos
16.45h – 16.50h: Companhia Portuguesa de Fósforos (paragem)
16.50h – 16.55h: Companhia Portuguesa de Fósforos -> Cervejaria Lince
16.55h – 15.45h: Cervejaria Lince (visita à fábrica)
17.45h: Fim da visita e início da degustação de cervejas artesanais

Figura 24: Itinerário no Beato



O *walking tour* no Beato, *Do Rural ao Industrial – Beato sem Curvas*, pretende dar a conhecer o desenvolvimento da freguesia, desde a sua faceta rural, caracterizada por conventos, palácios e quintas, à sua faceta industrial caracterizada por unidades fabris, armazéns, oficinas e vilas operárias.

Com a elaboração da visita teste chegou-se à conclusão que o Beato, mais propriamente os pontos de atração do Beato se desenvolvem bastante em linha reta, em torno da Rua de Xabregas, da Calçada Dom Gastão e da Rua do Grilo, possivelmente pela sua proximidade ao Rio Tejo. É importante referir que, apesar de serem as ruas principais da freguesia, na testagem da visita, verificou-se pouca oferta de cafés, pastelarias ou estabelecimentos do tipo, tornando difícil a escolha do local para a *comfort stop*.

Concluiu-se que esta visita, com uma interpretação bem conseguida, consegue dar a conhecer histórias de pessoas reais, que ilustrem as condições de trabalho e de vida dos operários, o crescimento de movimentos como o feminismo, os métodos característicos de elaborar certas tarefas e a forma como espaços religiosos e aristocráticos se transformam em espaços industriais que ainda hoje marcam a paisagem da freguesia.

Com a visita constatou-se que este itinerário, talvez pela sua temática, foi o mais trabalhoso de criar e o que carece de uma maior atenção da interpretação do património, tornando a temática mais apelativa e dinâmica. O facto de muitas das atrações estarem na posse de privados também não facilita o itinerário, uma vez que as visitas aos locais são imprevisíveis ou até mesmo impossíveis.

Conclusão e Considerações Finais

O turismo é uma atividade que une diversos serviços à escala mundial e que tem vindo a sofrer um crescimento notável. É hoje uma das atividades mais importantes para o desenvolvimento económico, social, cultural e político de um país, na medida em que cria emprego, promove a conservação do património e o contacto entre turistas e população local, permitindo a troca de ideias e aprendizagem sobre novas culturas e estilos de vida.

Portugal é um destino bastante procurado, principalmente pelo clima e por ser economicamente acessível à maioria dos turistas. Apesar da Área Metropolitana de Lisboa, em particular a cidade de Lisboa, ser a região mais procurada a nível turístico em Portugal, dentro da mesma existem polaridades. Na Área Metropolitana de Lisboa destaca-se a cidade de Lisboa e, dentro da cidade de Lisboa destacam-se as freguesias do Centro Histórico.

Apesar de estatisticamente fazerem parte da cidade mais procurada no país, muitas das freguesias localizadas na periferia da cidade não têm procura e oferta turística significativas. A concentração de produtos e serviços turísticos no centro histórico, tais como alojamento e atividades, leva a que a procura turística se fixe nestes locais em detrimento de outras freguesias com valor.

Lisboa e todas as suas freguesias apresentam um vasto património e história nas mais diversas temáticas, como o património aristocrático, religioso, industrial, artístico e até mesmo as vivências e costumes diferentes de freguesia para freguesia, pelo que se torna necessária a divulgação destas atrações e a construção de uma oferta integrada.

Os itinerários culturais são uma maneira de apresentar o património de forma integrada ao mesmo tempo que permitem conservar o património e redirecionar os turistas para novos locais menos conhecidos apresentando uma rota interessante a seguir com histórias e vivências diversas.

Segundo a Assembleia Geral da Organização Mundial de Turismo (1999), a repartição no tempo e espaço dos fluxos turísticos e um melhor equilíbrio entre os locais visitados devem ser uma prioridade de forma a reduzir a pressão da atividade turística sobre o meio ambiente e beneficiar a indústria turística e a economia local. Desta forma, partindo deste artigo 3º do Código de Ética Mundial do Turismo, desenvolveu-se o presente trabalho com o objetivo de apresentar um novo conjunto de produtos turísticos que atraiam turistas para outras freguesias de Lisboa.

A partir do objetivo geral - contribuir para o conhecimento sobre o turismo cultural, os itinerários turísticos e o desenvolvimento de quatro novos itinerários temáticos no concelho de Lisboa - foram construídos os objetivos específicos da investigação. De forma a cumprir estes objetivos realizou-se uma ampla revisão bibliográfica que permitiu alicerçar bases teóricas para o trabalho em questão, apresentando conceitos relacionados com o turismo cultural, as tipologias de turismo cultural, o papel deste tipo de turismo, o tipo de turista que o procura e a oferta existente no mercado, em particular na cidade de Lisboa.

Fazendo parte do objetivo do trabalho a construção de itinerários em Lisboa, foi elaborada uma pesquisa sobre os mesmos, onde se apresentam as diversas tipologias de itinerários e as etapas de construção dos mesmos.

Conclui-se que os itinerários são produtos turísticos atrativos que oferecem ao turista um modo de conhecer, de forma integrada, sustentável e informada o património local. Para a construção destes itinerários é necessário seguir uma série de etapas de pesquisa, análise, seleção e organização de fatores próprios do itinerário. Assim, deve-se seguir as seguintes fases de construção:

- Análise do mercado e tipo de público alvo;
- Levantamento dos recursos existentes;
- Seleção dos recursos tendo em conta a temática;
- Ordenar, de forma lógica, os recursos escolhidos;
- Escolher o traçado do itinerário, tendo em conta os meios de transporte utilizados;
- Definir os horários do itinerário de forma minuciosa, prevendo atrasos e tempos de deslocação, paragens e visitas.

É ainda importante que os itinerários sejam construídos de forma a não sobrecarregar a visita, tanto no que diz respeito às distâncias e tempos como aos pontos de interesse e respetivos horários.

Os objetivos específicos - investigação sobre a criação de itinerários turísticos e a sua operacionalização, identificação de *walking tours* em Lisboa e criação de itinerários temáticos em Lisboa – foram alcançados através da pesquisa que se traduziu em entrevistas dirigidas a guias da cidade. Desta forma, foram redigidos quatro objetivos para as entrevistas: saber quais os *walking tours* mais procurados em Lisboa e porquê, saber porque motivo os guias criam *walking tours*, conhecer qual o procedimento utilizado na conceção de um itinerário e perceber qual a melhor forma de atrair novos visitantes a locais menos conhecidos de Lisboa.

Para cada um destes objetivos foi criada uma ou mais hipóteses, que viriam a ser classificadas como aceites ou rejeitadas, e uma série de questões a realizar durante a entrevista de modo a obter respostas aos objetivos propostos. Através destas entrevistas surgiram informações relevantes para o estudo em causa.

O primeiro objetivo “Saber quais os *walking tours* que são mais procurados em Lisboa e a razão dessa procura”, demonstrou que as visitas mais procuradas em Lisboa são, de forma geral, as mais generalistas durante as quais são visitados os locais mais conhecidos e promovidos da cidade. No que diz respeito às visitas temáticas, destacam-se os *Tours Judaicos*, por serem *tours* procurado pelos turistas judeus, principalmente americanos, e os que estão relacionados com crime e mistério por serem temas mais fora do comum e que causam impacto nos turistas.

Quanto ao segundo objetivo “Saber por que motivo os guias criam *walking tours*”, os entrevistados mostram-se mais divididos, sendo que a razão que leva os guias a criar novos

percursos poderá ser a falta de oferta de uma determinada temática, uma forma de homenagear datas e pessoas ou o pedido de um particular ou escola.

No que diz respeito ao terceiro objetivo, “Conhecer o procedimento utilizado na construção de um itinerário”, concluiu-se que todos os guias entrevistados seguem o processo teórico de elaboração de um itinerário descrito no ponto 1.2. “Elaboração de um itinerário”, do Capítulo II.

Por fim, para cumprir o quarto objetivo, “Perceber qual a melhor forma de atrair novos visitantes a locais menos conhecidos de Lisboa”, foram elaboradas quatro hipóteses:

- Hipótese 1- o crescimento dos nichos de mercado é benéfico para o crescimento turístico de freguesias periféricas lisboetas,
- Hipótese 2- já foram criados itinerários em freguesias menos turísticas de Lisboa;
- Hipótese 3- o público português procura mais os *walking tours* em freguesias menos turísticas do que o público estrangeiro;
- Hipótese 4 - os itinerários temáticos podem ser um atrativo benéfico para atrair novos turistas).

Referente à primeira hipótese ficou patente que os aumentos dos nichos de mercado em Lisboa poderão levar ao aumento de uma procura turística em zonas da cidade até então não tão procuradas. A segunda e terceira hipóteses demonstraram que já foram realizados percursos fora do centro de Lisboa, contudo, todos eles de forma pontual e mais direcionados para o público nacional. Por fim, a partir da quarta hipótese conclui-se que os itinerários temáticos são uma forma eficaz de atração de novos visitantes para as freguesias menos turísticas da cidade.

Para além das entrevistas realizadas aos guias, foram elaboradas quatro entrevistas aos presidentes, ou seus representantes, das juntas de freguesia do Beato, Lumiar, São Domingos de Benfica e Carnide, de forma a conhecer a relação entre as freguesias e o turismo, quais as suas estratégias e pontos de atração. Para tal foram elaborados três objetivos: saber qual é a importância turística da freguesia e o que tem para oferecer; perceber o que pensam do desenvolvimento turístico da freguesia; e conhecer as estratégias e itinerários utilizados para atrair visitantes à freguesia.

O primeiro objetivo demonstrou que a procura turística nestas freguesias existe, mas não de uma forma significativa, apesar de ter uma tendência crescente no Beato e Carnide, e que todas as freguesias apresentam um vasto património e pontos de interesse turístico.

Com o segundo objetivo ficou a saber-se que, com exceção do Lumiar, o turismo é uma prioridade para as juntas de freguesia, contudo, nenhuma está a usufruir de linhas de financiamento para o desenvolvimento turístico local.

Para o terceiro e último objetivo foram criadas diversas hipóteses de forma a conhecer as estratégias utilizada pelas freguesias para atrair novos visitantes. Todas as freguesias possuem estratégias, nomeadamente através da construção de itinerários direcionados principalmente para o público nacional, promovidos pelas juntas de freguesia e por terceiros. Tendo sido um

sucesso no passado, os entrevistados acreditam que os itinerários temáticos são um produto eficaz para atrair novos visitantes para as freguesias, ao mesmo tempo que contribuem para a proteção e gestão sustentável das suas atrações.

Desta forma, através do conjunto de entrevistas realizado e da sua devida análise, pode concluir-se que Lisboa é, de facto, um destino turístico assimétrico no que diz respeito à procura e oferta turística das diversas freguesias. As mais centrais, particularmente as do centro histórico apresentam uma oferta turística mais promovida e dinamizada, desde alojamentos a serviços e produtos, o que leva à procura mais centralizada nestes sítios em detrimento da distribuição da procura turística pelas diferentes zonas da cidade. O turismo em Lisboa torna-se, assim num círculo vicioso, as empresas apostam na localização mais central dos seus produtos e serviços por serem zonas mais turísticas e os turistas procuram mais o centro histórico por ter uma maior concentração de produtos e serviços turísticos.

Torna-se também evidente que as próprias juntas de freguesia não tomam as medidas necessárias para tentar captar mais turistas para a sua zona, mostrando, muitas vezes, não terem conhecimento do que a freguesia tem para oferecer ou como atrair novos visitantes.

Tendo sido unânime entre os entrevistados, tanto os guias como as juntas de freguesia, que os itinerários temáticos são ferramentas importantes e eficazes na promoção da freguesia e do seu património, é importante que a ocorrência deste tipo de atividades seja mais recorrente nas freguesias unindo a influência das agências de viagem e guias que elaboram os percursos com os meios da junta de freguesia na sua promoção e apoios.

Neste estudo propõe-se a criação de quatro itinerários temáticos nas freguesias do Beato, Lumiar, São Domingos de Benfica e Carnide, cada um com a sua temática particular. Para tal, seguiram-se as etapas teóricas de conceção de um itinerário cultural, descritas no capítulo referente aos itinerários culturais e nas entrevistas aos guias, realizando o levantamento dos recursos, várias visitas aos locais, a seleção da temática e dos recursos a utilizar e o traçado e ordem do itinerário.

Após a elaboração dos itinerários foram realizadas quatro visitas de testagem, uma em cada freguesia, com amigos e familiares de forma a analisar melhor, no terreno e com um grupo, os melhores caminhos a seguir, os horários do percurso, as atrações a visitar e alguns imprevistos que poderiam acontecer.

Destas visitas surgiram também algumas conclusões sobre o funcionamento das juntas de freguesia, das atrações e até mesmo algumas sugestões que poderão ser importantes para melhorar o turismo das freguesias e até mesmo a possível implementação destes itinerários.

Com a elaboração desta investigação torna-se necessário que as juntas de freguesia unam esforços com o município e com os guias da cidade para desenvolver, de forma sustentável e estruturada, o turismo de freguesias mais periféricas de Lisboa. Com o trabalho desenvolvido demonstrou-se que estas freguesias possuem património igualmente importante e interessante que não é conhecido por muitos portugueses e maioria dos estrangeiros. Este pode ser um tipo

de turismo apelativo para os estrangeiros, principalmente os nichos e segundos visitantes da capital, e para os portugueses que procurem conhecer melhor o seu país ou até a própria cidade e freguesia.

Demonstrou-se ainda fundamental que as juntas de freguesia contratem profissionais informados que procurem implementar estratégias eficazes que promovam o património e dinamização turística da freguesia ou que procurem uma empresa que sirva de ligação entre as juntas de freguesia e o turismo.

Em conformidade com o artigo 5º do Código de Ética Mundial do Turismo, depreende-se que o turismo deverá ser uma atividade que beneficia as comunidades locais, envolvendo-as nos projetos e no acolhimento turístico. Estas populações deverão beneficiar positivamente do turismo, quer a nível económico como social e cultural (Assembleia Geral da Organização Mundial de Turismo, 1999)

Desta forma é fundamental que as comunidades das freguesias sejam ativas nos projetos turísticos implementados. No que diz respeito aos itinerários apresentados, procurou-se beneficiar as mesmas através de paragens e experiências que envolvessem tradições, pratos típicos, ou produtos artesanais das freguesias, como a prova dos doces e comidas característicos ou de cervejas artesanais.

Por sua vez, é necessário que os organismos estatais promovam o contacto entre as comunidades locais e os turistas, tornando a experiência turística mais real e permitindo o desenvolvimento social, económico e até o sentido de identidade das freguesias.

Por fim, considera-se importante que os profissionais de turismo, em conjunto com as juntas de freguesia, promovam artigos e itinerários nas mesmas de forma a dar a conhecer e dinamizar o património quer para o público português como para o estrangeiro.

Referências Bibliográficas

- A Nacional (2022) *A Nacional*. Retirado de <https://nacional.pt/a-nacional/> (Consultado a 14 de novembro de 2022).
- Acanto (2021) *Fulvio Capurso*. Revista de Poesia. Retirado de <https://acantorevista.pt/fulvio-capurso/> (Consultado a 7 de novembro de 2022).
- Actu. (2017) *Lumiar: Cada Bairro, Uma Cidade*. Lisboa: LisbonWeek.
- Almada Informa. (2021). *Museu de Almada - Covas de Pão*. Retirado de <https://www.cm-almada.pt/museu-de-almada-covas-de-pao> (Consultado a 21 de outubro de 2022).
- Alves, A. (2016) *Turismo Cultural: Itinerários Temáticos no Concelho de Peniche* (Dissertação de Mestrado). Estoril: Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.
- Alves, P. & Baptista, V. (2020) Capítulo 16: As mulheres de Xabregas: trabalho, quotidiano e ativismo (do fim do século XIX aos anos 40 do século XX). In: *História do Movimento Operário e Conflitos Sociais em Portugal: Congresso História do Trabalho, do Movimento Operário*. Lisboa: Instituto de História Contemporânea, pp. 501-516. Retirado de https://repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/23464/1/conferenceobject_79832.pdf (Consultado a 11 de novembro de 2022)
- Antunes, A. (2020) Capítulo 6: A Companhia de Fabrico de Algodões de Xabregas, em Lisboa, e a melhoria das condições da vida operária na segunda metade do século XIX. In: *História do Movimento Operário e Conflitos Sociais em Portugal: Congresso História do Trabalho, do Movimento Operário*. Lisboa: Instituto de História Contemporânea, pp. 329-346. Retirado de https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/45487/1/_2020%20CompXabregas%20Historia-Movimento-Operario_2020_Publica%20a7%20a3o%20IHC.pdf (Consultado a 11 de novembro de 2022).
- Arquivo Nacional da Torre do Tombo (2011) *Convento de Santa Teresa de Jesus de Carnide*. Retirado de <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=1382462> (Consultado a 21 de outubro de 2022).
- Ashworth, G. & Tunbridge, J (2000) *The Tourist-Historic City: Retrospect and Prospect of Managing the Heritage City*. Amesterdão: Pergamon.
- Bambo, D.; Carvalho, B.; Rodrigues, M. & Monteiro, M. (2016a) *Convento e Igreja de Santa Teresa de Jesus*. Retirado de <https://ecarnide.hypotheses.org/convento-s-ta-teresa> (Consultado a 21 de outubro de 2022).
- Bambo, D.; Carvalho, B.; Rodrigues, M. & Monteiro, M. (2016b) *Rua do Machado*. Retirado de <https://ecarnide.hypotheses.org/rua-do-machado> (Consultado a 21 de outubro de 2022).
- Bandeira, F.; Vale, T. & Gomes, C. (2004) *Quinta Devisme / Quinta da Infanta / Reformatório Feminino de Lisboa / Instituto de São Domingos de Benfica*. Retirado de http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5078 (Consultado a 27 de outubro de 2022).
- Bardin, L. (2008) *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Baudrihayé, J. (1997) El Turismo Cultural: Luces y Sombras. *Estudios Turísticos*, vol. 134, pp. 43-54.
- Bakas, F., Duxbury, N. (2018) Development of rural areas and small cities through creative tourism: The CREATOUR project. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*, 8, pp.74-84.
- Berger, R. (2019) *Plano Estratégico de Turismo para a Região de Lisboa 2020-2024*. Lisboa: Entidade Regional do Turismo da Região de Lisboa e Turismo de Lisboa.

Bordalo II (2022) *About*. Retirado de <https://www.bordaloii.com/about> (Consultado a 28 de novembro de 2022).

Brito, L. (2000) *Sostiene Pereira de Antonio Tabucchi – O papel da Literatura no Turismo Cultural – Metodologia e Construção de um Itinerário Pedestre a partir do Romance*. Dissertação de Mestrado não publicada. Lisboa: Universidade Aberta.

Brito, L. (2010) *O Guia-Intérprete: Facilitador do Turismo Cultural*. Tese de Doutoramento. Évora: Universidade de Évora.

Book a Street Artist (2020) *Third*. Retirado de <https://www.bookastreetartist.com/pt/third> (Consultado a 4 de novembro de 2022).

Bywater, M. (1993) The Market for Cultural Tourism in Europe. *Travel and Tourism Analyst*, 6, pp. 30-46.

Calisto, J.; Mantas, J.; Miranda, P. & Frias, I. (2003) *Monografia do Lumiar*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa

Câmara Municipal de Lisboa. (2009) *Plano de Urbanização de Carnide-Luz*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

Câmara Municipal de Lisboa (2018) *Estudo Urbanístico do Turismo em Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

Câmara Municipal de Lisboa (2022) *Lisboa tem o Primeiro Street Art Park do País*. Retirado de <https://www.lisboa.pt/actualidade/noticias/detalhe/lisboa-tem-o-primeiro-street-art-park-do-pais> (Consultado a 4 de novembro de 2022).

Câmara, S.; Silva, C.; Machado, I.; Carrelo, M. & Rato, M. (2015) Se as paredes falassem. *Gau*, vol.7, p. 5. Retirado de https://issuu.com/galeriadearteurbana/docs/af_gau7_issuu_a269a045492a5d (Consultado a 4 de novembro de 2022).

Bakas, F., Duxbury, N. (2018) Development of rural areas and small cities through creative tourism: The CREATOUR project. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*, vol.8, pp.74-84.

Campenhoudt, L.; Marquet, J. & Quivy, R. (2017) *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (5ª ed.). Lisboa: Gradiva

Cardoso, F. (2019) *São Domingos de Benfica: da Cidade à Freguesia Smart*. Retirado de <https://smart-cities.pt/noticias/smart-freguesia-0702/#:~:text=S%C3%A3o%20Domingos%20de%20Benfica%20caracteriza-se%20por%20ser%20uma,representando%205%25%20na%20%C3%A1rea%20da%20cidade%20de%20Lisboa> (Consultado a 24 de outubro de 2022).

Carrasco, A. (2005) *O Turismo como Fator Revitalizador dos Centros Históricos – Caso de Estudo: Óbidos*. Trabalho final de curso não publicado. Estoril: Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.

Casa da Comida (2022) *Palácio de Xabregas*. Retirado de <https://www.casadacomida.pt/espacos/palacio-de-xabregas/> (Consultado a 18 de novembro de 2022).

Centro Cultural Eça de Queiroz – Telheiras – ESEQ (2017) Parte I: A Igreja de São João Batista do Lumiar. In: F. Lemos (coord.). *Igreja Paroquial de São João Batista do Lumiar*. Lisboa: BY THE BOO, pp. 13-41.

Centro Nacional de Cultura. (2007) *Vila Flamiano*. Retirado de https://www.e-cultura.pt/patrimonio_item/2763 (Consultado a 10 de novembro de 2022).

- Centro Nacional de Cultura. (2008a) *Bairro Grandella*. Retirado de https://www.e-cultura.pt/patrimonio_item/2092 (Consultado a 24 de outubro de 2022).
- Centro Nacional de Cultura. (2008b) *Igreja de São Domingos de Benfica*. Retirado de https://www.e-cultura.pt/patrimonio_item/6832 (Consultado a 24 de outubro de 2022).
- Cervejaria Lince (2022a) *Sobre nós*. Retirado de <https://www.cervejalince.pt/about> (Consultado a 14 de novembro de 2022).
- Cervejaria Lince (2022b) *Tap Room*. Retirado de <https://www.cervejalince.pt/page/tap-room> (Consultado a 14 de novembro de 2022).
- Cervejaria Lince (2022c) *Cervejas Lince*. Retirado de <https://www.cervejalince.pt/category/cerveja-lince> (Consultado a 14 de novembro de 2022).
- Cisne, R., Gastal, S. (2011) Nueva Visión sobre los Itinerarios Turísticos: Una Contribución a partir de la complejidad. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, 20, 6, pp. 1149-1463.
- Claudino, H. e Marvão, S. (2021) *A história de dois irmãos e de um palácio (que está à venda) na origem da independência de Portugal em 1640*. Retirado de <https://cnnportugal.iol.pt/palacio-de-xabregas/instauracao-da-independencia/a-historia-de-dois-irmaos-e-de-um-palacio-que-esta-a-venda-na-origem-da-independencia-de-portugal-em-1640/20211201/61a537130cf2cc58e7d56d67> (Consultado a 18 de novembro de 2022).
- Colégio Militar (s.d.) *Missão, Visão e Valores*. Retirado de <https://www.colegiomilitar.pt/quem-somos/missao-visao-e-valores/> (Consultado a 22 de outubro de 2022).
- Coletivo Inquieto (s.d.) *Sobre Nós*. Retirado de <https://www.coletivoinquietao.com/sobre> (Consultado a 4 de novembro de 2022).
- Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (2008) *Carta dos Itinerários Culturais*. Paris: Conselho Internacional de Monumentos e Sítios.
- Cordeiro, L.; Silva, A & Narciso, A. (2016) *Igreja de São Lourenço*. Retirado de <https://ecarnide.hypotheses.org/ig-s-lourenco> (Consultado a 21 de outubro de 2022).
- Correia, P. (2002) *Palácio de Xabregas / Palácio dos Marqueses de Olhão / Palácio dos Melo*. Retirado de http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4000 (Consultado a 18 de novembro de 2022).
- Carvalho, G. & Meleiro, M. (s.d.) *Na Rota de S. Domingos de Benfica: A História e a Caracterização dos Lugares*. Lisboa: Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica.
- Costa, S. (2002) *Tobis Portuguesa, S.A*. Retirado de <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/itinerarios/arquitetura/05/> (Consultado a 4 de novembro de 2022).
- Cultura Portugal (2022) Museu Nacional do Teatro e da Dança. Retirado de https://culturaportugal.gov.pt/pt/conhecer/local/_dgpc-locais/museu-nacional-do-teatro-e-da-danca/ (Consultado a 7 de novembro de 2022).
- Cunha, A.; Real, A.; Neto, I. & Garcia, J. (2016) *Largo das Pimenteiras*. Retirado de <https://ecarnide.hypotheses.org/largo-das-pimenteiras> (Consultado a 20 de outubro de 2022)
- DGARQ - Direção-Geral de Arquivos (2008) *Convento da Madre de Deus de Lisboa*. Retirado de <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=1363110> (Consultado a 28 de novembro de 2022).
- DGPC (s.d.) Museu Nacional do Teatro e da Dança. Retirado de <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/recursos/cedencia-e-aluguer-de-espacos/aluguer-de-espacos-museu-nacional-do-teatro/> (Consultado a 7 de novembro de 2022).

- DGPC (2019) Evolução do número total de visitantes - Monumentos, Museus e Palácios da DGPC. 2014 - 2019. Retirado de http://patrimoniocultural.gov.pt/static/data/museus_e_monumentos/estatisticas1/mmp2019.pdf (Consultado a 25 de março de 2022).
- DGPC (2021) Estatísticas de visitantes dos museus, monumentos e palácios da DGPC 2020 - 2021. Retirado de http://patrimoniocultural.gov.pt/static/data/museus_e_monumentos/estatisticas1/mmp2020-2021.pdf (Consultado a 25 de março de 2022).
- DGPC (2022a) *Palácio Nacional da Ajuda*. Retirado de <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/palacio-nacional-da-ajuda> (Consultado a 25 de março de 2022).
- DGPC (2022b) *Museu Nacional do Traje*. Retirado de <http://patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-nacional-do-traje/> (Consultado a 7 de novembro de 2022).
- DGPC (2022c) *Museu Nacional do Teatro e da Dança*. Retirado de <http://patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-nacional-do-teatro/> (Consultado a 7 de novembro de 2022).
- D.L. (2009) *Lenda denuncia escapadelas de D. Dinis com meninas*. Retirado de <https://www.dn.pt/portugal/lenda-denuncia-escapadelas-de-d-dinis-com-meninas-1254458.html> (Consultado a 31 de outubro de 2022).
- Durand, J. (2007) Turismo Cultural: conceituação, fontes de crescimento e tendências. *Turismo - Visão e Ação*, 9, 2, pp.185-198.
- Duxbury, N. & Richards, G. (2019) Towards a Research Agenda for Creative Tourism: developments, diversity and dynamics. *A Research Agenda for Creative Tourism*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing.
- Ek, R.; Larsen, J.; Hornskov, S. & Mansfeldt, O. (2008) A Dynamic Framework of tourist Experiences: Space-time and Performances in the Experience Economy. *Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism*, 8, 2, pp.122-140.
- Ferreira, L.; Pinto, J. & Aguiar, L. (2012) Turismo Cultural, Itinerários Turísticos e Impacto nos Destinos. *Cultur*, 6, 2, pp. 109-126.
- Ferreira, P.; Sanchez, P. & Figueiredo, S. (1995) *A Freguesia do Beato na História*. Lisboa: Junta de Freguesia do Beato.
- Figueira, L. (2013) *Manual para Elaboração de Roteiros de Turismo Cultural*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar.
- Figueiredo, P. (2005) *Freguesia de Carnide: Um lugar Único e Mágico*. Lisboa: Junta de Freguesia de Carnide.
- Figueiredo, P. (2014) *Convento de São Domingos de Benfica / Instituto Militar dos Pupilos do Exército / Igreja da Força Aérea Portuguesa / Igreja de Nossa Senhora do Rosário*. Retirado de http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=6478 (Consultado a 26 e outubro de 2022).
- Flixart (s.d.) *Bio*. Retirado de <https://flixsart.com/bio/> (Consultado a 7 de novembro de 2022).
- Folgado, D. (2002) *A Nacional*. Retirado de <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/itinerarios/arquitetura/07/> (Consultado a 14 de novembro de 2022).

- FPSTUDIO (2021) *Biography*. Retirado de <https://www.felipepantone.com/biography> (Consultado a 4 de novembro de 2022).
- Fundação das Casas de Fronteira e Alorna (2021) Palácio Fronteira. Retirado de <https://fronteira-alorna.pt/palacio-fronteira/> (Consultado a 28 de outubro de 2022).
- Galeria de Arte Urbana (2019) Galeria de Arte Urbana. Retirado de <https://www.instagram.com/p/BxmeRzqlZnw/?igshid=MDJmNzVkMjY%3D> (Consultado a 4 de novembro de 2022).
- Gomes, C. & Vale, T. (1993) *Quinta das Campainhas / Quinta do Beau-Séjour / Palácio do Beau-Séjour / Gabinete de Estudos Olisiponenses*. Retirado de http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5597 (Consultado a 25 de outubro de 2022).
- Gomes, C. & Vale, T. (1996a) *Mosteiro de Santa Teresa de Jesus de Carnide / Asilo de São Vicente de Paula de Carnide*. Retirado de http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5151 (Consultado a 22 de outubro de 2022).
- Gomes, C. & Vale, T. (1996b) *Igreja Paroquial de Carnide / Igreja de São Lourenço*. Retirado de http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5029 (Consultado a 21 de outubro de 2022).
- Gomes, C.; Vale, T. & Ferreira, M. (1996) *Hospital de Nossa Senhora dos Prazeres / Hospital da Luz / Colégio Militar*. Retirado de http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4049 (Consultado a 21 de outubro de 2022).
- Gonçalves, R. (2009) *São Domingos de Benfica: Memória e Testemunho*. Lisboa: Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica e Câmara Municipal de Lisboa.
- Henriques, C. (2003) Capítulo II: Procura Turística Urbana. In: Sílabo. *Procura Turística Urbana Turismo, Cidade e Cultura: Planeamento & Gestão Sustentável*. Lisboa: Sílabo.
- Henriques, C. (2008) Património Cultural e Turismo: Uma Relação Simbiótica - Análise de dois percursos turístico-culturais: James Joyce e Fernando Pessoa. *Turismo e Desenvolvimento*, nº 10, pp. 25-39.
- Hub Criativo do Beato (s.d.) *Sobre HCB*. Retirado de <https://hubcriativobeato.com/sobre-nos/#> (Consultado a 11 de novembro de 2022).
- INE. (s.d.) *Censos 2021*. Retirado de https://www.ine.pt/scripts/db_censos_2021.html (Consultado a 18 de outubro de 2022).
- Instituto do Cinema e do Audiovisual (s.d.) *Apresentação. Instituto do Cinema e do Audiovisual*. Retirado de <https://ica-ip.pt/pt/o-ica/quem-somos/apresentacao/> (Consultado a 4 de novembro de 2022).
- Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena (2010) *Europa*. Retirado de <http://www.dominicanas-scs.pt/congregacao/presenca/Europa> (Consultado a 27 de outubro de 2022).
- Joaquim, G. (2019) O Projeto Tourfly. In: ESHTe – Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril (ed.). *Tourfly. Inovação e Futuro: Contributos para o Desenho da Oferta Turística na Área Metropolitana de Lisboa*. Estoril: Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, pp. 7-9.
- José, I. (2017) *A fundação e a organização da Manutenção Militar de Lisboa*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

Júnior, C. & Batista, M. (2021) *Metodologia da Pesquisa em Educação e Ensino de Ciências*. Maringá: Massoni Gráfica e Editora.

Junta de Freguesia de Belém (2021) *Museus*. Retirado de <https://www.jf-belem.pt/museus/> (Consultado a 14 de novembro de 2022).

Junta de Freguesia de Carnide (2012) *A Freguesia-História e Curiosidades*. Retirado de <https://www.jf-carnide.pt/freguesia/a-freguesia/historia-e-curiosidades/> (Consultado a 18 de outubro de 2022).

Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica (s.d.) *História*. Retirado de <https://jf-sdomingosbenfica.pt/historia/> (Consultado a 24 de outubro de 2022).

Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica (2006) *São Domingos de Benfica – Diretório Turístico*. Lisboa: Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica

Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica (2012) *São Domingos de Benfica: História, Arte e Património*. Lisboa: Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica.

Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica (2015) *Pastel “São Domingos” esteve em destaque na Rádio Renascença*. Retirado de <https://jf-sdomingosbenfica.pt/pastel-sao-domingos-esteve-em-destaque-na-radio-renascenca/> (Consultado a 28 de outubro de 2022).

Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica (2016) *Partilha da Receita do Pastel “São Domingos”*. Retirado de <https://jf-sdomingosbenfica.pt/partilha-da-receita-do-pastel-sao-domingos/> (Consultado a 28 de outubro de 2022).

Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica (2019) *Quinta da Alfarrobeira: Um Lugar de Memória, com Futuro*. Lisboa: Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica.

Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica. (2022a). *Conheça o Palácio do Beau-Séjour*. Retirado de <https://jf-sdomingosbenfica.pt/conheca-o-palacio-do-beau-sejour/> (Consultado a 25 de outubro de 2022).

Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica (2022b) *Capela dos Castros*. Retirado de <https://jf-sdomingosbenfica.pt/category/cultura/> (Consultado a 26 de outubro de 2022).

Junta de Freguesia do Beato (2019a) *A Nova Freguesia*. Retirado de <https://jf-beato.pt/a-nova-cidade/> (Consultado a 8 de novembro de 2022).

Junta de Freguesia do Beato (2019b) *A Origem da Freguesia do Beato*. Retirado de <https://jf-beato.pt/a-origem-da-freguesia-do-beato/> (Consultado a 8 de novembro de 2022).

Junta de Freguesia do Beato (2019c) *Século a Século*. Retirado de <https://jf-beato.pt/seculo-a-seculo/> (Consultado a 8 de novembro de 2022).

Junta de Freguesia do Beato (2019d) *Convento do Grilo*. Retirado de <https://jf-beato.pt/conventos-do-grilo/> (Consultado a 18 de novembro de 2022).

Junta de Freguesia do Beato (2019e) *Manutenção Militar*. Retirado de <https://jf-beato.pt/manutencao-militar/> (Consultado a 11 de novembro de 2022).

Junta de Freguesia do Lumiar (2022) *História da Freguesia*. Retirado de <https://jf-lumiar.pt/lumiar/historia-da-freguesia/> (Consultado a 31 de outubro de 2022).

Junta de Freguesia do Lumiar (s.d.) *Roteiro da Freguesia do Lumiar*. Lisboa: Junta de Freguesia do Lumiar.

Kravets, I. & Camargo, P. (2008) La Importancia del Turismo Cultural en la Construcción de la Identidad Nacional. *Cultur*, 2, 2, pp.1-16.

- Lébron, A. (2013) What is Culture? *Merit Research Journal of Education and Review*, 1, pp 126-132.
- Lima, P. (2005) *Parque da Quinta das Conchas e dos Lilases*. Retirado de http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=23905 (Consultado a 4 de novembro de 2022).
- Machado, J. (2005) *Seminário das Missões Franciscanas / Externato da Luz / Seminário de Nossa Senhora da Conceição da Luz*. Retirado de http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=23093 (Consultado a 18 de novembro de 2022).
- MacLeod, N. (2013) Cultural Routes, Trails and the Experience of Place. In: G. Richards e M. Smith (eds). *The Routledge Handbook of Cultural Tourism*. Oxfordshire: Routledge, pp. 369-275.
- Marcelino, C. (2016) *O Impacto do Turismo Cultural nos Destinos: A Imagem de Belém como Destino Cultural Turístico*. Dissertação de Mestrado. Estoril: Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.
- Marketeer (2019) “Freelancer do Dia CCP by Marketeer”: Carolina Caldeira. Retirado de <https://marketeer.sapo.pt/freelancer-do-dia-ccp-by-marketeer-carolina-caldeira?photo=1> (Consultado a 4 de novembro de 2022).
- Marketeer (2020) *Uma das maiores obras de arte urbana da Europa nasceu no Lumiar*. Retirado de <https://marketeer.sapo.pt/uma-das-maiores-obras-de-arte-urbana-da-europa-nasceu-no-lumiar/?photo=1> (Consultado a 4 de novembro de 2022).
- Martins, A. (2016) *Compromisso dos Turistas com o Turismo Cultural de Lisboa*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: ISCTE Business School.
- Marujo, N. (2015) O Estudo Académico do Turismo Cultural. *Revista Turismo y Desarrollo Local*, 8, 18, pp. 1-18.
- Mata, F. (2021) *Valorização dos Stakeholder no Processo de Planeamento e Gestão dos Destinos Turísticos – O Caso dos Guias Intérpretes Certificados em Portugal Continental*. Dissertação de Mestrado. Estoril: Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.
- Mendes, S. (2011) *A Educação na Freguesia: O caso da Junta de Freguesia de Carnide*. Relatório de Estágio de Mestrado. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- McKercher, B., Du Cross, H. (2002) *Cultural tourism: the partnership between tourism and cultural heritage management*. New York: Routledge.
- Minkov, M. (2013) The Concept of Culture. In: M. Minkov. *Cross-Cultural Analysis: The Science and Art of Comparing the World's Modern Societies and Their Cultures*. California: SAGE Publications, Inc, pp. 9-18.
- Miranda, I.; Russo, A. & Santos, X. (2016) *Quinta Grande*. Retirado de <https://ecarnide.hypotheses.org/quinta-grande> (Consultado a 20 de outubro de 2022).
- Miranda, L. (2019) *Bairro Grandella*. Retirado de <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/atracoes/bairro-grandella> (Consultado a 24 de outubro de 2022).
- Monteiro, M. (2019) *Festival MURO 2019 — Arte Urbana no Lumiar*. Retirado de <https://arcadedarwin.blogs.sapo.pt/sobre-418568> (Consultado a 7 de novembro de 2022).
- Museu de Arte Urbana do Porto (s.d.) *Pantonio*. Museu de Arte Urbana do Porto. Retirado de <https://maup.rio/pantonio/> (Consultado a 4 de novembro de 2022).

Museu do Fado (s.d.) *Maria Alice*. Retirado de <https://www.museudofado.pt/fado/personalidade/maria-alice> (Consultado a 4 de novembro de 2022).

Museu Nacional do Traje (s.d.) *Museu Nacional do Traje*. Retirado de <https://artsandculture.google.com/partner/national-museum-of-costume-in-portugal> (Consultado a 7 de novembro de 2022).

National Geographic (2018) *Bordalo II: O Artista Atrás do Lixo*. Retirado de <https://www.natgeo.pt/one-strange-rock/2018/03/bordalo-ii-o-artista-atras-do-lixo> (Consultado a 28 de novembro de 2022).

Notícias de Loures (2016) *RAF - Rui Alexandre Ferreira*. Retirado de <https://www.noticias-de-loures.pt/noticias/social/raf-rui-alexandre-ferreira=114> (Consultado a 4 de novembro de 2022).

Observatório do Turismo de Lisboa (2019) *Inquérito às Atividades dos Turistas e Informação 2019*. Lisboa: Turismo de Lisboa.

Organização Mundial de Turismo (1999) O Código Mundial de Ética do Turismo. In: 13ª *Assembleia Geral da OMT*. Santiago do Chile: Organização Mundial do Turismo.

Oliveira, S. (2022) *Portugueses OzeArv, Regg e MrKas distinguidos pela Street Art Cities*. Retirado de <https://www.noticiasmagazine.pt/2022/ozearv-regg-e-mrkas-os-portugueses-distinguidos-pela-street-art-cities/historias/272572/> (Consultado a 6 de novembro de 2022).

Orientre (2017) *Cerveja Lince*. Retirado de <https://www.orientre.pt/empresas/cerveja-lince/> (Consultado a 14 de novembro de 2022).

Orientre (2018a) *Manutenção Militar de Lisboa, no Beato*. Retirado de <https://www.orientre.pt/cultura/manutencao-militar-lisboa/> (Consultado a 11 de novembro de 2022).

Orientre (2018b) *Vizinhar com Dick Bachu da Phosphoreira*. Retirado de <https://www.orientre.pt/vizinhos/vizinhar-dick-bachu-da-phosphoreira/#:~:text=A%20Herança%20da%20Phosphoreira%20À%20antiga%20“Companhia%20Portuguesa,mais%20importantes%20unidades%20do%20setor%20a%20nível%20nacional> (Consultado a 14 de novembro de 2022).

Paiva, A. (2021) *Operárias de Xabregas, as mulheres que impulsionaram a proteção da maternidade*. Mais Lisboa NOVA FCSH. Retirado de <https://maislisboa.fcsh.unl.pt/operarias-de-xabregas-as-mulheres-que-impulsionaram-a-protecao-da-maternidade/> (Consultado a 11 de novembro de 2022).

Panda, R. (s.d.) *The Stupid People Project*. Retirado de <https://robertpanda.com/about-2/> (Consultado a 4 de novembro de 2022).

Paróquia de Carnide (2020) *Seminário da Luz*. Retirado de <https://paroquiadecarnide.webnode.pt/igrejas-da-paroquia/seminario-da-luz/> (Consultado a 18 de novembro de 2022).

Paróquia de São Domingos de Benfica (2017) *Igreja Nossa Senhora do Rosário*. Retirado de <http://www.paroquiasaodomingosdebenfica.pt/paroquia/patrimonio/igreja-nossa-senhora-do-rosario:173> (Consultado a 25 de outubro de 2022).

Paróquia de São João Batista (s.d.) *Igreja de São João Batista do Lumiar*. Retirado de <https://pontosj.pt/paroquiadolumiar/igrejas-da-paroquia/> (Consultado a 7 de novembro de 2022).

Passos, M. (2021) *El Tufer One | Street Art*. Tranquilow. Retirado de <https://tranquilow.com/el-tufer-one-street-art/> (Consultado a 4 de novembro de 2022).

- Pereira, N. (1994) Pátios e vilas de Lisboa, 1870-1930: a promoção privada do alojamento operário. *Análise Social*, 24, 127, pp. 509-524.
- Pérez, X. (2009) *Turismo Cultural: Uma Visão Antropológica*. El Sauzal: Asociación Canaria de Antropología.
- PORDATA (2022a) *Tráfego de passageiros nos principais aeroportos: Lisboa, Porto e Faro*. PORDATA Estatísticas sobre Portugal e a Europa. Retirado de <https://www.pordata.pt/portugal/trafego+de+passageiros+nos+principais+aerportos+lisboa++p+orto+e+faro-3248-292100> (Consultado a 12 de outubro de 2022).
- PORDATA (2022b) *Navios de cruzeiro e passageiros transportados*. Retirado de <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela> (Consultado a 12 de outubro de 2022).
- Porto Editora (2022) *Tobis*. Infopédia. Retirado de [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$tobis](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$tobis) (Consultado a 4 de novembro de 2022).
- Projeto E-Carnide (2016a) *Covas de Pão*. Retirado de <https://ecarnide.hypotheses.org/covas-de-pao> (Consultado a 21 de outubro de 2022).
- Projeto E-Carnide (2016b) *Coreto*. Retirado de <https://ecarnide.hypotheses.org/coreto> (Consultado a 21 de outubro de 2022).
- Projeto E-Carnide (2016c) *Quinta dos Azulejos*. Retirado de <https://ecarnide.hypotheses.org/quinta-dos-azulejos> (Consultado a 21 de outubro de 2022).
- Projeto E-Carnide (2016d) *Lavadouro Público*. Retirado de <https://ecarnide.hypotheses.org/lavador-publico> (Consultado a 21 de outubro de 2022).
- Projeto E-Carnide (2016e) *Colégio Militar (Antigo Hospital da Luz)*. Retirado de <https://ecarnide.hypotheses.org/colégio-militar-antigo-hospital-da-luz> (Consultado a 21 de outubro de 2022).
- Quo Vadis (2022a) *Nossa Senhora do Rosário*. Retirado de <https://www.quovadislisboa.com/pt/place/nossa-senhora-do-rosario> (Consultado a 25 de outubro de 2022).
- Quo Vadis (2022b) *Igreja São Bartolomeu (do Beato)*. Retirado de <https://www.quovadislisboa.pt/pt/place/sao-bartolomeu-do-beato> (Consultado a 18 de novembro de 2022).
- RAF ART (2018) *Rui Ferreira a.k.a. RAF*. Retirado de http://www.muworkspace.com/author/admin/raf_about.html (Consultado a 4 de novembro de 2022).
- Ramalho, P. (2001) *O Turismo Cultural e a Revitalização de Centros Históricos – Caso de Estudo: Monsaraz*. Trabalho final de curso não publicado. Estoril: Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.
- Ramírez, J. (2011) *Los Caminos del Patrimonio: Rutas Turísticas e Itinerarios Culturales*. *Pasos*, 9, 2, pp.225-236.
- Real, F. (2018) *O melhor de Alcântara*. Retirado de <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/coisas-para-fazer/o-melhor-de-alcantara> (Consultado a 14 de novembro de 2022).
- Reimão, C. (1996) *A Cultura Enquanto Suporte de Identidade, de Tradição e de Memória*. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, 9, pp. 309-321.

- Relvas, R. (2019) *Lisboa tem mais alojamentos locais por habitante do que Paris, Amesterdão ou Londres*. Retirado de <https://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/lisboa-tem-mais-alojamentos-locais-por-habitante-do-que-paris-amesterdao-ou-londres> (Consultado a 15 de março de 2022).
- Richard, G. (1996) *Cultural Tourism in Europe*. Wallingford: Cab International.
- Richard, G. (2003) What is Cultural Tourism? In: *Van Maaren, A. (ed.) Weesp: National Contact Monumenten*.
- Richards, G. (2021) *Rethinking Tourism*. Cheltenham/ Northampton: Edward Elgar Publishing.
- Sales, C., Calvo, D. (2018). *Guia Metodológico de Apoio à Realização de Entrevistas*. Lisboa: CIES/ ISCTE.
- Santiago, R. (2019) *Talude - uma das maiores obras de arte urbana da Europa tem as cores da CIN*. Retirado de <https://newsroom.lift.com.pt/80390-talude-uma-das-maiores-obras-de-arte-urbana-da-europa-tem-as-cores-da-cin> (Consultado a 4 de novembro de 2022).
- Silva, J. (2020) Capítulo 9: Sob o fumo das chaminés: o grupo desportivo «os fósforos» e o futebol de fábrica (1920-1946). In: *História do Movimento Operário e Conflitos Sociais em Portugal: Congresso História do Trabalho, do Movimento Operário*. Lisboa: Instituto de História Contemporânea, pp. 371-399. Retirado de https://ihc.fctsh.unl.pt/wp-content/uploads/2021/01/Historia-Movimento-Operario_2020.pdf (Consultado a 11 de novembro de 2022).
- Soares, H. (2021) *Flix, um artista em Lisboa com um passaporte muito carimbado*. Retirado de <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/coisas-para-fazer/flix-um-artista-em-lisboa-com-um-passaporte-muito-carimbado> (Consultado a 7 de novembro de 2022).
- Tabata, R. (2003) *Thematic Itineraries: An Approach to Tourism Product Development*. Hawaii: Sea Grant Extension Service, University of Hawaii at Manoa.
- Time Out (2016a) *Quinta das Conchas*, Retirado de <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/atraccoes/quinta-das-conchas> (Consultado a 4 de novembro de 2022).
- Time Out (2016b) *Teatro Ibérico*. Retirado de <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/teatro/teatro-iberico> (Consultado a 16 de novembro de 2022).
- Toselli, C. (2006) Algunas Reflexiones sobre el Turismo Cultural. *Pasos*, 4, 2, pp. 175-182.
- Turismo de Lisboa (s.d.) *Palácio de Xabregas*. Retirado de <https://www.visitlisboa.com/en/places/palacio-de-xabregas> (Consultado a 18 de novembro de 2022).
- Turismo de Lisboa (2021) *Lisboa City Breaks*. Lisboa: Turismo de Lisboa.
- Turismo de Portugal (2013a) *Museu Nacional do Traje*. Retirado de <https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/museu-nacional-do-traje> (Consultado a 7 de novembro de 2022).
- Turismo de Portugal (2013b) *Museu Nacional do Azulejo*. Retirado de <https://www.visitportugal.com/pt-pt/NR/exeres/7452774A-CB17-42AD-855F-0F3384A89508> (Consultado a 28 de novembro de 2022).
- Turismo de Portugal (2022a) *Empreendimentos Turísticos - Oferta*. Retirado de <https://travelbi.turismodeportugal.pt/alojamento/empreendimentos-turisticos-oferta-rnet-registo-nacional-de-empreendimentos-turisticos> (Consultado a 15 de março de 2022).

Turismo de Portugal (2022b) *Parques de Campismo – Caracterização da oferta e procura em Portugal*. Retirado de <https://travelbi.turismodeportugal.pt/alojamento/parques-de-campismo> (Consultado a 15 de março de 2022).

Turismo de Portugal (2022c) *Turismo Industrial*. Retirado de <http://business.turismodeportugal.pt/pt/Conhecer/estrategia-turismo/programas-iniciativas/Paginas/turismo-industrial.aspx> (Consultado a 29 de novembro de 2022).

Universidade Lusófona de Lisboa (s.d.) *Arte Interativa*. Lisboa: Universidade Lusófona de Lisboa. Retirado de <http://notagamelab.ulusofona.pt/flyer.pdf> (Consultado a 6 de novembro de 2022).

Veverka, J. A. (s.d.) *Planning interpretive walking tours for communities and related historic districts*. Retirado de https://www.researchgate.net/publication/237627181_Planning_interpretive_walking_tours_for_communities_and_related_historic_districts (Consultado a 4 de março de 2022).

Widewalls (2014). *Pantonio*. Retirado de <https://www.widewalls.ch/artists/pantonio> (Consultado a 4 de novembro de 2022).

Widewalls (2022). *Felipe Pantone paints the Lisbon's highest mural*. Retirado de <https://www.widewalls.ch/murals/felipe-pantone-chromadynamica-para-lisboa> (Consultado a 4 de novembro de 2022).

World Tourism Organization (2003). *Tourism and Culture*. Retirado de <https://www.unwto.org/es/tourism-and-culture> (Consultado a 23 de fevereiro de 2022).

Zerozero.pt (2022). *Os Fósforos*. Retirado de <https://www.zerozero.pt/equipa.php?id=58089> (Consultado a 14 de novembro de 2022).

Anexos

Anexo 1: Transcrição de Entrevista ao Guia Intérprete Oficial Pedro Vaz

Transcrição da Entrevista – Pedro Vaz

Pedro Vaz – Guia Intérprete Oficial

A entrevista decorreu no dia 21 de junho, às 11:00 horas, em Belém e teve a duração de 33 minutos.

Legenda			
<u>Objetivo 1</u> Saber quais os <i>walking tours</i> que são mais procurados em Lisboa e o porquê.	<u>Objetivo 2</u> Saber por que motivo os guias criam <i>walking tours</i>.	<u>Objetivo 3</u> Conhecer qual o procedimento utilizado na construção de um itinerário.	<u>Objetivo 4</u> Perceber qual a melhor forma de atrair novos visitantes a locais menos conhecidos de Lisboa.

Comentários	Transcrição
<p>Dentro dos tours temáticos destaca os que conseguem incluir vários temas ou combinar o urbano com a natureza.</p> <p>Mostra-se apaixonado pelo que faz e pela área do turismo.</p> <p>Demonstra algum nervosismo na resposta.</p> <p>Destaca como <i>tours</i> temáticos mais procurados em Lisboa a Lisboa dos Espiões, Lisboa dos Assassinatos, Crimes de Lisboa, ou seja, o <i>dark tourism</i>, e <i>tours</i> musicais.</p> <p>Mostra-se hesitante na resposta.</p> <p>Refere ser importante o guia sentir-se à vontade e gostar do tema que aborda.</p>	<p>Entrevistadora (E): Sabemos que atualmente, em Lisboa, existem uma série de percursos pedestres com diversos temas. Na sua opinião qual é o <i>tour</i> mais procurado pelos turistas?</p> <p>Pedro Vaz (PV): A nível de <u>tours temáticos e a pé pela cidade de Lisboa eu fico com a impressão de que os tours com mais êxito são aqueles que conseguem combinar vários temas</u>, apesar de que esses tours à partida são temáticos e dedicados a um tema, há muitos colegas e profissionais de turismo que conseguem combinar várias áreas que até podem parecer opostas, como a militar e religiosa, mas acabam por atrair um público até mais vasto. <u>Ou até alguns passeios que incluam visitas de cidade, urbana, mas também uma parte da visita fora da cidade, mais caminhada, quase um misto de cidade com natureza</u>, digamos assim. E esses passeios, dá-me ideia, conseguem atrair um público muito variado.</p> <p>E: E dentro desses percursos mais temáticos, quais são os que têm maior procura?</p> <p>PV: <u>Dentro dos mais temáticos coisas que saiam assim do comum ou do que estamos mais habituados, por exemplo, a Lisboa dos Espiões, devido ao papel que Portugal e Lisboa tiveram na Segunda Guerra Mundial, ou a Lisboa dos Assassinatos. os Crimes de Lisboa, ao longo dos séculos foram-se cometendo alguns crimes e há algumas histórias... quase que diria arrepiantes. São temas que têm um impacto no público bastante forte</u>, temas que, à partida, podiam ter sido assustadores, acabam por ser os que têm mais atração no público. Para além disso, <u>alguns tours musicais, dedicados à música, dedicados ao fado, acabam por ter uma componente mais lúdica, mais cultural nesse aspeto e realmente há uma infinidade de passeios possíveis e cada guia acaba também por agarrar o que se sente mais à vontade e o que gosta mais de transmitir porque há passeios para todos os gostos. só é preciso um bocadinho de imaginação, fazer uma boa pesquisa e lançar o produto porque eu fico a pensar que realmente público não falta.</u></p> <p>E: O Pedro, há relativamente poucos anos, criou o projeto “Viver Amália”. O que é que o levou a criar este percurso em Lisboa?</p>

Comentários	Transcrição
<p>Dedicou-se ao projeto por ter tido tempo, devido à pandemia, pelo seu amor à fadista e pela falta de oferta desta temática.</p> <p>Fala bastante com as mãos. Demonstra orgulho no projeto, demonstrando a importância do entusiasmo.</p> <p>Outra razão de se ter dedicado ao projeto foi a sua ligação pessoal com a Amália.</p> <p>Acredita que conhecer a Amália, é conhecer parte da história de Portugal.</p> <p>Enfatiza a frase “conhecer a História de Portugal”.</p> <p>O projeto “Viver Amália” está muito direcionado para o público lusófono, mas tem vindo a ser adaptado para outras nacionalidades.</p> <p>Importância da adaptação do tour ao público, tendo em conta a nacionalidade, idade, interesse...</p>	<p>PV: O meu projeto “Viver Amália”, tem a ver com dois aspetos. <u>Primeiro o facto de termos entrado em pandemia</u> que foi uma coisa comum a todo o mundo, enfim, ninguém ficou alheio a estes últimos anos que foram difíceis para muitos, principalmente para a área do turismo, <u>o que me fez ter uma coisa que não tinha antes... tempo. tempo disponível para me dedicar a este projeto.</u> Mas <u>o que realmente me motivou e me levou a pôr este projeto em prática e a caminhar ao som de Amália foi o amor pela Amália</u> porque sou um estudioso que respeita imenso a Amália. <u>Dei-me conta que não havia. em Lisboa. um passeio dedicado à Amália,</u> sendo Lisboa a cidade que a viu nascer, onde viveu toda a sua vida e onde viria a morrer em 1999, com uma carreira de quase 60 anos.</p> <p>E: E tinha muita proximidade também à Amália.</p> <p>PV: Sim, tinha muita proximidade a ela. <u>Tive o privilégio de conviver com ela durante alguns anos o que incentivou também a parte pessoal. o cunho pessoal que teve também uma grande aceitação até porque a vida da Amália acaba por ser também uma boa parte da vida de Portugal.</u> Conhecer a vida da Amália acaba por ser também conhecer a História de Portugal, que foram 100 anos. A Amália passou pela Primeira República, pelo Estado Novo, pela Democracia, portanto há muitos aspetos da vida da Amália que não têm só a ver com a música, mas com o contexto da vida social, económica em que ela nasceu, em que ela viveu e que a consagrou como grande artista mundial.</p> <p>E: E esse tipo de visitas viradas para a Amália acabam por ser mais procuradas pelo público nacional ou com ligações a Portugal do que pelo público estrangeiro?</p> <p>PV: Sim, sim. Como o projeto nasceu durante a pandemia em que o turismo estava congelado, <u>o passeio foi preparado para um público lusófono. não necessariamente português. mas pessoas que dominem minimamente bem o português e estrangeiros que vivam em Portugal há alguns anos</u> e já falavam a nossa língua e tinham um pouco da cultura portuguesa. Agora, neste pós pandemia, em que o turismo já está a regressar, <u>este projeto da Amália já está a expandir-se assim um bocadinho mais... já tive um pedido ou dois para fazer para o público estrangeiro. em inglês, mas teve que ser adaptado o guião para não ser tão... em relação à Amália tem muito a ver com a cultura portuguesa que uma pessoa que não seja portuguesa e não conheça Portugal e as suas histórias. acabam sempre por lhe escapar alguns aspetos demasiado portugueses.</u> Então tive que refazer o guião para torná-lo mais vasto e não ser tão profundo e marcar não só a Amália, mas também a história do fado, a guitarra portuguesa, de forma mais abrangente.</p> <p>E: E sem ser este projeto da Amália, já fez mais algum percurso novo na cidade ou foi a primeira vez?</p> <p>PV: <u>Não. só fiz este.</u> Realmente foi um projeto monotemático porque é completamente dedicado à Amália, nem é ao fado. Ao contrário de alguns colegas meus que tiveram a capacidade de diversificar muito mais, fazer vários passeios a pé dedicados a, por</p>

Comentários	Transcrição
<p>Apenas desenhou o passeio dedicado à Amália, mas não descarta dedicar-se a outro projeto se se sentir confortável.</p> <p>Os temas relacionam-se com os interesses pessoais dos guias.</p> <p>Acredita que as freguesias mais periféricas têm potencialidade para crescer turisticamente.</p> <p>O público procura atividades diferentes e uma Lisboa diferente, autêntica e menos conhecida.</p> <p>Destaca a importância da colaboração com instituições e órgãos como juntas de freguesia.</p> <p>Defende a importância da pesquisa prévia, através de livros e documentos.</p> <p>Prefere que o passeio siga uma ordem cronológica.</p> <p>Elemento diferenciador: seleção de músicas relacionadas com as histórias contadas.</p> <p>Tom de voz assertivo.</p>	<p>exemplo, a presença dos judeus, Lisboa ao longo dos séculos, Lisboa africana, Lisboa do terramoto..., portanto houve colegas que conseguiram diversificar e ter vários projetos. <u>O meu ficou-se pela Amália porque era realmente o que me motivava e onde me sentia confortável... claro que não descarto a possibilidade de, no futuro, fazer outro passeio dedicado a outro tema que tenha interesse</u>, mas por enquanto ainda não aconteceu.</p> <p>E: E pela sua experiência, com o crescimento dos nichos de mercado, acredita que as freguesias ou bairros de Lisboa menos procurados pelos turistas, podem vir a crescer?</p> <p>PV: <u>Eu penso que sim porque as pessoas cada vez mais procuram coisas diferentes, coisas novas. até porque há muitas pessoas que visitam Portugal pela segunda, terceira, quarta vez</u> e que se calhar não procuram tanto ir ao Mosteiro dos Jerónimos ou ao Castelo de São Jorge e <u>querem conhecer uma Lisboa mais autêntica ou menos conhecida</u>. Realmente Lisboa é uma cidade de segredos, de histórias, de recantos, que para nós, lisboetas, ainda nos consegue surpreender quando andamos a deambular, a caminhar pela nossa cidade. Portanto, <u>há uma série de bairros com uma potencialidade enorme</u> como a Madragoa que é um bairro que a nível turístico não se vai tanto... enfim, eu dei este exemplo como poderia dar outro, mas <u>realmente era bom que houvesse uma colaboração com as juntas de freguesia, com as associações culturais, para também fazer uma aproximação com estas identidades que pudesse dar alguma visibilidade ao perceberem que existe no seu bairro um potencial muito grande para serem visitados por nacionais e estrangeiros</u>. Não há bairro que não tenha a sua igreja, ou o seu traço de muralha ou até um restaurante simpático para almoçar, cada bairro tem o seu encanto, a própria cidade e geografia da cidade permitem isso... é muito difícil chegar ao alto de uma colina e não ficarmos deslumbrados com as vistas que a cidade nos oferece.</p> <p>E: O Pedro, ao realizar o projeto Viver Amália, para criar o percurso como é que fez a seleção do que ia falar, dos locais a passar e a visitar?</p> <p>PV: Bom, em primeiro lugar tive que me <u>basear na história da Amália, na sua autobiografia e noutros livros, noutros documentos</u>. Portanto, no fundo é um projeto que <u>segue uma ordem cronológica</u>, desde o dia que a Amália nasceu, aliás, até como contexto histórico ainda vou um bocadinho mais atrás para falar da família dela, dos seus pais, dos seus avós e conhecer um pouco a história da família da Amália até ela chegar ao mundo, que aconteceu em 1920. E a partir daí, o projeto, o passeio vai sendo feito de forma cronológica desde 1920, daí o projeto ter estreado em 2020 que foi o ano do centenário do nascimento, até ao ano da sua morte, em 1999, e até depois porque a história da Amália continua, ela continua a vender discos. Portanto, não acabou em 1999 com a sua morte física. Assim, <u>foi pegar na sua história ao longo dos anos e fazer uma seleção de músicas dela porque este é um tour musical, vamos ouvindo músicas ao longo do percurso que estão relacionadas com aquele momento da vida da Amália que estou a abordar</u>. Levo uma coluna e os caminhantes levam</p>

Comentários	Transcrição
<p>Importância do auricular que permite que todos consigam ouvir o guia.</p> <p>Evita locais com barulho e tem preocupação em atravessar a estrada na passadeira e com o sinal verde.</p> <p>Obrigatoriedade de uma pausa no meio de percurso.</p> <p>Demonstra preocupação com a segurança do público.</p> <p>Atenção reforçada às pessoas seniores e com problemas de mobilidade.</p> <p>O corpo mostra-se relaxado e aberto às perguntas.</p> <p>Tom de voz assertivo que mostra segurança.</p> <p>Importante que antes do passeio se avise os turistas de onde começa e acaba o percurso, quantas hora dura e qual o grau de dificuldade.</p>	<p>auriculares e por isso para além das histórias que vou contando vamos ouvindo a música que tem a ver, justamente, com aquele período da vida dela.</p> <p>E: Na escolha do percurso o Pedro tem atenção a pormenores como a passagem em passadeiras ou os locais onde faz as paragens, por exemplo?</p> <p>PV: <u>Tenho.</u> Tenho, claro que sim! Para já temos a <u>facilidade deste auricular que já permite que mesmo que um cliente esteja um pouco mais afastado, nós com o microfone conseguimos fazer-nos ouvir a uma certa distancia, portanto nunca ficam a perder a informação ou a música.</u> Claro que tento sempre <u>evitar sítios muito barulhentos</u> e depois, claro, tenho essa preocupação porque estamos a atravessar Lisboa quase de uma ponta à outra e <u>é um passeio de 3 horas e meia com uma pausa para café,</u> mas tenho sempre <u>muita atenção em relação às passadeiras, aos semáforos.</u> Se estivesse na minha vida pessoal se calhar ainda tentava num semáforo vermelho uma corridinha, mas com um grupo de 10, 15 ou 20 pessoas atrás, <u>paro imediatamente e esperamos o sinal verde para passar.</u> Ou se parte conseguir atravessar e a outra não, ficamos à espera que o sinal fique verde novamente para que o resto do grupo consiga atravessar. Portanto, há sempre essa preocupação da segurança das pessoas que estamos a acompanhar. Esse aspeto é fundamental até porque a geografia da nossa cidade não é propriamente das mais fáceis, a calçada portuguesa que nem sempre está em boas condições, colinas com ruas extremamente inclinadas e um público que nem sempre... aliás um público de todas as idades. <u>Às vezes temos que ter em conta que há pessoas com mais idade, enfim, nem sempre é a idade, às vezes é a mobilidade.</u></p> <p>E: E como é que se contorna estas situações onde há um percurso longo e alguém com mobilidade reduzida?</p> <p>PV: Para já, um aspeto muito importante é, <u>antes do passeio, ser muito honesto e claro em relação ao sítio onde o passeio começa, onde acaba, quantas horas vai demorar e o grau de dificuldade.</u> São aspetos muito importantes. <u>O grau de dificuldade pode ser muito relativo porque para uma pessoa pode ser muito fácil e para outra difícil, mas é sempre importante avisar que sim,</u> vai haver escadas, sim, vai haver subidas, sim, vai haver descidas, mas é um passeio tranquilo e com várias paragens até porque enquanto estamos a ouvir podemos estar a caminhar, mas por vezes paramos e há a necessidade de nos sentarmos em algum sítio como por exemplo o miradouro de São Pedro de Alcântara por onde o passeio passa. Portanto é preciso avisar as pessoas que... bem, podem encontrar alguma dificuldade e é preciso ser muito claro, objetivo e sincero, no caos eu diria que o percurso tem um grau de dificuldade médio porque realmente não me parece que seja muito difícil, mas já vi pessoas com 80 anos a fazer bem o passeio, pessoas com 30 já com a língua de fora, mas também não digo que seja fácil porque não estamos a andar em linha reta junto ao rio. Portanto diria médio. Mas em relação ao tema da acessibilidade que é um tema que está muito em voga, <u>este não é um passeio, infelizmente, que uma cadeira de rodas possa fazer... a não ser que o passeio depois fosse adaptado, em vez de 3 horas e meia teria duas e os</u></p>

Comentários	Transcrição
<p>Ri-se do próprio comentário.</p> <p>Mostra-se pró-ativo a adaptar o passeio para pessoas em cadeira de rodas, não se reduzindo a negar a participação destas pessoas no passeio.</p> <p>Importância da inovação do tema e da abordagem feita ao mesmo. Se for um tema recorrente, procurar uma abordagem inovadora.</p> <p>Critica subtilmente o “politicamente correto”, ironizando.</p> <p>Menciona a importância das diferentes formas de interpretação do tema e as diferentes perspetivas que podem ser utilizadas-</p> <p>Originalidade do tema.</p> <p>Relevância da inovação e interpretação</p> <p>Crescimento de projetos diferenciadores durante a pandemia. Vários guias fizeram percursos diferentes, principalmente na zona oriental de Lisboa e unindo a cidade à natureza.</p>	<p><u>sítios a visita seriam diferentes. mais na zona baixa de Lisboa. onde o acesso é mais fácil.</u></p> <p>E: Na construção de um <i>walking tour</i> quais são os aspetos que se deve ter atenção para que este tenha sucesso?</p> <p>PV: Bom, em primeiro lugar, o tema. <u>Tem que ser sempre. à partida. um tema que seja atrativo e. de preferência. que não esteja gasto. Se for um tema que já seja recorrente, que tente ter uma abordagem diferente,</u> por exemplo, vamos falar que Lisboa é uma cidade muito ligada ao rio e ao mar e quando pensamos sobre Lisboa em Portugal, lembramo-nos dos Descobrimentos, um passeio dos Descobrimentos à partida... quer dizer agora já parece que não se pode dizer Descobrimentos por causa do politicamente correto, acho que é o Período das Explorações, bom, enfim... mas estamos a falar do Período das Grandes Viagens Marítimas, talvez soe mais politicamente correto e mais suave, mas, por exemplo uma proposta de <i>walking tour</i> em Lisboa das Descobertas Marítimas, à partida pode ser um tema muito batido mas <u>se esse tema for anunciado com uma abordagem completamente nova e uma leitura nova sobre o tema. pode ser muito atrativo porque há sempre muitas formas de interpretação. uma moeda tem sempre duas faces.</u> Eu, por exemplo, se calhar não iria agora num passeio sobre os descobrimentos, mas se me prometessem um passeio sobre o outro lado dos Descobrimentos, ou seja, com o outro nos vê a nós, portugueses, como houve quem fizesse isso... agora não me lembro do autor mas há um livro muito interessante que é sobre as cruzadas vistas pelo outro lado, que é uma visão que nós, o ocidental cristão tem em relação ao mundo mais oriental, islâmico então uma moeda tem sempre dois lados e há sempre abordagens para fazer. <u>Muitos destes passeios têm sucesso porque trazem uma abordagem diferente.</u></p> <p>E: Então diria que é o tema que realmente poderá fazer diferença no itinerário?</p> <p>PV: <u>Sim. o tema e a inovação.</u> O tema e a abordagem ao tema. Mesmo que seja um tema já conhecido, se tiver uma abordagem diferente pode ser muito apelativo para quem conheça o tema ou ache que conhece o tema.</p> <p>E: O Pedro disse há pouco que, sem ser o projeto Viver Amália, nunca tinha realizado nenhum itinerário fora do comum, mas o Pedro também trabalha como guia. Enquanto guia já participou em algum itinerário fora das freguesias mais turísticas, mas dentro da cidade de Lisboa?</p> <p>PV: <u>Sim. fiz alguns agora no tempo da pandemia. Houve vários colegas. guias intérpretes que lançaram também projetos e eu fui. fiz vários, dentro e fora de Lisboa, em bairros que realmente não são tão visitados turisticamente. como a zona oriental da cidade,</u> como Marvila, Beato, Xabregas... assim à partida aquela zona até parece um pouco caótica, industrial, com pouco interesse, mas pelo contrário, é uma zona com um potencial imenso, muito ligada à história de Lisboa, a parte industrial, mas não só, a parte agrícola, as quintas, uma parte rural ligada ao industrial. É uma zona quase arqueológica com os vestígios daqueles depósitos de gasóleo, fuel, que depois deram origem à Expo e tudo isso tem interesse industrial e arqueológico e são bairros que à</p>

Comentários	Transcrição
<p>Importância da complementaridade do património.</p> <p>Dá alguns exemplos de passeios que fez.</p> <p>Destaca o público que vive em Portugal, principalmente devido à situação pandémica que se vivia que não permitia as viagens para o estrangeiro.</p> <p>Aderência do público português e procura por conhecer facetas novas da cidade.</p> <p>Acredita que os itinerários poderão ser uma boa estratégia de desenvolvimento turístico, mas está dependente da vontade política (ligação do turismo à política). Defende que quem cria os itinerários os deve propor às juntas de freguesia e não o contrário.</p> <p>Termina a frase a rir-se, podendo estar, de certa forma, a criticar as instituições.</p>	<p>partida não vamos com um grupo de turistas. Até porque às vezes é preciso pular o muro ou passar por cima de uma cerca e andar quase em cima do arame farpado, quase a roçar o ilegal. Também tem muito a arte urbana, a <i>street art</i>, mais <i>underground</i>, tem belíssimos exemplos de arte urbana e há colegas a fazer isso mesmo. E depois é aquele <i>mix</i> de cidade com um bocadinho mais de campo, de caminhada. Por exemplo esta zona ocidental, como aqui Belém, que confina com a zona de Algés, que é mesmo no limite de Lisboa, e depois temos Caxias que tem ali uma zona verde e património, por isso dá para fazer um <i>mix</i> de cidade urbana a pé com a parte mais de natureza, de caminhada, dois em um. E é uma coisa que vi muitos colegas fazer com êxito.</p> <p>E: E estas visitas que acompanhou foi tudo durante a pandemia? PV: Sim, tudo durante a pandemia.</p> <p>E: Portanto, o público acabou por ser mais nacional? PV: <u>Sim, só nacional ou, como disse ao princípio, alguns estrangeiros, mas que já vivem cá e falam português ou entendem minimamente português.</u> Especialmente na pandemia, que não havia turismo, foi tudo desenhado para um público português.</p> <p>E: E houve aderência por parte dos portugueses? PV: <u>Houve muita aderência até porque estava tudo ansioso para sair de casa e fazer coisas.</u> Quando estávamos em confinamento total percebia-se que as pessoas queriam aproveitar, sair e fazer atividades. O comentário que as pessoas também faziam é que achavam que conheciam Lisboa e depois vêm descobrir sítios que nem sequer sonhavam que existiam.</p> <p>E: Nesse caso, acredita que estes itinerários em freguesias que, à partida, não são tão procuradas para turismo, podiam ser uma alavanca para que as freguesias melhorassem a sua oferta e procura turística? PV: <u>Ah, sim, claro que sim! Mas isto aqui já passa um bocadinho também pelo aspeto que eu já não sei se sei abordar muito bem, que é a vontade política.</u> Tudo o que passa por juntas de freguesia, câmaras municipais, tem os seus pelouros de cultura e nós, enquanto cidadãos, de dentro ou fora da cidade, temos acesso ao presidente da câmara, à assembleia municipal, junta de freguesia, pelouro da cultura, não podemos estar à espera que sejam eles a vir ter connosco. <u>Temos que ser nós a aproximar-nos, a apresentar propostas e esperar por uma resposta que seja positiva, mas acho que somos nós que temos que avançar nesse sentido e não ficar à espera que aconteça, senão o mais certo é não acontecer.</u></p> <p>E: Tem algum conselho que gostaria de deixar para quem quiser criar itinerários temáticos em Lisboa? PV: Bom, assim conselhos, conselhos, em primeiro lugar... <u>escolher realmente um bairro, estamos a falar de passeios a pé, portanto a área abrangente não poderá ser assim de quilómetros.</u> Primeiramente <u>conhecer muito bem o bairro, cada esquina, cada</u></p>

Comentários	Transcrição
<p>Defende que para o itinerário ficar bem construído é importante definir o bairro e conhecê-lo bastante bem, e que se goste do tema que se está a trabalhar.</p> <p>Dá exemplo para ilustrar a sua opinião.</p> <p>Demonstra, novamente, muita paixão pelo seu projeto.</p> <p>Importância do entusiasmo e da paixão.</p> <p>Importância de definir um número mínimo e máximo de pessoas (entre 5 e 20).</p> <p>Fulcral definir uma hora de encontro e informar sobre a duração do tour e se este é circular ou não.</p> <p>Deixar estabelecida uma paragem num local pré-estabelecido que saiba que tem locais abertos para ir à casa de banho, tomar um café...</p>	<p><u>cantinho do bairro. a sua história. as suas origens e para isso é preciso documentar-se o máximo possível para conhecer-se o bairro e os seus habitantes.</u> E depois, dentro do bairro, sempre que possível, <u>dedicar-se a um tema que se goste muito. a que a pessoa tenha uma certa paixão.</u> Por exemplo, já há muitas pessoas peritas em azulejos, mas deve haver bairros com mais azulejos que outros e <u>podem fazer um passeio sobre a história dos azulejos naquele bairro. mas talvez sempre misturado com outros aspetos também.</u> Portanto, um tema de que se goste. No meu caso resultou porque eu estava a fazer uma coisa realmente muito especial, a minha paixão acabava por ser transmitida e as pessoas viam isso. <u>O meu conselho é só esse. conhecer muito bem o território e dentro desse território tentar procurar aspetos. coisas que digam realmente bastante à pessoa que está a fazer e transmitir com conhecimento e paixão.</u></p> <p>E: E o que aconselharia para fazer a apresentação do percurso?</p> <p>PV: <u>Primeiro apresentar com antecedência para as pessoas poderem ver. é preciso também pensar quantas pessoas é que podem acompanhar o passeio. ou seja, normalmente deve haver um mínimo e um máximo de pessoas.</u> Ter, por exemplo, um mínimo de cinco pessoas para que compense fazer o passeio, apesar de que se eu tivesse quatro faria à mesma, não é por causa de uma pessoa que não vem que iria desapontar aqueles quatro..., mas pronto, à partida deveria haver sempre um número mínimo de pessoas para o passeio se realizar, mas também um número máximo. <u>Para os passeios a pé não me parece muito vantajoso fazer com 40 ou 50 pessoas,</u> porque se perde um bocadinho o contacto humano com as pessoas, é mais difícil de controlar nas ruas de Lisboa, aquele pormenor que falamos dos sinais de trânsito e passeadeiras, com 50 pessoas há sempre metade do grupo que fica para trás e fica sempre caótico... <u>eu diria que um número máximo ideal andaria por volta dos 20. 20 pessoas um bocadinho já no limite,</u> não quer dizer que não se faça com 25 mas pronto, para criar aquele ambiente de harmonia.</p> <p>Depois seria <u>importante marcar uma hora específica. ver se compensa mais fazer de manhã ou à tarde,</u> tendo em conta o bairro onde se vai realizar a ação, por exemplo se houver um monumento ou um segredo, às vezes nestes bairros há sempre uma senhora ou um senhor que tem a chave de um sítio que vem abrir para ver uma coisa especial, como um poço ou uma cisterna, por isso é importante ver se a chave está disponível de manhã ou se só pode ser à tarde. <u>Portanto é importante definir a hora. a duração do tour,</u> duas, três, quatro horas... se calhar convém que também não seja exaustivo porque a partir de duas horas e meia, três, acaba-se por notar um certo cansaço. E <u>é preciso incluir sempre uma pausa a meio. num sítio que já esteia mais ou menos previsto. convém saber se vai estar aberto naquele dia para as pessoas tomarem um café.</u> E depois é <u>importante saber o final do percurso que pode ser rotativo ou não. podemos terminar no sítio onde começámos. pode ser muito vantajoso para quem vem de fora e traz o carro. ou não e terminar na outra ponta da cidade o que não é vantajoso para quem traga carro.</u> Os <u>fins-de-semana costumam ser sempre mais favoráveis porque a maioria das pessoas não trabalha. se bem que durante a semana também se pode fazê-lo.</u> Portanto são estes aspetos assim um bocadinho mais técnicos para ter em conta.</p>

Comentários	Transcrição
<p>Dá uma série de exemplos de coisas a ter em conta no que diz respeito aos aspetos técnicos dos itinerários.</p> <p>Importância de gostar do que se está a fazer e do entusiasmo.</p> <p>Ri-se quando diz que nem sempre vai bem-disposto para os passeios.</p> <p>Ter empenho, paixão e satisfação ao longo das várias etapas de criação do itinerário.</p>	<p>E: Para terminar, há alguma coisa que gostasse de acrescentar, que ache importante?</p> <p>PV: <u>Acima de tudo. façamos o que fizemos nesta área. independentemente do tema, independentemente duração ou da cidade. é preciso fazer com paixão e com entusiasmo e acho que essa é a chave.</u> Não há segredos, não há fórmulas mágicas, mas é importante gostar do que se está a fazer porque estes projetos acabam por ser muito pessoais. Numa visita aos Jerónimos ou à Pena, não quer dizer que não vá com entusiasmo... às vezes não vou, mas tem que parecer, naquele dia posso não estar muito inspirado, mas o cliente não tem que notar isso e não tem culpa, mas <u>nestes projetos mais pessoais. quando é uma criação nossa. acho que a paixão e conhecimento sobre o tema têm que ficar cada vez mais patentes e mais visíveis.</u> E que quem cria mostre que teve <u>empenho. paixão e satisfação a criar e apresentar o percurso,</u> tanto como quem está ali a ouvir.</p> <p>E: Muito obrigado, Pedro.</p> <p>PV: Obrigado Daniela, foi um prazer, gostei muito.</p>

Anexo 2: Transcrição da entrevista com Fábio Sousa, Presidente da Junta de Freguesia de Carnide

Transcrição da Entrevista – Fábio Sousa

Fábio Sousa – Presidente na Junta de Freguesia de Carnide

A entrevista decorreu no dia 9 de agosto, às 11 horas, em Carnide, e teve a duração de 18 minutos.

Legenda		
<u>Objetivo 1</u> Saber qual é a importância turística da freguesia e o que tem para oferecer.	<u>Objetivo 2</u> Perceber o que pensam do desenvolvimento turístico da freguesia.	<u>Objetivo 3</u> Conhecer as estratégias utilizadas para atrair visitantes à freguesia

Comentários	Transcrição
<p>Afirma que não é uma zona com muita procura turística, mas que a mesma tem vindo a aumentar, tendo como principais atrações o centro histórico, a gastronomia e a arte urbana no Bairro Padre Cruz.</p> <p>O tom de voz mostra carinho pela freguesia.</p> <p>Fala com as mãos.</p> <p>Importância da Feira da Luz para o desenvolvimento turístico, económico e cultural da freguesia.</p> <p>Forte componente religiosa, cultural e artesanal.</p> <p>Tom de voz calmo e ponderado, não se mostra nervoso.</p>	<p>Entrevistadora (E): Atualmente, freguesia de Carnide tem alguma procura turística?</p> <p>Fábio Sousa (FS): A freguesia de Carnide, é uma freguesia muito especial, de facto <u>não é das zonas mais turísticas da cidade de Lisboa</u>, portanto temos de ser sinceros. <u>Mas já começa a ser muito procurada porque acaba por vir em alguns quias turísticos. muito o centro histórico de Carnide pela sua relevância histórica. mas também pela gastronomia</u>, ou seja, os restaurantes de Carnide são muito conhecidos. Também <u>a arte urbana no bairro Padre Cruz é muito apreciada</u>, até há movimentos de artistas de rua que vêm de fora para vir pintar ao bairro Padre Cruz, portanto, acabamos por ter assim algumas atrações muito relacionadas com <u>o centro histórico de Carnide e o bairro Padre Cruz. acabam por de ser os focos maior interesse e atração turística.</u></p> <p>E: Para além do que já referiu da restauração e do bairro, que outras potencialidades acha que a freguesia poderia ter?</p> <p>FS: Pois <u>há aqui um potencial gigante</u>, mesmo estas <u>atividades de feira</u> que vamos ter muito em breve, mês de setembro, <u>Carnide tem uma feira que é a Feira da Luz que é muito conhecida. e que aí sentimos muito um espaço. um território e um conjunto de dinâmicas de atração turística também. nomeadamente a Feira da Luz.</u> Lembro-me por exemplo que em março, mais ou menos fevereiro, estamos a receber e-mails e pedidos de informação de pessoas que querem saber se há feira, se não há feira, quando é que há feira porque querem marcar as suas férias e querem marcar a vinda a Lisboa numa altura em que a feira esteja a decorrer. Pronto, ela <u>é uma feira com muita história porque tem mais de quinhentos anos</u> e, portanto, é muito por aí. <u>Uma das grandes atrações desta Feira da Luz é o artesanato</u>, nós depois vamos realizando assim umas pequeninas feiras também de artesanato ao longo do ano, mas o setembro é assim a grande atração porque tem uma <u>componente muito religiosa e também muito ligada ao artesanato e à cultura local.</u></p> <p>E: A nível de património, que tipo de atrações é que a freguesia tem que possa atrair o público?</p>

Comentários	Transcrição
<p>Reforça a importância do património religioso, da Feira da Luz e do centro histórico.</p> <p>Destaca a atividades dinamizadas nos Santos Populares e possibilidade da criação da nova Feira Popular de Lisboa em Carnide.</p> <p>Demonstra que o turismo é uma preocupação para a freguesia, mas que não procuram que seja um turismo de massas que descaracterize o local. Enfatiza as palavras “boom” e “descaracterizar”, tentando deixar claro que não é esse o objetivo da junta de freguesia.</p> <p>Ri-se quando diz que tem tentado. As principais estratégias de dinamização passam pelo investimento e dinamização de atividades. Mostra a necessidade de manter as tradições e não descaracterizar a freguesia. Importância da promoção das atividades e dos restaurantes, nomeadamente através de redes sociais e de agências de viagem.</p> <p>Evita o olhar direto, mostrando-se nervoso.</p> <p>O financiamento no turismo vem totalmente da junta de freguesia.</p>	<p>FS: Nós temos, mesmo <u>na componente religiosa há um conjunto de equipamentos que são muito bonitos de visitar</u>, a <u>própria Feira da Luz</u> que também é uma referência na cidade e no país, <u>o centro histórico de Carnide porque é assim uma verdadeira aldeia dentro da cidade</u>, portanto, onde toda a gente se conhece, com muito enfoque naquilo que são <u>os Santos Populares que são dinamizados ali e vem gente de todo o lado para assistir aos Santos Populares de Carnide</u>. Há assim vários equipamentos, ainda está em estudo, ainda não está completamente fechado a <u>vinda, eventualmente, da Feira Popular de Lisboa para este território</u>, porque de facto o presidente da câmara agora, pensa que aquele espaço pode ser um espaço diferente, mas ainda assim, sendo um espaço diferente e que não seja uma típica feira popular, pode ser um equipamento de atração turística. Mesmo não sendo uma feira popular como nós a conhecíamos.</p> <p>E: Neste momento, o dinamismo e o aumento da procura turística seria uma preocupação para a junta?</p> <p>FS: <u>Sim, nós gostávamos obviamente que quando investimos no território, quando dinamizamos este conjunto de atividades e iniciativas é obviamente para aumentar e despertar o interesse das pessoas</u>, portanto, para nós <u>não nos faz sentido que seja um grande boom e que venha descaracterizar este território, mas faz no sentido que o turismo possa ser um grande polo de atração e uma forma de dinamizar a economia local e de promover também a freguesia.</u></p> <p>E: Tem posto em prática algumas estratégias específicas?</p> <p>FS: <u>Temos tentado</u>, mas está muito <u>relacionado com esta questão no investimento e na dinamização de atividades</u>, no fundo <u>inovando a cada uma das atividades</u>, por exemplo na Feira da Luz, mas mantendo sempre aqui a tradição, ou seja, de facto <u>há uma aposta muito grande do ponto de vista cultural na feira, mas depois há um conjunto de comércio e de artesanato (etc..) que se mantém fiel há muitos</u>, muitos anos. Há famílias que vendem, e comercializam e dão vida à feira da Luz há 20/30 anos, passa quase de pais para filhos. Portanto a estratégia tem sido muito essa, ou seja, <u>promover um bocadinho daquilo que aqui se faz, também apoiar os restaurantes locais no ponto de vista da divulgação, tentando estar presente também em alguns meios de comunicação social, promovendo também em algumas agências de viagem, tentando colocar a freguesia no mapa dos itinerários a explorar</u>, como de facto é o que eu costumo dizer que isto é uma <u>verdadeira aldeia dentro da cidade de Lisboa</u> e é uma pena quem venha visitar-nos não veja o que aqui se vive e o que aqui se sente, acho que é uma perda.</p> <p>E: Falou há pouco do investimento no turismo, estão a utilizar alguma linha de financiamento, do PRR, por exemplo.</p> <p>FS: Por acaso não, <u>é financiamento da freguesia</u>. O PRR para as freguesias só abriu muito recentemente, neste momento não estamos a utilizar, mas estamos atentos</p>

Comentários	Transcrição
<p>Possuem um roteiro livre de arte urbana e visitas guiadas no Bairro Padre Cruz.</p> <p>Pretendem a criação de um roteiro com o enquadramento histórico da freguesia.</p> <p>Possuem algumas visitas temáticas ao centro histórico e a conventos da freguesia.</p> <p>Demonstra conhecimento sobre as atividades na freguesia.</p> <p>Têm itinerários temáticos, mas não generalistas.</p> <p>Visitas guiadas promovidas e elaborados por membros da junta ou por terceiros, mas de forma articulada com a Junta de Freguesia.</p> <p>Para além de dinamizar o turismo, as visitas ao Bairro Padre Cruz, serviram de estratégia para dinamizar as comunidades que ali vivem e de proporcionarem a criação de ligações com os turistas.</p>	<p>E: Durante o seu percurso aqui na junta, já foi alguma vez elaborado algum itinerário, alguma dinâmica nesse sentido aqui na freguesia?</p> <p>FS: <u>Quer dizer, nós temos um roteiro de arte urbana no bairro Padre Cruz em que as pessoas podem, a partir desse roteiro, visitar as obras sozinhas sem qualquer tipo de acompanhamento.</u> Mas <u>também temos visitas guiadas,</u> portanto, para ser mais fácil até porque há algumas curiosidades sobre o festival que as pessoas gostam de ter uma ideia, portanto <u>o Bairro Padre Cruz e a freguesia de Carnide foram o palco do primeiro festival internacional de arte urbana que se realizou na cidade de Lisboa,</u> e que, portanto, acabou por ser um marco, sendo o primeiro, agora já se realizaram outros. Teve um bocadinho mais parado pela questão do COVID, mas já se realizaram outros festivais na cidade, noutros pontos da cidade, mas aqui de facto foi o primeiro, foi assim a rampa de lançamento. E, portanto, o que temos é de facto alguns, temos esse roteiro de arte urbana e agora <u>ainda não temos e é uma pena, um roteiro do enquadramento histórico do centro histórico de Carnide, o que temos é organização de visitas temáticas, portanto não só os conventos, mas também ao próprio centro histórico,</u> pronto onde são apresentados todos os achados, onde é contada também um bocadinho a história da freguesia, dos achados arqueológicos, pronto um bocadinho nesse sentido. Mas não, ainda não temos nenhum roteiro, pelo menos para essa zona histórica da freguesia</p> <p>E: E essas visitas guiadas, por exemplo ao bairro Padre Cruz, são mesmo da junta ou são agências de viagem?</p> <p>FS: <u>Temos dois modelos, temos um proporcionado pela junta com trabalhadores da junta,</u> pronto até quem tem estado a gerir essa questão é a Rosário Coutinho que está ligada à biblioteca do bairro Padre Cruz, apesar de termos outros guias, outras pessoas que estão formadas também para o poderem fazer. Mas ela acaba por ser assim a mais ativa e <u>depois temos também outros parceiros que fazem as visitas, de forma organizada muitas vezes articulada connosco,</u> até para nós também promovermos e encaminharmos grupos. Mas temos os dois modelos, sim.</p> <p>E: E destas organizadas pela junta, alguma relação que tenham retirado, se funciona bem, se não funciona?</p> <p>FS: Sim funciona muito bem, mesmo tanto as da junta como as dos parceiros, <u>tem sido giro porque as pessoas chegam e percebem que aquele é um projeto de arte urbana, mas é mais do que isso.</u> E nos também <u>tentamos apresentar isto como um modelo de mudança das comunidades, portanto o bairro Padre Cruz é um bairro de habitação social,</u> de habitação pública e naturalmente como bairro de habitação pública/bairro social tem os seus desafios. <u>Portanto, aquele projeto é um projeto de intervenção de arte urbana que ainda por cima é visitável, portanto uma grande galeria de arte urbana a céu aberto pode transformar as comunidades.</u> A determinada altura nós colocamos essa questão no setor turístico e aquilo que dizemos é que <u>para além de ser um grande projeto de arte urbana, onde pintaram os melhores artistas de arte urbana do país e do mundo, é também um projeto de desenvolvimento comunitário/desenvolvimento da comunidade.</u> Porque aquilo devolveu o sentimento</p>

Comentários	Transcrição
<p>Mostra-se orgulhoso do projeto e dos resultados do mesmo.</p> <p>Carnide tem sido maioritariamente procurada por turistas nacionais, mas durante o Festival de Arte Urbana tiveram bastantes turistas estrangeiros. O Centro Comercial Colombo costuma ser o único equipamento da freguesia que é procurado por estrangeiros.</p> <p>Apesar de poucos, alguns estrangeiros passam por Carnide, principalmente na rota de Arte Urbana com os <i>tuktuk</i>.</p> <p>Acredita que os itinerários são promissores para a freguesia, tanto para atrair novos visitantes como para criar o sentido de união pelos habitantes.</p>	<p>de pertença ao bairro, o sentimento de autoestima, porque os artistas foram escolhidos pelas pessoas, foram acolhidos, foram acompanhados, as pessoas foram envolvidas no projeto daquilo que se ia pintar, em determinados locais as pessoas criaram jardins de proximidade também, portanto, com a nossa ajuda. <u>Foi muito engraçado porque de facto aquele projeto permitiu mudar aquele bairro e na nossa opinião, mudar para melhor.</u></p> <p>E: E estas visitas têm tido mais procura do público nacional, estrangeiro?</p> <p>FS: <u>Mais nacional,</u> mais nacional. Claro no festival foi muito giro, muito interessante, lembro-me de uma manha em que de facto foi mais ou menos quando nos caiu a ficha, quando percebermos a dimensão do que estávamos a fazer. Porquê? Porque o festival estava a desenrolar-se e lembro-me de uma manhã de sábado por exemplo, em que chegaram três autocarros cheios de turistas, não é, que vieram visitar, <u>as próprias agências de viagem aproveitaram do festival estar-se a desenvolver</u> e eram um conjunto de pessoas. E foi super engraçado, porque de facto, aquele bairro, a freguesia não está no circuito turístico da cidade, <u>ok o Colombo acaba por ser muito visitado porque é um dos maiores centros comerciais da Europa,</u> portanto é perfeitamente normal que uma pessoa que venha, que o turista que venha a Lisboa queira visitar o centro comercial Colombo. <u>Mas de resto não havia assim nenhuma atração e de facto foi bom, mas atualmente eu sinto que o público é mais nacional.</u></p> <p>E: Mas com algum estrangeiro misturado, certo?</p> <p>FS: <u>Sim com algum estrangeiro,</u> sim. De volta e meia lá se vê os <i>tuktuks</i>, porque eles vendem um produto que nos parece interessante, que é um <u>guia de arte urbana pela cidade, onde de facto passa também por Carnide</u> e, portanto, acho interessante também nessa perspetiva, é um projeto e um produto diferenciador, não há muito que se faça e <u>de facto eles não se concentram só aqui como vêm cá também,</u> portanto acho isso interessante.</p> <p>E: Acredita que estes itinerários temáticos podiam ser um produto, turístico que favorecesse a freguesia e que contribuísse para a proteção e inovação das infraestruturas de uma forma sustentável sempre?</p> <p>FS: <u>Claro, sim esse é o nosso grande objetivo e a nossa grande ambição,</u> por um lado <u>fazer com que todos os que aqui vivem, estudam e trabalham se sintam bem,</u> se sintam orgulhosos e gostem daqui viver, e por outro <u>que a freguesia possa ser visitada, possa ser acarinhada também e possa ser também uma montra daquilo que é o nosso país,</u> um bocado por ai, portanto essa é uma das nossas grandes ambições e sempre que temos estas dinâmicas tentamos vindas <u>até mesmo que não seja iniciativa da junta mas que seja iniciativa de outros, tentamos sempre apoiar e faz-nos todo o sentido.</u></p> <p>E: Para terminar, há alguma coisa que gostaria de acrescentar sobre a freguesia, sobre o património, que acha que não tenha sido mencionado e que poderia ser importante?</p>

Comentários	Transcrição
<p>Demonstra que valoriza o crescimento turístico na freguesia, apoiando terceiros.</p> <p>Mostra, novamente, bastante carinho e preocupação pela freguesia.</p>	<p>FS: Primeiro só agradecer pelo trabalho que está a desenvolver e o interesse também manifestado pela freguesia de Carnide. E pronto, convidar todos aqueles que queiram sentir a aldeia dentro da cidade que nos possam visitar, porque eu acho que é isso, é uma freguesia muito natural, muito simpática que sabe receber, que sabe acolher e que é assim uma freguesia que luta todos os dias por oferecer melhores condições a quem cá vive, mas também a quem visita, e acho que é por aí. Deixar assim aqui o desafio, é um bocado por aí.</p> <p>E: Obrigado Dr. Fábio.</p> <p>FS: Obrigado eu.</p>

Anexo 3: Análise Individual da Entrevista a Pedro Vaz – Guia Intérprete Oficial

Objetivo 1 - Saber quais os *walking tours* que são mais procurados em Lisboa e o porquê.

O entrevistado acredita que os *walking tours* mais procurados em Lisboa são os que conseguem combinar várias temáticas, tornando-se atrativos para um maior número de pessoas, como é exemplo os passeios que combinam a cidade com a natureza.

No que diz respeito aos *walking tours* temáticos, Pedro, destaca temáticas relacionadas com o *dark tourism*, como é exemplo a Lisboa dos Espiões, a Lisboa dos Assassinatos e os Crimes de Lisboa. Para além dos referidos, o guia admite que também os tours musicais têm uma procura significativa.

Objetivo 2- Saber por que motivo os guias criam *walking tours*.

Pedro Vaz criou um novo *walking tour* na cidade de Lisboa, o projeto Viver Amália. O guia admite que o principal impulsionador desta criação foi a pandemia da Covid-19 que, devido ao isolamento, permitiu que tivesse tempo para se dedicar a este projeto (“Primeiro o facto de termos entrado em pandemia”).

No que diz respeito à temática escolhida, Pedro acredita que a falta de oferta do tema na cidade (“Dei-me conta que não havia, em Lisboa, um passeio dedicado à Amália”) e a paixão e conhecimento que detém por Amália (“o que realmente me motivou e me levou a pôr este projeto em prática e a caminhar ao som de Amália foi o amor pela Amália”) foram as razões que o levaram a criar o passeio.

Objetivo 3- Conhecer o procedimento utilizado na construção de um itinerário.

Durante o processo de conceção do itinerário, o guia, começa por fazer uma pesquisa em livros e documentos para ficar a conhecer mais sobre a história da fadista e os locais que estão relacionados com a sua vida. Depois de fazer a seleção dos locais a visitar, delimitando os bairros que quer visitar, delinea o percurso por ordem cronológica dos acontecimentos e seleciona as músicas que estão relacionadas com os locais e momentos abordados ao longo da visita. Antes deste processo, ao selecionar a temática, deve-se ter em atenção a oferta já existente e o carácter inovativo do passeio.

No que diz respeito à segurança nos passeios, o guia, tenta ter cuidado com os locais onde atravessa a estrada, os locais onde para, por exemplo, se é um local com pouco barulho, e faz sempre uma pausa técnica a meio da visita.

Para fornecer todas as informações aos clientes, Pedro acredita que, previamente, se deve informar os turistas sobre o local e de início e fim do percurso, as horas de início e duração da visita e o grau de dificuldade da mesma.

Para conseguir organizar melhor a visita e o percurso, o entrevistado seleciona o número mínimo e máximo de participantes, sendo o número ideal o de 20 turistas.

Objetivo 4- Perceber qual a melhor forma de atrair novos visitantes a locais menos conhecidos de Lisboa.

No que diz respeito ao quarto objetivo, o guia acredita que o crescimento dos nichos de mercado pode vir a ser benéfico para o aumento da procura turística em freguesias menos procuradas em Lisboa. Uma vez que as pessoas tendem a procurar coisas, atividades e locais diferentes, principalmente quando já não é a primeira vez na cidade, os bairros e freguesias mais periféricos podem vir a ser um bom atrativo. Pedro defende ainda que o incentivo deverá partir da colaboração com juntas de freguesia ou associações culturais que promovam uma maior visibilidade do que têm para oferecer na freguesia.

Apesar de nunca ter criado nenhum percurso fora do centro histórico de Lisboa, durante a pandemia derivada da Covid-19, Pedro aceitou o convite de alguns colegas de profissão e acompanhou visitas em bairros não tão turísticos, como é exemplo a zona Oriental de Lisboa. Nos passeios em que esteve presente o turista era maioritariamente português, com a exceção de estrangeiros que já vivem em Portugal há alguns anos e entendem a língua e a cultura.

Pedro Vaz acrescenta que os itinerários temáticos poderão ser um atrativo para as freguesias menos turísticas, mas que para que a estratégia funcione, deverá existir um contacto próximo com as juntas de freguesia e instituições que se poderão relacionar com o projeto.

Anexo 4: Análise Individual da Entrevista a Fábio Sousa – Presidente da Junta de Freguesia de Carnide

Objetivo 1 - Saber qual é a importância turística da freguesia e o que tem para oferecer.

Fábio Sousa admite que, apesar de não ter uma relevância turística significativa, a procura turística pela freguesia de Carnide tem vindo a aumentar devido ao valor histórico e gastronómico da freguesia (“já começa a ser muito procurada porque acaba por vir em alguns guias turísticos, muito o centro histórico de Carnide pela sua relevância histórica, mas também pela gastronomia”).

Considerado a freguesia como “uma aldeia dentro da cidade”, destaca como locais de maior interesse o centro histórico de Carnide e o Bairro Padre Cruz, conhecido por ser uma galeria de arte urbana a céu aberto (“o centro histórico de Carnide e o bairro Padre Cruz, acabam por de ser os focos maior interesse e atração”).

No que diz respeito a eventos e festas, a Feira da Luz apresenta-se como um dos principais motivos de reconhecimento da freguesia devido ao seu carácter religioso, artesanal, cultural e histórico (“Carnide tem uma feira que é a Feira da Luz que é muito conhecida, e que aí sentimos muito um espaço, um território e um conjunto de dinâmicas de atração turística também, nomeadamente a Feira da Luz”). Para além da Feira da Luz também os Santos Populares e a possível construção da Feira Popular de Lisboa em Carnide podem vir a ser focos de atração para a freguesia.

Dentro do turismo ligado ao comércio, Fábio destaca o Centro Comercial Colombo como uma das atrações mais visitadas da freguesia por ser um dos maiores centros comerciais da Europa (“o Colombo acaba por ser muito visitado porque é um dos maiores centros comerciais da Europa”).

Objetivo 2- Perceber o que pensam do desenvolvimento turístico da freguesia.

Fábio demonstra que o aumento do turismo é, de facto, uma preocupação para a junta freguesia, mas deixando claro que procura um turismo que dinamize e promova a freguesia e não um que a descaracterize, pretendendo um turismo sustentável.

Apesar de não estarem a usufruir nenhuma linha de financiamento, a junta de freguesia utiliza recursos próprios para investir no turismo, tanto diretamente como através do apoios e promoção de terceiros (“é financiamento da freguesia”).

Objetivo 3- Conhecer as estratégias utilizadas para atrair visitantes à freguesia.

A junta de freguesia tem posto em prática uma série de estratégias que têm como objetivo a atração de novos turistas à freguesia.

Uma das principais estratégias é a inovação de atividades existentes na freguesia, nomeadamente durante a Feira da Luz, o investimento e promoção de restaurantes locais, a presença da junta em plataformas digitais que permitam a divulgação do que a freguesia tem para oferecer e a promoção da freguesia junto das agências de viagem, com o objetivo de colocar Carnide no mapa dos itinerários turísticos de Lisboa.

Uma das atrações mais concorridas da freguesia é a galeria aberta de arte urbana no Bairro Padre Cruz. O facto de a procura turística neste bairro ter aumentado levou ao desenvolvimento do sentido de comunidades dos habitantes do mesmo, uma vez que levou ao sentimento de união, de partilha através da tomada de decisões por parte dos habitantes e até da criação de jardins de proximidade (“aquilo devolveu o sentimento de pertença ao bairro, o sentimento de autoestima, porque os artistas foram escolhidos pelas pessoas, foram acolhidos, foram acompanhados, as pessoas foram envolvidas no projeto daquilo que se ia pintar, em determinados locais as pessoas criaram jardins de proximidade também, portanto, com a nossa ajuda”). Desta forma, o aumento do turismo, levou não só ao aumento do comércio, mas foi também algo positivo para o espectro social da freguesia.

Atualmente, no Bairro Padre Cruz, existem algumas visitas livres baseadas no Roteiro de Arte Urbana no Bairro Padre Cruz, e visitas guiadas organizadas tanto pela junta de freguesia como por terceiros.

Apesar da existência deste roteiro de arte urbana, Fábio, refere que a freguesia sente falta de um roteiro que se desenvolva no centro histórico de Carnide e que dê a conhecer o património e tradições que a freguesia ainda hoje possui.

Desta forma, crê que os itinerários temáticos possam ser um atrativo positivo para a freguesia conseguir aliciar novos turistas estrangeiros e, principalmente nacionais. Fábio vê nos itinerários uma forma positiva de também dar a conhecer a freguesia aos seus habitantes (“fazer com que todos os que aqui vivem, estudam e trabalham se sintam bem”).